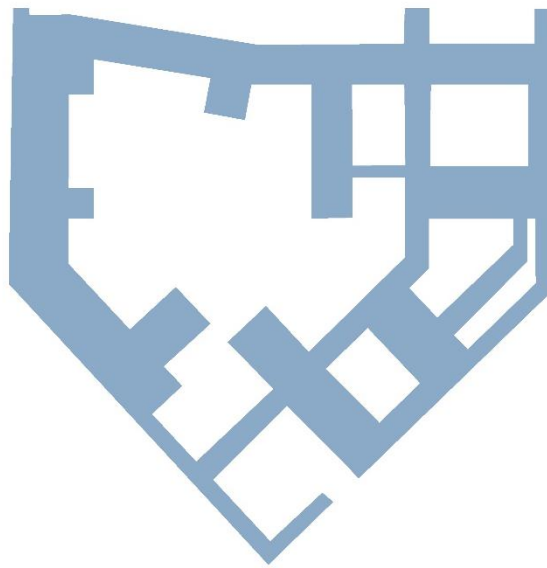


Habitação Coletiva Colaborativa

Fortalecer Relações Sociais Positivas



Demi Cheyen Goede

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
com especialização em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Ljiljana Čavić

Júris:

Presidente: Doutora Alessia Allegri

Vogal: Doutora Ljiljana Čavić

Vogal: Doutor Stefanos Antoniadis

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, julho, 2024

Habitação Coletiva Colaborativa

Fortalecer Relações Sociais Positivas

Demi Cheyen Goede

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, com especialização em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Ljiljana Čavić

Júris:

Presidente: Doutora Alessia Allegri

Vogal: Doutora Ljiljana Čavić

Vogal: Doutor Stefanos Antoniadis

Lisboa, FA ULisboa, julho, 2024

RESUMO

O Homem, ao assumir-se como membro complementar de uma sociedade, é um ser social. Sobretudo nas áreas metropolitanas onde coabitamos rodeados de indivíduos que não conhecemos e com pouca interação entre vizinhanças. A vida metropolitana (individualismo), é por vezes solitária, em contraste com a vida rural ou em pequenas aldeias (comunidade).

Atualmente, no século XXI, o individualismo alterou a vida social, tornando-a, por vezes mais, solitária, causando em várias pessoas uma necessidade de união que resulta na procura de uma vida alternativa.

Neste contexto, o objetivo essencial da elaboração do Projeto Final de Mestrado é a criação de uma habitação coletiva colaborativa (*cohousing*) em Setúbal, com o fim de promover laços sociais positivos entre residentes. A partir de uma reflexão crítica e metodológica, por via de arquitetura, pretende-se encontrar êxitos que auxiliem o fortalecimento de laços sociais positivos dentro de uma comunidade na vida urbana e quotidiana.

Este projeto situa-se no interior do Baluarte de Senhora do Livramento, em Setúbal, e é um elemento histórico para a cidade, mas que com o tempo foi esquecido. Com esta intervenção no interior do Baluarte e a restauração da sua área envolvente, nomeadamente, a frente ribeirinha pretende-se criar uma nova centralidade na cidade, que permite ligar a cidade ao Rio Sado e reviver a memória de Setúbal, respeitando a memória de uma estrutura de valor com a interligação de uma nova estrutura.

PALAVRAS-CHAVES

Baluarte | Setúbal | *Cohousing* | Habitação Colaborativa | Relações Sociais

ABSTRACT

Human being, as a complementary member of a metropolitan, is a social being. Especially in metropolitan areas, we live surrounded by individuals we don't know and have little interaction with. Metropolitan life (individualism) is sometimes solitary in contrast to rural or small village life (community).

Nowadays, in the 21st century, individualism has altered social life, sometimes making it more solitary, causing many people to feel a need to unite, resulting in a search for an alternative life.

Therefore, the main aim of the Final Master's Project is to create a collaborative collective housing (*cohousing*) in Setúbal, with the aim of promoting positive social ties between residents. From a critical and methodological reflection, through architecture, the intention is to find successes that help strengthen positive social ties within a community in urban and everyday life.

This project is located inside the Bastion of Senhora do Livramento in Setúbal and is a historic element of the city, but over time it has been forgotten.

With this intervention inside the bastion and the restoration of its surrounding area, namely the riverfront, the aim is to create a new centrality in the city, linking the city to the River Sado and reviving the memory of Setúbal, respecting the memory of a valuable structure with the interconnection of a new one.

KEYWORDS

Bastion | Setúbal | *Cohousing* | Collaborative Housing | Social Relationships

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por me terem dado esta possibilidade de realizar este curso. Por todo o apoio em todos os momentos e por sempre acreditaram em mim desde pequena.

Às minhas irmãs por todo o apoio, carinha e amor.

Ao Viriato, que me acompanhou desde o primeiro ano, que cresceu comigo neste percurso, por ter estado presente nos momentos bons e maus e pelo apoio psicológico, paciência e todo o amor.

À Rachèl, por estar sempre presente, mesmo estando fisicamente longe, por todo o apoio e conselhos que me transmitiu, por sempre acreditar em mim e me encorajar.

Ao Hugo, por todo o apoio ao longo destes anos.

Aos meus amigos, que estiveram comigo desde o primeiro momento neste percurso, sendo estes momentos bons e maus. Sem eles seria impossível.

Aos meus colegas, que estiveram sempre disponíveis para me ajudar.

À professora Ljiljana Čavić, por ter aceitado este desafio e me acompanhar neste percurso, pela sua criatividade, críticas, disponibilidade e carinho.

ÍNDICE

RESUMO V

ABSTRACT VII

AGRADECIMENTOS IX

ÍNDICE X

ÍNDICE DAS FIGURAS XII

ÍNDICE DE SIGLAS XXIV

1 | INTRODUÇÃO 26

1.1 Tema 27

1.2 Objetivos 28

1.3 Metodologia 29

1.4 Estrutura e organização 30

2 | DA UTOPIA A COHOUSING 32

2.1 Utopias 34

2.2 Comunidades intencionais 44

2.2.1 Auroville 46

2.2.2 Christiania 53

2.3 *Cohousing* 56

2.4 *Cohousing* além de Utopia e Comunidade Intencional 65

3 | ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO, ÁGUA E COHOUSING 72

3.1 Cidade e Água: a transformação das Frentes Ribeirinhas e Espaços Públicos 74

3.1.1 De volta ao Rio: a revitalização das Frentes Ribeirinhas e a incorporação da Água nos espaços públicos 76

3.2 *Cohousing* Urbano 84

3.3 Habitação colaborativa em Portugal 90

3.4 O poder da Arquitetura na criação de interações sociais positivas 94

3.4.1 Comunidade e privacidade 101

3.4.2 A arquitetura do *Cohousing* 106

3.5 Caso de Estudo - *La Borda* 122

3.6 Caso de Estudo -Bijgaardehof 136

4 | PROJETO - A PARTILHA DO BALUARTE 148

4.1 Mar e Terra: História e Enquadramento da Cidade e do Porto de Setúbal
152

4.2 Memória e Património 160

4.2.1 O Baluarte de Nossa Senhora do Livramento 162

4.3 Plano de Estratégias da Frente Ribeirinha de Setúbal 166

4.4 Projeto Urbano da Frente Ribeirinha 168

4.5 Projeto Base - A partilha do Baluarte 172

4.5.1 O programa 172

4.5.2 Organização espacial no interior do Baluarte 174

4.5.3 Espaço Público - Coworking 178

4.5.4 Espaço Comunitário - Habitação Colaborativa 182

4.5.5 Sistema Construtivo e Materialidade 194

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS 198

Bibliografia 200

Anexos 204

ÍNDICE DAS FIGURAS

2 | DA UTOPIA A COHOUSING

Fig.1 - Ilustração do livro cidades invisíveis do Ítalo Calvino . Eda Akaltun . 2009

Fonte: <https://www.edosatwork.com/Invisible-Cities>

2.1 Utopias

Fig.2 - Ilustração para a primeira edição do livro Utopia do Thomas More . Ambrosius Holbein . 1516

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Utopia_%28More_book%29#/media/File:Isola_di_Utopia_Moro.jpg

Fig. 3 - Retrato de Robert Owen, Helmolt . H.F. . 1902

Fonte: <https://collections.lib.utexas.edu/catalog/utlmisc:b2ba2e30-9c88-4a18-94aa-a375ff6dc1a9>

Fig.4- - Desenho de New Harmony, visão utópica do Robert . F.Bate . 1838

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:New_Harmony,_Indiana,_por_F._Bates.jpg

Fig.5 - Falanstério do Charles Fourier, Victor Considérant, 1829

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Phalanst%C3%A8re.jpg>

Fig.6 - Planta do Palácio de Versalhes . Sebastian Contreras . 1678

Fonte: <https://wiki.ead.pucv.cl/Archivo:2plantaversalles.jpg>

Fig.7 - Corte do Palácio Social . Jean-Baptiste André Godin . 1871

Fonte: <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/une-architecture-au-service-du-peuple/le-familistere-de-guise/le-palais-social>

Fig.8 - Metade de uma planta de um piso da habitação do Palácio Social. Jean-Baptiste André Godin . 1871

Fonte: <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/une-architecture-au-service-du-peuple/le-familistere-de-guise/le-palais-social>

Fig.9 - Baile no pátio do pavilhão central do Palácio Social, fotografia Marie-Jeanne Dallet-Prudhommeaux, 1897

Fonte: <https://www.familistere.com/fr/decouvrir/le-familistere-par-l-image/la-cour-du-pavillon-central-en-fete>

2.2 Comunidades Intencionais

2.2.1 Auroville

Fig 10 - A Mãe Mirra Alfassa . Henri Cartier Bresson . 1950

Fonte: <https://artcritique.files.wordpress.com/2013/07/divine-mother.jpg>

Fig 11 - Maquete da "Galaxy Plan" . Roger Anger . 1965

Fonte: <https://auroville.org/page/town-planning>

Fig 12 - Desenho das quatro zonas de Auroville. Mirra Alsfassa . 1965

Fonte: <https://auroville.org/page/galaxy-concept-of-the-city>

Fig.13- Evento no anfiteatro perto do Matrimandir, . auroville.org . Data desconhecida

Fonte: <https://auroville.org/page/auroville-s-sunrise-gatherings-661>

Fig. 14 - Corte da Matrimandir a escala 1.500 . Marta de Sousa e Castro . 2020

Fonte: Auroville - The sustainable laboratory, an alternative human Settlement . 2020 . p.29

Fig. 15 - Exterior da Casa da Parede, com os blocos de terra produzidos em Auroville, projetada pela Arquiteta Anupama Kundoo . Javier Callejas e Alka Hingorani . 2014

Fonte: <https://www.anupamakundoo.com/portfolio-item/wall-house/>

Fig.16 - Interior da Casa da Parede, com os blocos de terra produzidos em Auroville, projetada pela Arquiteta Anupama Kundoo . Javier Callejas e Alka Hingorani . 2014

Fonte: <https://www.anupamakundoo.com/portfolio-item/wall-house/>

2.2.2 Christiania

Fig.17 - Plana da Christiania escala 1:7000

Fonte: Space for Urban Alternatives? Christiania 1971-2011 . Håkan Thörn, Cathrin Wasshede e Tomas Nilson . 2011

Fig.18 - Entrada na Christiania no início dos anos 70 . Christiania.org . 1971

Fonte: <https://www.christiania.org/gallery/nggallery/christiania-1974/christiania-arkiv>

Fig.19 - A Casa de Vidro em Christiania . Karina Tengberg . 2017

Fonte: <https://www.houseofpictures.com/features/12805591-The-Glass-House>

Fig.20 - Arquitetura na Christiania . Klaus Thymann . 2011

Fonte: <https://www.klausthymann.com/curated/christania/>

Fig.21 - Arquitetura na Christiania . Klaus Thymann . 2011

Fonte: <https://www.klausthymann.com/curated/christania/>

Fig.22 - Interior da casa de Vidro . Karina Tengberg . 2017

Fonte: <https://www.houseofpictures.com/features/12805591-The-Glass-House>

2.3 Cohousing

Fig.23- Planta de implantação de Saettedammen de 1972, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fonte: *Creating Cohousing, Building Sustainable Communities* . 2011 . p.48

Fig.24 - Os residentes de Stacken, primeiro modelo de *cohousing* em Suécia . Mats Petterson . 1980

Fonte: <https://www.archdaily.mx/mx/925419/stacken-el-primer-modelo-de-cohousing-con-autogestion-trabajo-comunitario-y-feminismo-en-suecia/5d8ab7d5284dd1676d00012b-stacken-el-primer-modelo-de-cohousing-con-autogestion-trabajo-comunitario-y-feminismo-en-suecia-foto>

Fig.25 - Planta de implantação de Skråplanet, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig.26 - Skråplanet construído em 1972 . Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011

Fonte: *Creating Cohousing, Building Sustainable Communities* . 2011 . p. 41

Fig.27 - Planta de implantação de Trudeslund, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig.28 - As ruas pedonais rodeadas pelas casas, na Trudeslund na Dinamarca, construída em 1981 . Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . 2011 . p. 52

Fig.29 - Planta de implantação de Windsong, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig. 30- Convívio no átrio de WindSong em Canada . Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . 2011 . p.187

Fig.31 - Planta do primeiro piso de Swan's Market, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig.32 - Rua pedonal entre as habitações do *cohousing* de Swan's Market . Kathryn McCamant & Charles Durrett . 2011

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . 2011 . p.183

2.4 Cohousing além de Utopia e Comunidade Intencional

Fig.33 - Colaboração entre futuros residentes do Space-S e arquitetos . INBO . 2014

Fonte: <https://world-habitat.org/world-habitat-awards/winners-and-finalists/space-s/#outline>

Fig.34 - Maquetes dos fogos a escala humana 1:1 . INBO . 2014

Fonte: <https://world-habitat.org/world-habitat-awards/winners-and-finalists/space-s/#outline>

Fig.35 - Casa comum da comunidade de *cohousing* Marmalade Lane em Cambridge, Inglaterra. David Butler . 2019

Fonte: https://www.archdaily.com/918201/marmalade-lane-cohousing-development-mole-architects/5cf0a3a0284dd119c700011-marmalade-lane-cohousing-development-mole-architects-photo?next_project=no

Fig. 36 - Diagrama de Veno sobre as semelhanças e diferenças entre utopia, comunidade intencional e *cohousing*. Elaborado pela autora . 2024

3 | ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO, ÁGUA E COHOUSING

Fig.37 - Pintura do porto de Le Havre em França . Camille Pissarro . 1903

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/144232185@N03/32721076983/>

3.1 Cidade e Água: a transformação das Frentes Ribeirinhas e Espaços Públicos

Fig.38 - Planta Urbana a escala 1:4000 da cidade Telc . Jan Gehl . 2011

Fonte: Life Between Buildings . Jan Gehl pp. 84

Fig.39 - Planta Urbana a escala 1:4000 San Vittorino Romano . Jan Gehl . 2011

Fonte: Life Between Buildings . Jan Gehl . pp. 84

3.1.1 De volta ao Rio: a revitalização das Frentes Ribeirinhas e a incorporação da Água nos espaços públicos

Fig.40 - Pintura da Revolução Industrial em Lisboa . João Pedrozo . 1859

Fonte: <https://acervo.museudelisboa.pt/ficha.aspx?id=2246&ns=216000&origem=243034110118063018184247015098028182033108195128&museu=2&modo=album>

Fig.41 - Frente Ribeirinha de Vancouver, Canada após a sua restauração . Craig Collins . 2021

Fonte: <https://landezine.com/vancouver-waterfront-park/>

Fig.42 - Frente Ribeirinha de Vancouver, Canada após a sua restauração . LionsEyeAerials . 2021

Fonte: <https://landezine.com/vancouver-waterfront-park/>

Fig.43 - O Master Plan para a frente ribeirinha de Vancouver, Canada . PWL Partnership . 2021

Fonte: <https://landezine.com/vancouver-waterfront-park/>

Fig. 44 - Projeto de Ateliê Dreiseitl em Neu-Ulm, Alemanha . Dreiseitl . 2005

Fonte: <https://www.dreiseitlconsulting.com/heiner-metzger-platz>

Fig.45 - Projeto de Ateliê Dreiseitl em Hann.Münden, Alemanha . Dreiseitl . Data desconhecida

Fonte: <https://www.dreiseitlconsulting.com/watertraces-hannmunden>

Fig.46 - Planta da praça de água Benthemplein em Roterdão, Holanda . De Urbanisten . data desconhecida

Fonte: <https://www.urbanisten.nl/work/benthemplein>

Fig.47 - A praça de água Benthemplein com água . De Urbanisten . Data desconhecida

Fonte: <https://www.urbanisten.nl/work/benthemplein>

Fig.48 - A praça de água Benthemplein vazia . De Urbanisten . Data desconhecida

Fonte: <https://www.urbanisten.nl/work/benthemplein>

3.2 Cohousing Urbano

Fig.49 - Corte 3D do *cohousing* urbano Capitol Hill . Schemata Workshop . 2016

Fonte: <https://www.schemataworkshop.com/chuc>

Fig.50 - Diagrama do *cohousing* urbano Capitol Hill em Seattle . Schemata Workshop . 2016

Fonte: Communities, Issue #177, Winter 2017 - Making a Case for Urban *Cohousing*. Communities Magazine, p. 56

Fig.51 - Planta de localização de Foe Ooi Leeuw em Amsterdão . Elaborado pela autora

Fig.52 - Os habitantes de Foe Ooi Leeuw . Dirk Verwoerd . 2009

Fonte: <https://arcam.nl/architectuur-gids/foe-ooi-leeuw/>

Fig.53- Planta de localização do *cohousing* em Lehe . Elaborado pela autora

Fig.54 - Fachada do *cohousing* em Lehe antes da reabilitação . Dorit Fromm . 2012

Fonte: Seeding Community: Collaborative Housing as a Strategy for Social and Neighbourhood Repair . Dorit Fromm . 2012 . p. 373

Fig.55 - Fachada do *cohousing* em Lehe, depois da reabilitação com as varandas novas, um elevador e o novo pátio . Dorit Fromm . 2012

Fonte: Seeding Community: Collaborative Housing as a Strategy for Social and Neighbourhood Repair . Dorit Fromm . 2012 . p. 373

3.3 Habitação colaborativa em Portugal

Fig.56 - Apresentação de vários projetos no evento Novas Formas de Viver . Inês Leote . 2023

Fonte: <https://amensagem.pt/2023/11/26/cooperativas-de-habitacao-em-lisboa-novas-formas-de-viver/>

Fig.57 - Discussão prática entre participantes, cooperativas e arquitetos no evento Novas Formas de Viver . Inês Leote e Frederico Raposo . 2023

Fonte: <https://amensagem.pt/2023/11/26/cooperativas-de-habitacao-em-lisboa-novas-formas-de-viver/>

Fig.58 - Visita a exposição no CCB . Fotografia da autora . 2024

Fonte: Fotografia da autora . 14/04/2024

Fig.59- Visita a exposição no CCB . Fotografia da autora . 2024

Fonte: Fotografia da autora . 14/04/2024

3.4 O poder da Arquitetura na criação de interações sociais positivas

Fig.60 - As distâncias sociais baseadas nos argumentos no livro *The Hidden Dimension* do Edward Hall 1966 . Esquema elaborado pela autora . 2024

Fig. 61 - Uma ilustração sobre a habitação colaborativa que promove a ligações sociais e o apoio entre pessoas de todas as idades. . Emma Avery / Happy Cities . 2024

Fonte: <https://happycities.com/blog/driftwood-cohousing-community-wellbeing-benefits>

3.4.1 Comunidade e Privacidade

Fig.62 - Esquema sobre os casos de estudos e os seus espaços privados, semiprivados e comuns realizados pela Joanna Williams (2005) . Editado pela autora

Fonte: *Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing* . Joanna Williams . 2005 p.216

Fig. 63 - Diagrama sobre a transição entre espaço público e privado do Jan Gehl (2011). Editado pela autora

Fonte: *Life Between Buildings* . Jan Gehl . 2011 p. 59

Fig.64 - Espaço semiprivado virado para o espaço público com um muro baixo que separa o público e privado . Jan Gehl . 2010

Fonte: *Cities for People* . Jan Gehl . 2010 . p. 84

Fig.65 - As escadarias em Brooklyn, Nova Iorque, como diferenciação entre o espaço público e privado . Jan Gehl . 2010

Fonte: *Cities for People* . Jan Gehl . 2010 . p. 88

3.4.2 A arquitetura do Cohousing

Fig.66- Diferentes tipos de implementação em resultado dos percursos pedonais ou praças . McCamant & Durrett . 2011

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . McCamant & Durrett . 2011 . p.255

Fig.67 - Esquema das praças/pátios do *cohousing* Vindmøllebakken em Noruega . Elaborado pela autora

Fig.68 - Pátio interior coberto de vidro da Vindmøllebakken Housing em Noruega . Sindre Ellingsen . Data desconhecida

Fonte: https://www.archdaily.com/962820/vindmollebakken-housing-helen-and-hard/60b95b4ef91c81c73600003a-vindmollebakken-housing-helen-and-hard-photo?next_project=no

Fig.69 - Esquema de diferentes localizações da casa comum . Grace Kim . 2006

Fonte: *Designing the common house* . Grace Kim . 2006 . pp.97-99

Fig.70 - Planta do piso térreo da casa comum de Trudslund em Dinamarca, este é um modelo antigo dinamarquês do livro de McCamant & Durrett . editado pela autora

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . McCamant & Durrett . 2011 . p.53

Fig.71 - Planta de La Balma em Barcelona, Espanha, com a sala de convívio, cozinha ,espaço de refeições e outros espaços de comuns no piso térreo . Lacol . Data desconhecida

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/971310/edificio-cooperativa-la-balma-lacol-arquitetura-cooperativa-plus-laboqueria-taller-darquitectura-i-disseny/617b17f7f91c819931000043-edificio-cooperativa-la-balma-lacol-arquitetura-cooperativa-plus-laboqueria-taller-darquitectura-i-disseny-planta-baixa?next_project=no

Fig.72 - Sala de refeições de Vindmøllebakken Housing . Minna Suojoki . Data desconhecida

Fonte: <https://www.miesarch.com/work/4811>

Fig.73 - Cozinha e sala de refeições de Lange Eng . Stammers Kontor . 2019

Fonte: <https://arqa.com/en/architecture/lange-eng.html>

Fig.74 - Sala de estar de Warren, na Holanda . Jeroen Musch . Data desconhecida

Fonte: <https://www.archdaily.com/1001864/housing-cooperation-de-warren-natrufied-architecture/6478665220e8d306993e7551-housing-cooperation-de-warren-natrufied-architecture-photo>

Fig.75 - Esquema da distribuição das unidades privadas em torno de um pátio comum exterior ligado por caminhos pedonais de Tornevangsgarden, em Dinamarca . Elaborado pela autora

Fonte: *Creating Cohousing Building Sustainable Communities* . McCamant & Durrett . 2011 p.86

Fig.76 - Esquema da distribuição das unidades privadas ligadas por uma galeria comum exterior da habitação colaborativa Sofielunds, Malmo . Elaborado pela autora

Fonte: *Towards a new Existenzminimum: defining principles for the co-design of affordable collaborative housing* . Sara Brysch . 2023 . p.130

Fig.77 - Esquema da distribuição das unidades privadas em torno do espaço comum interior, Mehr als Wohnen . Elaborado pela autora

Fonte: *Towards a new Existenzminimum: defining principles for the co-design of affordable collaborative housing* . Sara Brysch . 2023 . p.91

Fig.78 - Modelo Dinamarquês do interior de *cohousing* . Elaborado pela autora a partir da planta do Livro de SchottHanson&SchottHanson

Fonte: *The Cohousing handbook - building a place for community* . SchotHanson&ScottHanson . 2005 . p.199

Fig.79 - Espaço semiprivado de La Bamba em Espanha . Milena Villalba . Data desconhecida

Fonte: <https://divisare.com/projects/466935-lacol-laboqueria-taller-milena-villalba-la-balma-housing-cooperative#lg=1&slide=12>

Fig.80- O interior da La Balma . Milena Villalba . Data Desconhecida

Fonte: <https://divisare.com/projects/466935-lacol-laboqueria-taller-milena-villalba-la-balma-housing-cooperative#lg=1&slide=17>

Fig.81 - Planta de La Balma, uma unidade privada com três quartos . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.82 - O interior da Mehr als Wohnen em Zurique . Johannes Marburg . 2015

Fonte: <https://dac.dk/en/knowledgebase/architecture/mehr-als-wohnen/#gallery-7>

Fig.83 - Planta de uma unidade privada com um quarto de Mehr als Wohnen . Elaborado pela autora na baseado nas plantas de Duplex Architekten

Fig 84 - Planta de uma unidade privada com quatro quartos de Mehr als Wohnen . Elaborado pela autora baseado nas plantas de Duplex Architekten

3.5 Caso de Estudo - La Borda

Fig.85 - Localização de La Borda . Elaborado pela autora

Fig.86 - Figuras sobre o número de habitações e agregados familiares na La Borda . Elaborado pela autora

Fig.87 - Desenho 3D da Localização de La Borda, Barcelona . LACOL . 2014

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/945797/edificio-la-borda-lacol/5d420f28284dd1d5f5000665-la-borda-lacol-site-axo?next_project=no

Fig.88 - Fachada Sul de La Borda . LACOL . 2017

Fonte: <https://www.lacol.coop/projectes/laborda/>

Fig.89 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas a comunidade (97%) e ao público (3%) . Elaborado pela autora

Fig.90 - Vista para o pátio central a partir das galerias . Frank Kaltenbach . Data desconhecida

Fonte: https://www.detail.de/de_en/la-borda-in-barcelona-von-lacol

Fig.91 - Análise dos espaços comuns e públicos do piso térreo da La Borda. Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.92 - Um corte 3D da La borda . LACOL . 2014

Fonte: <https://www.lacol.coop/projectes/laborda/>

Fig.93 - Análise do piso térreo da La Borda, com a identificações dos vários espaços comuns . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.94 - Análise dos espaços comuns e tipologias existentes no primeiro piso de La Borda . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.95 - Cozinha comum e a sala de refeições no piso térreo . Frank Kaltenbach . Data desconhecida

Fonte: https://www.detail.de/de_en/la-borda-in-barcelona-von-lacol

Fig.96 - Espaço comum/espço multiusos no primeiro piso . Lluc Miralles . Data desconhecida

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/945797/edificio-la-borda-lacol/5d420efd284dd1d5f5000663-la-borda-lacol-photo?next_project=no

Fig.97 - Análise dos espaços comuns e das tipologias existentes no quinto piso da La . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.98 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas aos espaços comuns (28%) e as unidades privadas (72%) . Elaborado pela autora

Fig.99 - Esquema das variações tipológicas da La borda . LACOL/ Modificado pela autora . 2014

Fonte: <https://www.lacol.coop/projectes/laborda/>

Fig.100 - Análise dos pisos 3 e 4 de La Borda, com a identificação dos módulos base, satélite e do núcleo . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.101 - Possibilidade de organização da tipologia S . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.102 - Possibilidade de organização da tipologia M . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig.103 - Possibilidade de organização da tipologia L . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

3.6 - Caso de estudo - Bijgaardehof

Fig. 104 - Planta de Localização de *Cohousing* Bijgaardehof em Gent, Bélgica . BOGDAN & VAN BROECK . 2018

Fonte: <https://www.bogdan.design/projects/bijgaardehof/>

Fig.105 - Figuras sobre o número de habitações e agregados familiares no *cohousing* Bijgaardehof. Elaborado pela autora

Fig. 106 - Esquema 3D com legenda das 3 comunidades e a sua envolvente . BOGDAN & VAN BROECK . 2018

Fonte: <https://www.bogdan.design/projects/bijgaardehof/>

Fig.107 - Vista aérea do *cohousing* Bijgaardehof com Gent ao fundo . Laurian Ghinitoiu . 2019

Fig.108 - Ilustração 3D da reabilitação e extensão do Parque Urbana Bijgaardepark . BOGDAN & VAN BROECK . 2018

Fonte: <https://www.bogdan.design/projects/bijgaardehof/>

Fig.109 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas ao público (4%) e a comunidade (96%). Elaborado pela autora

Fig.110 - Análise dos espaços públicos e comunitários do piso térreo de Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.111 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas aos espaços comuns exteriores (62%) e aos espaços comuns interiores (38%). Elaborado pela autora

Fig.112 - Análise da casa comum do *cohousing* Biotope da comunidade Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.113 - Análise da casa comum do *cohousing* De Spore da comunidade Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.114 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas as unidades privadas (80%) e aos espaços comuns interiores (20%). Elaborado pela autora

Fig.115 - Análise da disposição do espaço comum e das tipologias existentes no segundo piso de Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.116 - Análise da disposição e tipologia de apartamentos de 1 quarto e 3 quartos do *cohousing* Biotope no terceiro piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.117 - Análise da disposição e tipologia de apartamentos de 1 quarto e 3 quartos do *cohousing* Biotope no terceiro piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.118 - Análise da disposição e tipologia de apartamentos de 2 quartos e Estúdio do *cohousing* Wijngaard no sexto piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig.119 - Análise do interior dos apartamentos do *cohousing* Wijngaard no sexto piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

4 | Projeto- A partilha do Baluarte

Fig.120 - Esquema da proposta de Projeto . Elaborado pela autora

Fig.121 - Pintura de aguarela do Porto de Setúbal . E.Casanova . 1866 . coleção particular de Madureira Lopes

Fonte: Porto de Setúbal - Um actor de desenvolvimento . Maria Quintas . APSS. p.190

4.1 Mar e Terra: História e Enquadramento da Cidade e do Porto de Setúbal

Fig.122 - Enquadramento de Setúbal . Elaborado pela autora . 2024

Fig.123 - Enquadramento de Setúbal . Elaborado pela autora . 2024

Fig.124 - Planta da vila de Setúbal entre 1670-80 com a presença da muralha medieval e partes da muralha seiscentista . Cosmógrafo Coronelli Coleção de Madureira Lopes . 1670-80

Fonte: Fornecido pelo Docente Pedro Rodrigues na Unidade Curricular de Laboratório de Projeto VI 2022/2023

Fig.125 - Planta da Praça e vila de Setúbal com a muralha medieval e seiscentista . Levantada por Maximiano José de Serra, desenhada por Caetano José Parreiras . 1820

Fonte: Fornecido pelo Docente Pedro Rodrigues na Unidade Curricular de Laboratório de Projeto VI 2022/2023

Fig.126 - Início da construção do porto de Setúbal nos anos de 1900 . UF Setúbal .
Data Desconhecida

Fonte: <https://www.uf-setubal.pt/sabados-com-historia/1180-100-anos-do-porto-de-setubal>

Fig.127 - Evolução da linha de água de Setúbal ao longo dos séculos . Elaborado pela autora . 2023

4.2.1 O Baluarte de Nossa Senhora do Livramento

Fig 128 - Planta de Setúbal, com as muralhas identificadas à vermelho, esc. 1.8000 – Editado pela autora.

Fonte: Documento fornecido pelo Docente Pedro Rodrigues na Unidade Curricular de Laboratório de Projeto VI 2022/2023

Fig 129 - Identificação dos dois Baluartes e das três docas de Setúbal . Elaborado pela autora

Fig.130 - Doca Seca à frente do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento . Tirado pela autora . 2023

Fig.131 - Exterior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento com os danos e o estacionamento visíveis . Tirado pela autora . 2022

4.3 Plano de Estratégias da Frente Ribeirinha

Fig.132 - Planta de análise dos espaços cheios (preto) e vazios (branco) em Setúbal . Elaborado pela autora . 2022

Fig.133 - Planta de análise sobre as áreas de afastamento do rio, vermelho significa sem contacto e vermelho tracejado significa contacto limitado . Elaborado pela autora . 2022

Fig.134 - Comparação entre a linha de costa da proposta urbana e a linha de costa atual . Elaborado pela autora . 2023

Fig.135 - Planta da proposta urbana esc. 1.1000 . Elaborado pela autora

Fig.136 - Diagrama do programa do interior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento . Elaborado pela autora

Fig.137 - Esquemas, o primeiro é sobre os dois acessos para o interior do Baluarte, segundo é sobre o espaço dedicado ao público e espaço dedicado a comunidade e terceiro é sobre a forma . Elaborado pela autora

Fig.138 - Planta de cobertura escala 1.500 . Elaborado pela autora

Fig.139 - Diagrama com a identificação da área dedicada ao espaço de Coworking (amarelo) e da área dedicada a comunidade (azul) . Elaborado pela autora

Fig.140 - Planta do espaço público, com a cota 4.4 com a escala 1.200 . Elaborado pela autora

Fig. 141 - Diagrama com a identificação da circulação principal da comunidade de habitação colaborativa (azul) . Elaborado pela autora

Fig.142 - Diagrama com a identificação do espaço exterior comum (verde) e da praça principal comum (tracejado) da comunidade de habitação colaborativa . Elaborado pela autora.

Fig.143 - Planta da cota 6.2, com a identificação dos espaços comuns da habitação colaborativa, escala 1.200 . Elaborado pela autora.

Fig.144 - Corte da sala de silêncio . Elaborado pela autora.

Fig.145 - Diagrama com a identificação dos blocos norte e sul e da casa comum, na habitação colaborativa . Elaborado pela autora.

Fig.146 - Planta e análise da tipologia S . Elaborado pela autora

Fig.147 - Planta e análise da tipologia M . Elaborado pela autora

Fig.148 - Planta e análise da tipologia L . Elaborado pela autora

Fig.149 - Plantas e Cortes esquemáticos dos dois blocos de habitação . Elaborado pela autora

Fig.150 - Planta da estrutura, com a identificação da malha estrutural e dos pilares . Elaborado pela autora

Fig.151 - Alçado da fachada do bloco sul, escala 1.50 . Elaborado pela autora

ÍNDICE DE SIGLAS

PFM - Projeto Final de Mestrado

PGU - Plano Geral de Urbanização

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Educação, a Ciência e a Cultura

BIG - *Bo I Gemenskap*

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IHRU - Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana

PRR - Plano de Recuperação e Resiliência português

1 | INTRODUÇÃO

1.1 Tema

A principal temática para este Projeto Final de Mestrado (PFM) consiste na requalificação da frente ribeirinha de Setúbal, com foco específico no Baluarte de Nossa Senhora do Livramento de Setúbal, utilizando o conceito emergente de *cohousing*.

O baluarte encontra-se em estado de degradação e esquecimento, contudo possui uma memória histórica significativa, pois outrora demarcava a linha costeira de Setúbal.

Setúbal é a capital do Distrito de Setúbal e pertence à Área Metropolitana de Lisboa. Desenvolveu-se a partir do Rio Sado, um elemento crucial para o seu crescimento. Contudo, a relação física da cidade com o rio enfraqueceu ao longo do tempo. Atualmente, Setúbal está em processo de requalificação da sua frente ribeirinha e da valorização de seu património, incluindo os baluartes e as partes existentes da muralha seiscentista.¹

A requalificação da frente ribeirinha de Setúbal, neste projeto, acontece devido à degradação ocorrida após a industrialização, que deixou vastas áreas ocupadas por fábricas devolutas e terrenos abandonados. Além disso, existe uma desconexão entre cidade e rio, resultando numa frente ribeirinha subutilizada e pouco frequentada.

¹ - Isto é demonstrado no documento : "Proposta de alteração da delimitação da classificação das Muralhas, torres, portas, cortinas e baluartes do Centro Histórico de Setúbal" República Portuguesa (2016)

1.2 Objetivos

A revitalização da frente ribeirinha consiste na incorporação de uma abordagem inovadora de habitação (*cohousing*) no interior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento, respeitando e valorizando a sua memória histórica. Além disso, propomos uma componente pública para que tanto os residentes da cidade, quanto os visitantes possam vivenciar este elemento histórico.

O principal objetivo é criar uma habitação coletiva colaborativa (*cohousing*) em Setúbal, no interior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento, com o fim de promover laços sociais positivos entre residentes e ao mesmo tempo valorizar e restaurar a frente ribeirinha de Setúbal. Para alcançar este objetivo, é fundamental encontrar uma harmonia entre os elementos novos e antigos, recuperar a memória histórica de Setúbal bem como a conexão entre o rio e a cidade, compreender o conceito e a história de *cohousing* e adaptá-lo ao contexto nacional. Também é fundamental encontrar um equilíbrio entre o público e privado dentro do Baluarte e na comunidade de *cohousing*, garantindo aos residentes um espaço íntimo e privado, bem como um espaço social. Isso significa que o foco do estudo a realizar não se limita apenas nos espaços comuns, mas devem estar em equilíbrio constante com os espaços privados.

Assim, pretende-se introduzir uma nova abordagem de habitação dentro do Baluarte transformando esta área em uma nova centralidade junto ao rio, criando uma dinâmica que equilibre o acesso ao património por qualquer indivíduo conciliado pelo funcionamento da comunidade (*cohousing*). O projeto não só preserva e valoriza o património cultural, mas também forma um ambiente inclusivo, onde os residentes e visitantes podem usufruir de um espaço que combina história, modernidade e vida comunitária.

1.3 Metodologia

O Projeto Final de Mestrado foi um processo evolutivo desenvolvido através da recolha de informações de diversas fontes, com o objetivo de adquirir um maior conhecimento sobre o tema. Este é composto por dois componentes interligados e igualmente importantes - teórico e projetual. O desenvolvimento deste trabalho ocorreu em cinco fases:

FASE I

A visita ao local, foi fundamental para o desenvolvimento do conceito e do tema, bem como a identificação de problemáticas existentes na cidade. Durante a visita, foram observados elementos que só podem ser compreendidos na prática, como o ambiente, os cheiros, as vistas, a população envolvente e os seus costumes, sons, cores e ventos. Estes componentes são essenciais para o entendimento do lugar.

FASE II

Nesta fase foi realizada a recolha e análise de informações teóricas para aprimorar o conhecimento sobre o lugar e a sua evolução histórica, bem como o tema e o conceito do projeto.

FASE III

Realizou-se o desenvolvimento do projeto, em paralelo com o desenvolvimento teórico, esta fase incluiu a análise do espaço urbano e a sua requalificação, a construção de um programa, a criação da forma e implantação, a definição dos espaços exteriores e interiores, o desenvolvimento do sistema construtivo e a elaboração de maquetes de estudo.

FASE IV

Nesta fase, foram desenvolvidos os desenhos técnicos e renders do projeto.

FASE V

A fase final consistiu na finalização dos painéis e maquetes finais, bem como na finalização do documento escrito.

1.4 Estrutura e organização

A estrutura e organização do trabalho dividem-se em duas partes: a teórica e a prática, que foram desenvolvidas simultaneamente. A componente teórica fundamenta a proposta de projeto e é desenvolvida em três capítulos: **Da Utopia a *Cohousing*; Espaços de Socialização, Água e *Cohousing*; Projeto – A Partilha do Baluarte.**

No capítulo 2, **Da Utopia a *Cohousing***, visa-se conhecer e comparar três vertentes de comunidade. Começa pelas Utopias, que representa a criação de comunidades perfeitas, embora irrealistas. De seguida, comunidades intencionais, exemplificadas por: Auroville e Christiania, que são comunidades reais e existentes. Por último, analisa-se o contexto histórico e teórico do *cohousing*, uma abordagem recente de habitação alternativa. Estas três vertentes são comparadas no último subcapítulo, onde destacam-se as suas semelhanças e diferenças.

No capítulo 3, **Espaços de Socialização, Água e *Cohousing***, procurou-se conhecer o contexto histórico das frentes ribeirinhas e as formas de restauração e revitalização desses espaços. Bem como a importância da incorporação da água nos espaços urbanos e como isso pode revitalizar a cidade. Dado que Setúbal é uma cidade, procurou-se entender como o conceito de *cohousing* pode integrar-se na cidade e no contexto nacional. Ainda neste capítulo é aprofundado o conceito de *cohousing*, analisando como este pode incentivar relações sociais, manter a privacidade e o funcionamento dos aspetos arquitetónicos. O capítulo termina com dois casos de estudos, uma habitação cooperativa em Espanha – La Borda e uma habitação colaborativa em Bélgica – Bijgaardehof.

No capítulo 4, **Projeto – A Partilha do Baluarte**, primeiro investigou-se o desenvolvimento urbano e histórico de Setúbal e do seu porto, bem como a importância dos seus sistemas defensivos, particularmente o Baluarte de Nossa Senhora do Livramento. Para a preservação do mesmo foi necessário entender certos elementos teóricos sobre a memória e a sua preservação. De seguida, apresenta-se o projeto. Este divide-se entre as análises da cidade, o plano estratégico para a requalificação da frente ribeirinha, o projeto urbano e o projeto base. É neste capítulo onde se fundamenta as várias escolhas arquitetónicas feitas ao longo do processo.

2 | DA UTOPIA A *COHOUSING*



2.1 Utopias

Utopia, o seu conceito e definição surgiram em 1516, a partir do livro Utopia, de Thomas More. Contudo as primeiras ideias sobre uma sociedade coletiva imaginária foram descritas pelo filósofo grego Platão. (Vestbro, 2008) A palavra Utopia é formada a partir de derivações gregas, a partícula "topos", que significa - lugar -, e da partícula "ou", que significa -nenhum-, significando assim "não-lugar", sendo isto um lugar não físico, um lugar fictício. (Reis, 2020)

Legenda da página anterior

Fig. 1 - Ilustração do livro cidades invisíveis do Ítalo Calvino . Eda Akaltun . 2009

As Utopias são críticas ao presente, nomeadamente, expressões de insatisfação face aos problemas da sociedade, os pensadores visam uma vida melhor. Mas, por vezes, essas visões são radicais ou ideias invulgares. (Sargisson, 2012) A crítica de Thomas More era sobre as desigualdades existentes na sociedade, ele visionava uma comunidade ideal, perfeita e feliz, onde os residentes partilhavam espaços comuns, como refeitórios, e várias instalações de lazer. (Vestbro, 2008)



Fig. 2 - Ilustração para a primeira edição do livro Utopia do Thomas More . Ambrosius Holbein . 1516



Robert Owen (Fig.3) explorou o tema da comunidade ideal, por volta de 1800, desenhou uma comunidade utópica, chamada *Parallelogram* ou Oweniana. Esta comunidade tinha um limite de 2000 habitantes em que as mulheres e os homens tinham os mesmos direitos. Existiam espaços comuns como, refeitórios, espaços desportivos, escolas, bibliotecas e habitações privadas. (Vestbro, 2008) Entusiasmado com as suas visões, Owen, adquiriu uma propriedade em 1825, no Norte dos Estados Unidos, mais precisamente no estado Indiana, onde pretendia fundir a sua comunidade, que se chamava *New Harmony*,(Fig. 4) infelizmente o seu sonho não foi alcançado e teve de abdicar dele. (Zagalo, 2015)

Fig. 3 - Retrato de Robert Owen, Helmolt, H.F. , 1902



Fig. 4 - Desenho de New Harmony, visão utópica do Robert . F.Bate . 1838

Charles Fourier, criticava o conflito existente entre as diferentes classes sociais e considerava as cidades da sua época o exemplo de desordem e desigualdade. (Zagalo, 2015) Fourier chamou a sua comunidade ideal de: Falanstério (Fig. 5), que foi comparada, pelo Fourier, ao Palácio de Versailles (Fig. 6). Nesta comunidade existiam espaços comuns como, cozinhas comuns, refeitórios, escolas, teatros, espaços para a realização de *workshops*, grandes jardins e áreas agrícolas. As praças localizadas na cidade, eram consideradas o símbolo da união da sociedade e era onde se reuniam. (Zagalo, 2015)

“O complexo funcionaria de modo semelhante ao de uma cidade, com a organização espacial dependendo dos usos. (...) A distribuição seria feita por longas galerias, cobertas ou fechadas, para onde abririam todos os fogos, de forma a fomentar a comunicação entre os habitantes.” (Zagalo, 2015, pp. 47-48)

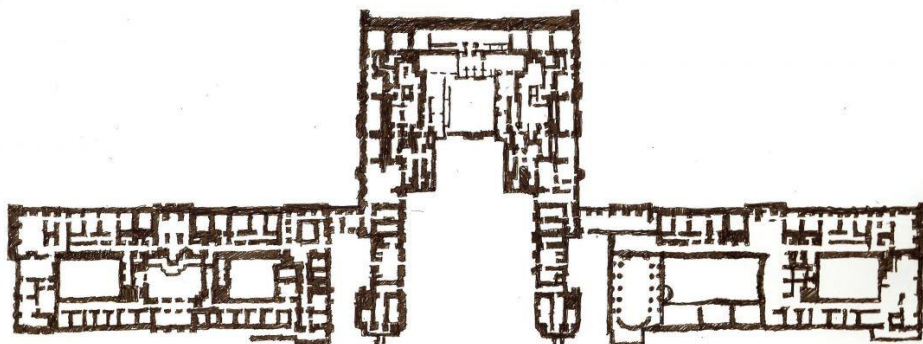
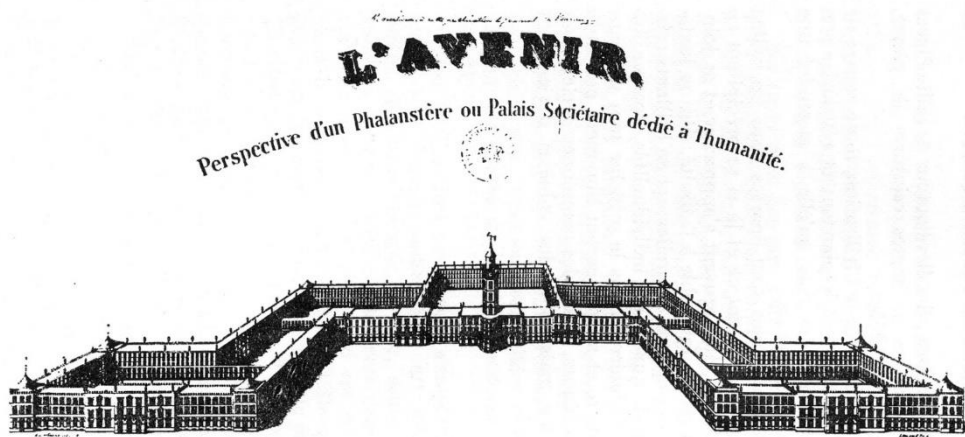


Fig. 5 - Falanstério do Charles Fourier, Victor Considérant, 1829

Fig. 6 - Planta do Palácio de Versalhes . Sebastian Contreras .1678

Jean-Baptiste André Godin, que se inspirou nas ideias de Charles Fourier, elaborou, em 1854, a sua visão de Falanstério, sendo esta chamada de: Familistério. Esta comunidade foi construída em Guise, França. Godin seguiu algumas ideias de Fourier, porém mais realistas. (Vestbro, 2008)

O Familistério tinha como objetivo proporcionar aos operários uma qualidade de vida semelhante à da burguesia, este era constituído por três unidades habitacionais interligadas, que formam um único edifício, chamado de Palácio Social. Estas unidades tinham os fogos organizados em torno de uma praça central (Fig.9), coberta por uma cobertura de vidro. Os acessos às habitações eram feitos através de galerias, que estavam viradas para a praça comum, incentivando a convivência entre os moradores. Atualmente o Familistério funciona como um museu e as suas unidades privadas como habitações. (Zagalo, 2015)

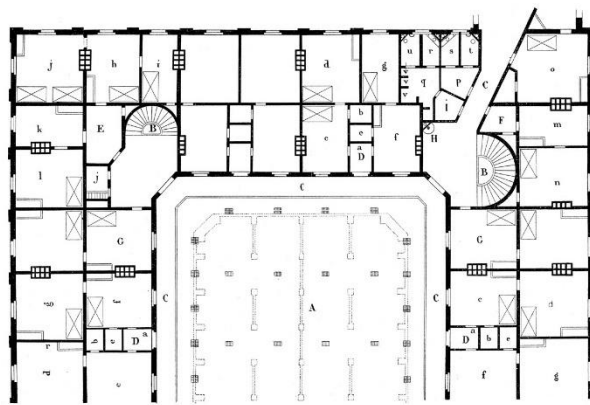
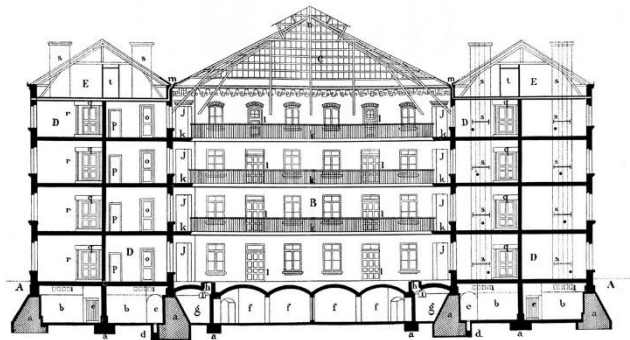


Fig. 7 - Corte do Palácio Social . Jean-Baptiste André Godin . 1871

Fig. 8 - Metade de uma planta de um piso da habitação do Palácio Social . Jean-Baptiste André Godin . 1871

Fig. 9 - Baile no pátio do pavilhão central do Palácio Social fotografia Marie-Jeanne Dallet-Prudhommeaux, 1897

“O princípio da esperança pode conduzir à manifestação das imagens utópicas na realidade, situando-se entre o desejo e a concretização e constituindo-se enquanto motor e impulso para a acção.” (Reis, 2020, pp.81)

Como explica a autora, a constante esperança e desejo, dos autores pela criação da Utopia, é uma das forças motrizes para a criação do mesmo.

É a partir da utopia, que se abre uma possibilidade diferente do mundo real, um caminho de pensamento, experimentação e ação, que corresponde à expansão das dimensões possíveis, é o desejo de explorar o desconhecido e a esperança de, através dele, encontrar outras possibilidades. (Reis, 2020)

O uso do pensamento utópico na arquitetura estimula a postura crítica em relação à atualidade, servindo como uma estratégia para a criação de propostas alternativas. A utopia e a arquitetura estão intimamente ligadas no que diz respeito à imaginação de uma alternativa ao existente. (Reis ,2020)

2.2 Comunidades Intencionais

As comunidades intencionais, são grupos de pessoas que optam por viver com um propósito comum e vivem um estilo de vida que reflita os seus valores fundamentais, estas vivem predominantemente em terrenos rurais ou na cidade. (Kozeny, 1995)

Existem sete pontos de partida para a definição de comunidades intencionais (Miller, 1998):

1 - Um sentido de propósito comum e de separação da sociedade dominante; 2 - Alguma forma de sacrifício, de supressão voluntária da escolha individual, pelo bem comum; 3-Proximidade geográfica; 4 - Interação pessoal; 5- Compartilha económico; 6-Existência real; 7- Massa crítica.

Os membros das comunidades intencionais, tendem a escolher voluntariamente viver nelas, com o desejo de viver com pessoas que partilham um ou mais objetivos. A distância entre a sociedade dominante e a insatisfação com a mesma são argumentos fundamentais para a escolha de criar e viver em comunidades intencionais. O comunitarismo² baseia-se na procura do bem comum, com um certo grau de restrição do individualismo, por esta razão é fundamental que a limitação da escolha individual seja voluntária. (Miller, 1998).

¹ - Comunitarismo- "doutrina que critica tanto o individualismo quanto o coletivismo e que advoga a defesa da liberdade individual ao mesmo tempo que coloca a comunidade como ponto central da organização social." Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunitarismo>

“(...) cada um destes grupos atribui uma elevada prioridade à promoção de um sentido de comunidade - um sentimento de pertença e de apoio mútuo que é cada vez mais difícil de encontrar na sociedade ocidental dominante” (Kozeny, 1995, pp.7)

2.2.1 Auroville



Auroville, é uma comunidade intencional fundada em 1968, no sul da Índia, pela Mirra Alfassa, - 'A Mãe' (Fig. 10), discípula de Sri Aurobindo Ghosh, cuja visão foi possível a construção de Auroville. A comunidade começou com uma experiência utópica e foi considerada, mais tarde, uma experiência social. (Auroville Foundation, 2004).

O projeto para Auroville ficou conhecido como "The Galaxy Plan" (Fig.11), este foi projetado pelo arquiteto francês Roger Anger em 1965, com base nas visões da Alfassa inspiradas pelas visões do Sri Aurobindo. O projeto consiste na divisão de Auroville em quatro áreas: cultural, industrial, internacional e residencial. (Fig.12) (Jazeel, 2023)

Auroville foi construída em terrenos abandonados, com algumas aldeias ao seu redor. O plano urbanístico da cidade foi concebido para conter 50.000 habitantes, no entanto, este número ainda não foi atingido. (Jazeel, 2023)

Fig. 10 - A Mãe Mirra Alfassa . Henri Cartier Bresson . 1950

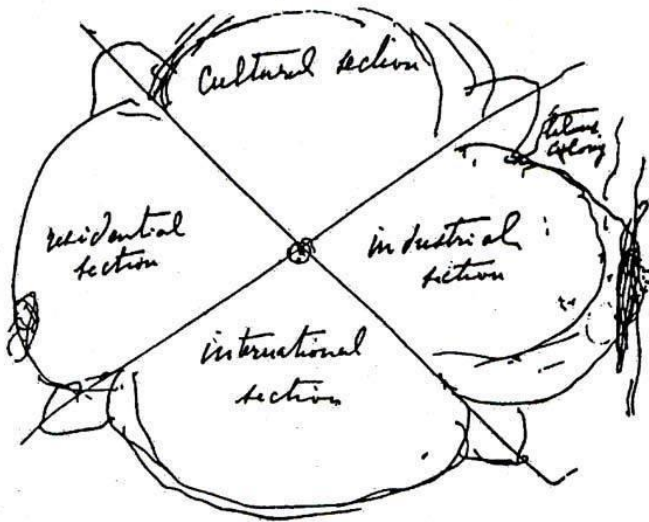


Fig. 11 - Maquete da "the Galaxy Plan" . Roger Anger . 1965

Fig. 12 - Desenho das quatro zonas de Auroville. Mirra Alsfassa . 1965

No centro da cidade, localiza-se uma esfera de ouro, chamada Matrimandir (Fig.13), é o núcleo simbólico e espiritual da cidade, a câmara interior da mesma é um local de silêncio e concentração. A esfera está rodeada por um anfiteatro, sendo esta utilizada para sessões de meditações e eventos coletivos. (Kapoor, 2007) Contudo, existem opiniões diferentes em relação à sua representação estética, segundo Arnaud³, a utilização do ouro não é adequada para a sua localização e é um desrespeito à Índia, um país em que a maioria das pessoas não têm as necessidades básicas. (Jazeel, 2023)

³ - um jardineiro francês nascido em Auroville

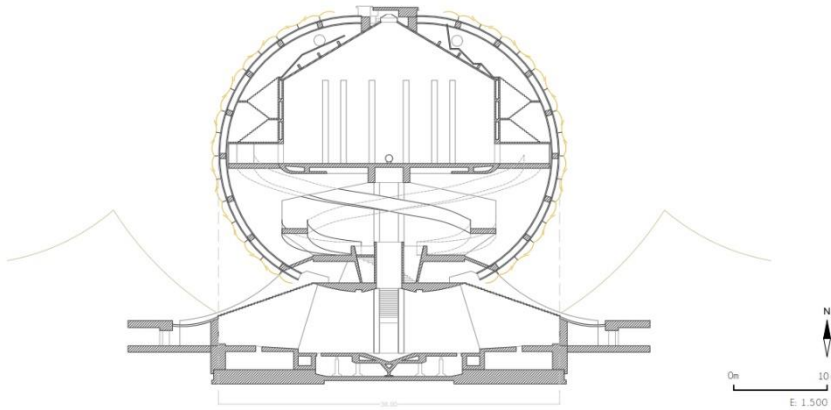


Fig. 13 - Evento no anfiteatro perto da Matrimandir, auroville.org . Data desconhecida

Fig. 14 - Corte da Matrimandir a escala 1.500 . Marta de Sousa e Castro . 2020

Nos últimos anos, com o apoio da UNESCO e do Governo da Índia, Auroville tem explorado formas inovadoras de governar, implementar sistemas económicos, educacionais, de planeamento urbano e de tecnologias renováveis. (Auroville Foundation, 2004) Todos os habitantes deverão contribuir para as necessidades da comunidade ao praticar uma atividade, tendo em conta com as capacidades e prioridades individuais. Os residentes não recebem dinheiro físico pelos trabalhos, nem existem trocas financeiras, como na economia convencional⁴ (Auroville Foundation, 2004).

Não existe um estilo arquitetónico específico em Auroville, contudo, existe uma variedade de formas inovadoras de arquitetura regional, focadas na utilização de materiais térreas (Fig.15 e Fig.16) e na sustentabilidade (Jazeel, 2023). Foi com base nisto, que em 1989 foi criado o Instituto de Terra de Auroville⁵, que iniciou, assim, uma nova era de arquitetura em terra.(Satprem, 2010).

⁴ no entanto, é fornecido a cada residente uma conta, que está conectada com a conta central. Têm de trabalhar para a comunidade durante pelo menos cinco horas por dia, desse modo, recebem serviços e direitos suficientes para despesas básicas.(Auroville Foundation, 2004)

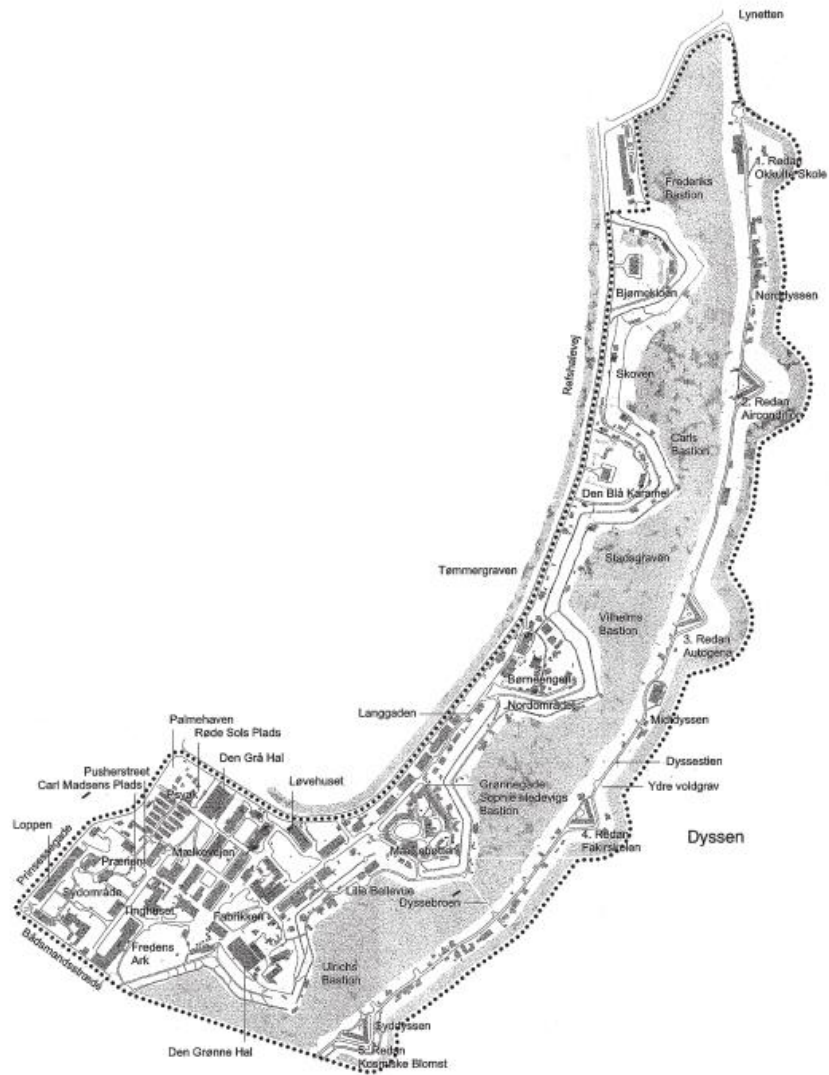
⁵ Instituto de Terra de Auroville - Nome original - *Auroville Earth Institution* (AVEI) - inspirou-se nas tradições de arquitetura de Terra, espalhados pelo mundo, como Shey Palace em India. Fazem os seus próprios blocos de terra, utilizam a terra da zona e misturam com areia e 5% de cimento. O objetivo do Instituto, para além de pesquisar, desenvolver e promover as tecnologias terrestres, é ensinar estas tecnologias aos habitantes, possibilitando assim a construção das próprias habitações.(Satprem, 2010)



Fig. 15 - Exterior da Casa da Parede, com os blocos de terra produzidos em Auroville, projetada pela Arquiteta Anupama Kundoo . Javier Callejas e Alka Hingorani . 2014



Fig. 16 - Interior da Casa da Parede, com os blocos de terra produzidos em Auroville, projetada pela Arquiteta Anupama Kundoo . Javier Callejas e Alka Hingorani . 2014



1:7000

Map: Hasløv & Kjærsgaard.

Fig. 17 - Christiania no início dos anos 70 . Christiania.org . 1971

2.2.2 Christiania

A Christiania, em Copenhaga, Dinamarca, também conhecida como *'Freetown Christiania'*, foi formada em 1971, quando um grupo de indivíduos ocupou um quartel militar abandonado (Fig.18) devido à crise habitacional. Inicialmente, era composta por *hippies*, criminosos, jovens e artistas, que adaptavam uma abordagem liberal. Esta comunidade é considerada anarquista e funciona como uma comunidade autónoma (Thörn et al., 2011).

O objetivo, como sugerido pelo nome - *'Freetown'*, era construir uma sociedade de raiz, mais livre do que aquela em que viviam. A comunidade considera-se independente da Dinamarca e da União Europeia, como indicado pela placa na saída da cidade: *"You are now entering the EU"*. Em 1973, o partido Social Democrático da Dinamarca, atribuiu à Christiania o estatuto oficial de um experimento social, mas este foi temporário. (Thörn et al., 2011)

Atualmente, habitam cerca de 850 indivíduos⁶ na Christiania. Esta comunidade possui regras e regulamentos próprios e é considerada uma experiência social única. (Thörn et al., 2011)



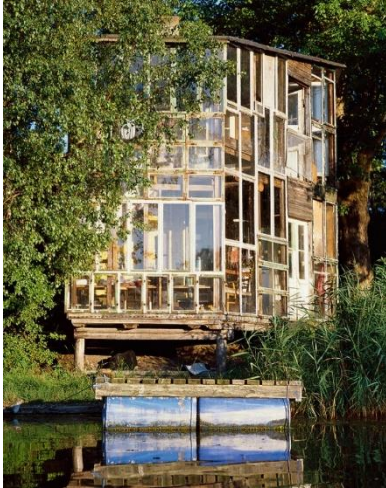
Fig. 18 - Entrada na Christiania no início dos anos 70 . Christiania.org . 1971

⁶ Cerca de 650 adultos e 200 crianças, segundo a página oficial da Christiania: <https://www.christiania.org/info/pages-in-english/>

No início do seu desenvolvimento os habitantes não seguiam as restrições de zoneamento, e por esta razão, a arquitetura desenvolveu-se sob o etos⁷, resultando em diversas construções sustentáveis e ecológicas com diversas matérias, tornando a área única e cultural. (Bøggild, 2011). Existem várias áreas comuns dedicadas ao lazer e cada residente é responsável pela própria casa e pelo melhoramento e manutenção das áreas comuns. (Christiania, 2018)

O êxito de Christiania deveu-se ao facto de ter sido construída e moldada pelos próprios residentes ao longo dos anos. Embora, não seja uma comunidade perfeita, devido aos conflitos com a polícia e o governo, esta continua a atrair moradores e a inspirar turistas, estudantes, artistas, arquitetos e sociólogos. Os seus fatores de inspiração incluem a consciência e a responsabilidade ambiental, a construção ecológica e sustentável, como por exemplo a Casa de Vidro (Fig.19 e 22), os sistemas biológicos de tratamento de águas residuais, as energias alternativas e os sistemas de compostagem. (Thörn et al., 2011)

⁷ - "Conjunto dos costumes e práticas característicos de um povo em determinada época ou região."
"etos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/etos>.



19



20



21



22

Fig. 19 - A Casa de Vidro em Christiania . Karina Tengberg . 2017

Fig. 20 - Arquitetura na Christiania . Klaus Thymann . 2011

Fig. 21 - Arquitetura na Christiania . Klaus Thymann . 2011

Fig. 22- O interior da Casa de Vidro em Christiania . Karina Tengberg . 2017

2.3 Cohousing

“O ‘co’ é geralmente sinónimo de um dos seguintes termos: colaborativo, comum ou coletivo, incluindo assim, sob a sua designação, um vasto número de conceitos de habitação de comunidade” (Sousa, 2022, p.37)

O conceito de *Cohousing* é definido como uma habitação que inclui mais espaços e serviços comuns do que uma habitação tradicional, onde os indivíduos partilham esses espaços e serviços. O termo foi criado por Charles Durrett e Kathryn McCamant, que estudaram o modelo dinamarquês *bofællesskab* (literalmente, viver em comunidade). Este conceito abrange vários tipos de habitação e é equivalente aos termos portugueses - Habitação colaborativa, habitação coletiva e coabitação. A palavra *cohousing* é mais utilizada internacionalmente para definir este tipo de habitação. (Vestbro, 2010)

O primeiro modelo de *cohousing* - Sættedammen - surge em 1972 perto de Copenhaga, Dinamarca. Esta foi construída por 27 famílias, inspiradas por um artigo da Bodil Graae⁸, que defendia que as crianças deveriam ter cem pais. (Lietaert, 2010).

As famílias juntamente com Bodil Graae e Jan Gudmand-Høyer⁹, criaram as primeiras comunidades de *cohousing* - Sættedammen (Fig.23) e Skråplanet (Fig.25). Assim sendo, Jan Gudmand-Høyer foi o pioneiro do conceito de *cohousing* conhecido como *bofællesskab*, na Dinamarca (literalmente, viver em comunidade) (McCamant & Durrett, 2011)

⁸ - Graae, Bodil - “Børn skal have hundrede forældre” (Literalmente, as crianças deveriam ter cem pais), Politiken, 1967

⁹ - Jan Gudmand-Høyer “(1938-2017) arquiteto dinamarquês, qualificou-se em 1960, e estudou durante o ano seguinte 1960-61 na Universidade de Harvard, em Boston, E.U.A. Planeou, projetou e viveu a maior parte da sua vida num dos primeiros projetos de *cohousing*, Skråplanet.” (Sousa, 2022)

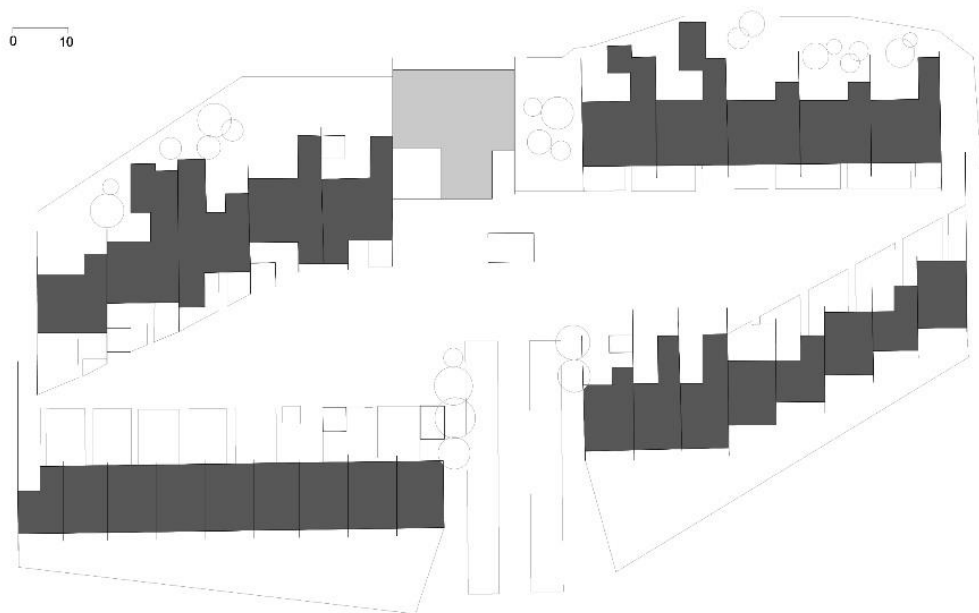


Fig. 23 - Planta de implantação de Saettedammen de 1972, escala 1.1000 . Editado pela autora

No final de 1970, um grupo chamado BIG -*Bo / Gemenskap* - que significa Viver em Comunidade, criticou o modelo tradicional de habitação por isolar as mulheres e propôs a execução conjunta das tarefas domésticas, o que inspirou diversos novos projetos de *cohousing* (Zagalo, 2015). É neste contexto que, em 1979, o Professor Lars Ågren¹⁰ transformou os apartamentos devolutas, no bairro de Bergsjön (um bairro problemático), em Gothenburg, Suécia, em unidades de *cohousing*. - Stacken (Fig.24), marcando o início da cooperação entre município, arquitetos e habitantes (Vestbro, 2008)

O conceito de *cohousing* espalhou-se rapidamente por outros países europeus, inicialmente na Suécia. Posteriormente, na Holanda, (Lietaert, 2010) e mais tarde, surgiram na Noruega, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. (McCamant & Durrett, 2011) Em meados 2000, surgiram na França, Itália e Espanha. (Zagalo, 2015)

¹⁰ O arquiteto que projetou essa área nos anos 60, ele também ficou fascinado pelas ideias do grupo BIG. (Vestbro, 2008)



Fig. 24 - Os residentes de Stacken, primeiro modelo de *cohousing* em Suécia . Mats Petterson . 1980

De acordo com Scotthanson e Scotthanson (2005) existem quatro gerações de *cohousing* (com predominância do modelo dinamarquês e americano):

Primeira geração - consiste em fogos privados de aproximadamente 140m², onde as áreas comuns consistiam numa área semelhante, devido à incerteza sobre o êxito desta experiência. A comunidade de *Skråplanet* (Fig.25 e Fig.26) na Dinamarca é um exemplo desta geração.

Segunda geração - Após o êxito da primeira geração, prosseguiu-se com o conceito, que consiste em adequar as dimensões dos espaços comuns e privados, onde os espaços comuns ficaram maiores, cerca de 465m², enquanto os privados menores, cerca de 93m². A relação entre os espaços comuns e privados tornou-se mais relevante, *Trudslund* na Dinamarca (Fig.27 e Fig.28) e o *Winslow Cohousing* nos Estados Unidos são exemplos desta geração.

Terceira geração - Os espaços comuns continuam a ficar maiores, cerca de 930m², enquanto os fogos privados menores, cerca de 75m². Além disso, foram adicionadas mais funções comuns. A comunidade de *WindSong* (Fig.29 e Fig.30) em Canada, é um exemplo desta geração.

Quarta geração - Esta geração não sofreu grandes alterações na sua organização espacial interna, contudo o que a diferenciou das outras é a inclusão do público, com a criação de lojas, serviços e equipamentos públicos, o que permitiu a inclusão da comunidade envolvente. A dinâmica alterou-se e passou a ser mais urbano do que rural. Um exemplo desta geração é o *Swan's Market* (Fig.31 e Fig.32).



Fig. 25 - Planta de implantação de Skrâplanet, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig. 26 - Skrâplanet na Dinamarca construída em 1972 . Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011

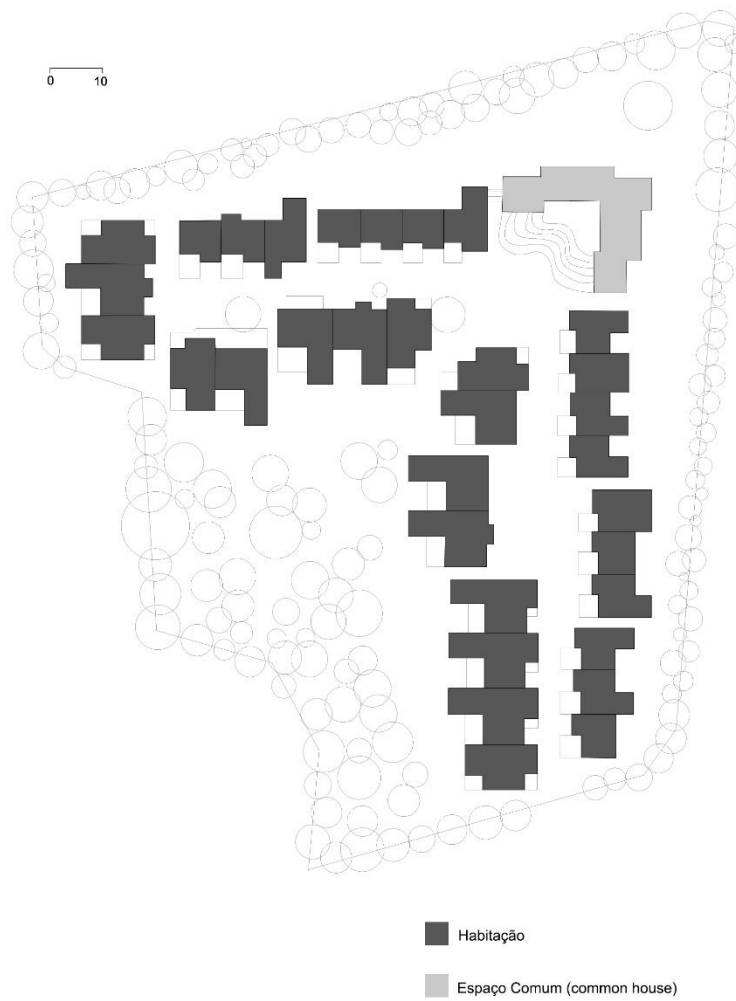


Fig. 27 - Planta de implantação de Trudslund, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig. 28 - As ruas pedonais rodeadas pelas casas, na Trudslund na Dinamarca, construída em 1981 .. Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011



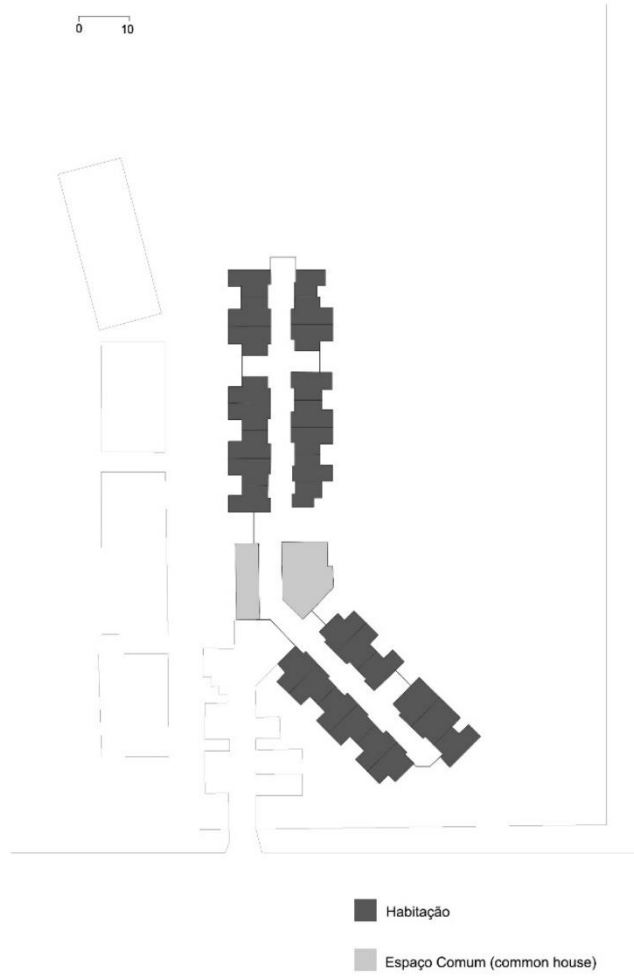


Fig. 29 - Planta de implantação de WindSong, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig. 30 - Convívio no átrio de WindSong em Canada . Kathryn McCamant e Charles Durrett . 2011

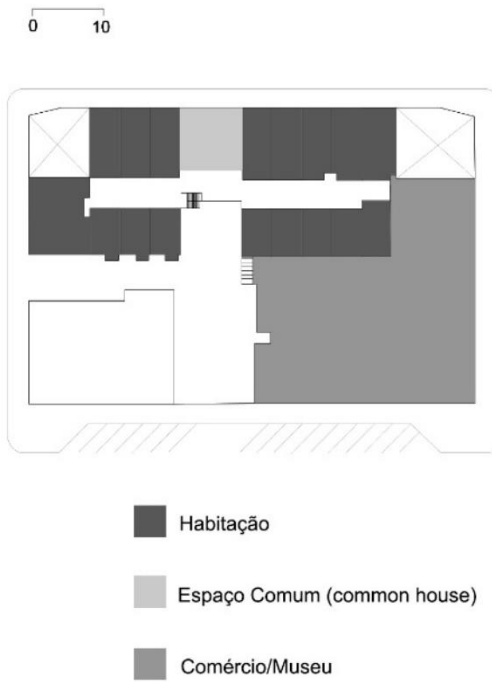


Fig. 31 - Planta do primeiro piso de Swan's Market, escala 1.1000 . Editado pela autora

Fig. 32 - Rua pedonal entre as habitações do *cohousing* de Swan's Market . Kathryn McCamant & Charles Durrett . 2011



2.4 *Cohousing* além de Utopia e Comunidade Intencional

As utopias, comunidades intencionais (como Christiania e Autoville), e os grupos de *cohousing* nascem da ausência de algo e do desejo de algo melhor. Os membros de ambos encontravam-se insatisfeitos, e por consequência, criavam condições de vida melhores, do que a sociedade lhes oferecia. Isto levanta diversas questões, entre as quais: **Um *cohousing* é equivalente a uma comunidade intencional e utopia? Um *cohousing* é considerado uma utopia?**

Sargisson (2012) considera que os grupos de *cohousing*, de alguma forma, são comunidades intencionais, pois revelam valores semelhantes, como o ambientalismo, o respeito à diversidade e valores relacionados como a integridade pessoal, a responsabilidade e a honestidade.

Por outro lado, os autores McCamant e Durrett (2011), defendem que os grupos de *cohousing* não são comunidades intencionais, pois estas são, geralmente, formadas a partir de uma ideologia, por vezes, com um líder que dirige o grupo. As comunidades intencionais são, normalmente, centros espirituais ou educativos, como é o caso de *Auroville*. O *cohousing* favorece uma nova abordagem à habitação e não um novo estilo de vida. Os grupos de *cohousing* não seguem nenhuma ideologia específica, mas sim o desejo de um ambiente familiar e social.

A maioria das comunidades de *cohousing*, são organizadas, desenhadas e construídas com a colaboração entre proprietários, associações, cooperativas, residentes e arquitetos, onde é valorizado a opinião de cada indivíduo. Um bom exemplo de projetos recentes que contêm essa colaboração são *Kvarteret Trevnaden* (Sofielunds) em Molmö, Suécia e *Space-S* (Fig.33 e Fig. 34) em Eindhoven, Holanda¹¹.(McCamant & Durrett, 2011)

“Isto requer uma alteração fundamental na relação entre arquiteto e clientes. Nesta perspectiva, os residentes são considerados como participantes ativos e não meros clientes passivos. (Czischke, 2022)

¹¹ “Houve *workshops* com *moodboards* nos quais os futuros residentes puderam indicar as imagens que mais os agradavam. Havia plantas dos apartamentos construídos na escala 1:1 com blocos de esferovite. De acordo com os arquitetos, apesar do grande envolvimento dos residentes desde o primeiro dia, eles mantiveram o controle, estabelecendo os limites certos e fazendo perguntas por detrás do projeto, tais como: “Como é que passa o seu dia?” ou “Se recebe amigos em casa, onde é que se senta? Sentam-se na sala de estar e vêem televisão ou sentam-se na cozinha e cozinham juntos?”. Isto resultou numa variedade muito maior de plantas” (Czischke, 2022)



Fig. 33 - Colaboração entre futuros residentes do Space-S e arquitetos . INBO . 2014

Fig. 34 - Maquetes dos fogos a escala humana 1:1 .INBO .2014

Com base nos capítulos 1.1, 1.2 e 1.3., o *cohousing* não pode ser considerado uma utopia. Porque:

O *cohousing* é uma abordagem realista e viável, uma vez que é praticada há vários anos em diversos lugares, este modelo não propõe uma única perspectiva sobre a vida, mas sim, promove a interação social e o apoio mútuo entre os membros. Enquanto uma utopia, muitas vezes, envolve uma perspectiva homogénea de como a sociedade deve ser estruturada e podendo ser menos flexível relativamente à diversidade de opiniões e estilos de vida.

O *cohousing* é uma abordagem prática, que tem como objetivo melhorar a vida das pessoas através da colaboração e participação dos residentes no processo da criação. No entanto, a utopia é, frequentemente, vista, pelos criadores como uma sociedade perfeita, livre de problemas e conflitos, o que pode ser difícil de alcançar na prática.

Além disso, as utopias tendem a ser demasiado coletivistas, onde o indivíduo é esquecido. Já no *cohousing*, a maioria dos indivíduos escolhem viver em comunidade para não viverem sozinhos e isolados. O individualismo nunca deve ser sacrificado em prol do bem-estar coletivo, não se deve transformar num lugar com ideias comunistas.(Sullivan, 2016)

Contudo, há sempre visões diferentes em relação a este assunto, de acordo com Sargisson (2012), uma comunidade de *cohousing* é uma utopia totalmente moderna, no qual procuram alternativas de vida, mas mantendo-se em sintonia com os valores da cultura dominante.



Fig. 35 - Casa comum da comunidade de *cohousing* Marmalade Lane em Cambridge, Inglaterra. David Butler . 2019

Apesar das diferenças pode-se constatar, **com base nos capítulos 1.1, 1.2 e 1.3**, que comunidades utópicas, comunidades intencionais e comunidade de *cohousing* compartilham algumas características em comum, (Fig.36) tais como:

- A busca por uma vida melhor, existe uma esperança e desejo presente em cada indivíduo, seja este o líder, criador ou residente. Resulta, maioritariamente, de mudanças no contexto social, tais como as críticas de Charles Fourier à desigualdade das classes sociais na sociedade, a invasão de Christiania devido à crise habitacional, a criação do grupo de *cohousing* devido à emancipação feminina, mudança do agregado familiar convencional e o individualismo.

- Espaços comuns, é frequente encontrar a presença de espaços comuns. Estes incluem áreas de convívio, cozinhas comunitárias, salas de estar, jardins, espaços de lazer e instalações para atividades coletivas. Como por exemplo, a praça central do Familistério, a Matrimandir com o anfiteatro a sua volta, e a casa comum "*common house*" (Fig.35) no *cohousing*

- A conexão com a natureza (embora não esteja presente em todos), o uso eficiente de recursos naturais, espaços verdes, como áreas ajardinadas, hortas comunitárias, edifícios energeticamente eficientes e o uso de materiais sustentáveis e locais são elementos que estão presentes nestas comunidades. Isto é muito visível nas duas comunidades intencionais apresentadas no capítulo, onde utilizam muitos materiais locais na construção dos edifícios. Existem vários projetos de *cohousing* com alguma conexão à natureza, sendo na forma da sustentabilidade como a utilização de materiais sustentáveis ou na incorporação da natureza no seu dia a dia, como a existência de hortas comunitárias.

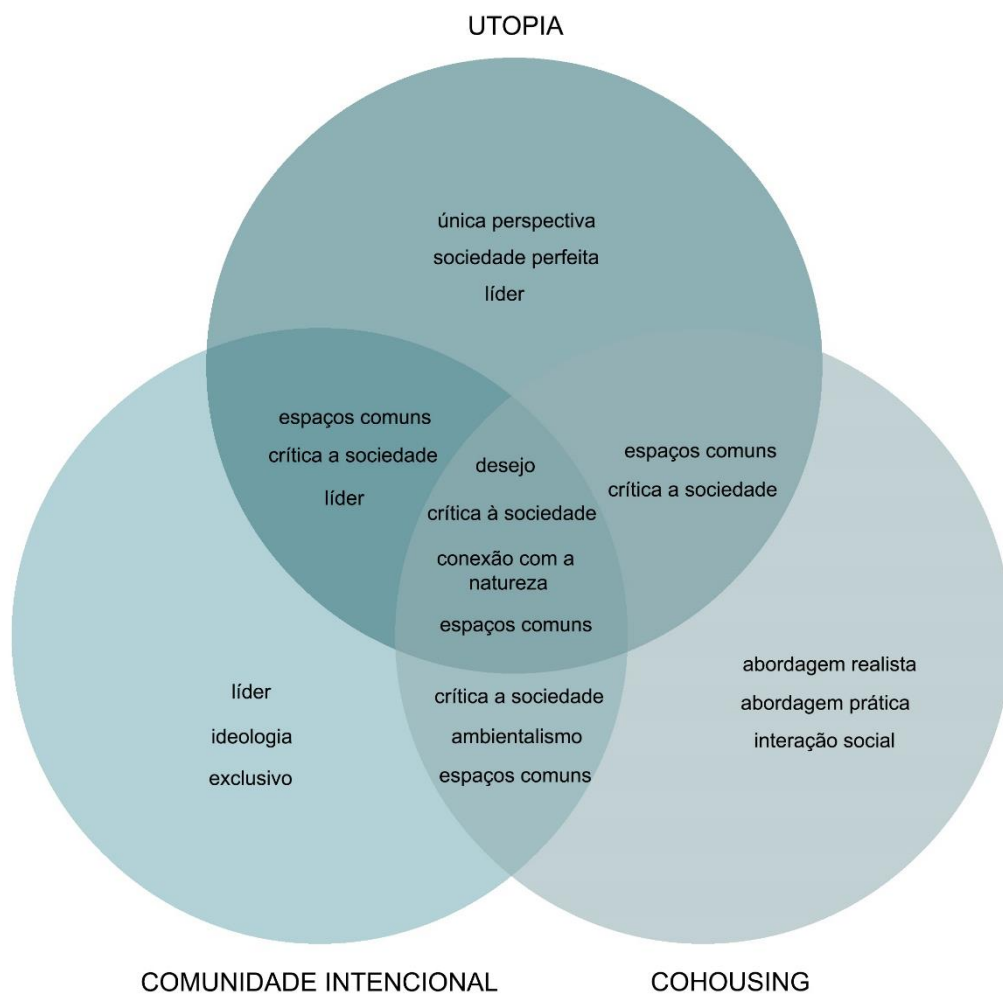


Fig. 36- Diagrama de Veno sobre as semelhanças e diferenças entre utopia, comunidade intencional e *cohousing*. Elaborado pela autora . 2024

3 | ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO, ÁGUA E COHOUSING



3.1 Cidade e Água: a transformação das Frentes Ribeirinhas e Espaços Públicos

“Em toda a história do estabelecimento humano, ruas e praças têm sido os elementos básicos em torno dos quais todas as cidades foram organizadas” (Gehl, 2011, pp.89)

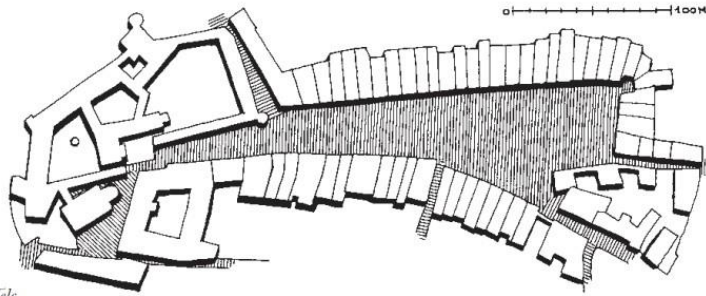
O crescimento orgânico das cidades medievais decorre da construção tradicional, que é transmitida de geração em geração. (Gehl & Svarre, 2013) As praças e ruas eram organizadas com preocupação para as pessoas deslocarem-se livremente. (Gehl, 2011). De acordo com Gehl (2011), devemos considerar a cidade como uma praça, e é possível notar este princípio de organização ao longo da história, desde os campos tribais tradicionais, até aos edifícios de *cohousing*. Os edifícios, as tendas, e os outros elementos são construídos a partir da praça. As primeiras cidades com esta organização foram Telc, na República Checa (Fig.38), e San Vittorino Romano, a leste de Roma (Fig.39).

“Na Grécia antiga, o “espaço público” tinha limites específicos. Chamava-se “Ágora”, cuja significado literal é “local de reunião.”” (Silva, 2020, p.13)

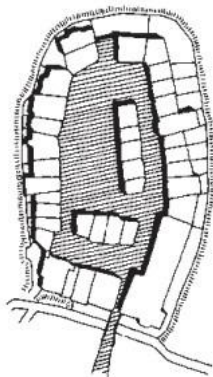
Legenda da imagem
na página anterior:

Fig. 37 - Pintura do porto
de Le Havre em França .
Camille Pissarro . 1903

O espaço público é o conjunto de elementos que compõem ambientes construídos (ruas, edifícios, praças). A vida pública deve ser compreendida de forma mais ampla, ou seja, incluindo tudo o que ocorre entre os edifícios. Estes espaços estão constantemente em mudança, e existem vários fatores que influenciam o uso do espaço, como: género, idade, recursos financeiros, cultura e entre outros (Gehl e Svarre, 2013)



*Telc.
Plan 1:4000.*



*San Vittorino Romano.
Plan 1:4000.*

Fig. 38 - Planta Urbana a escala 1:4000 da cidade Telc . Jan Gehl . 2011

Fig. 39 - Planta Urbana a escala 1:4000 San Vittorino Romano . Jan Gehl . 2011

3.1.1 De volta ao Rio: a revitalização das Frentes Ribeirinhas e a incorporação da Água nos espaços públicos.

As primeiras civilizações estabeleceram-se próximas à água, e, desta forma expandiram-se ao longo dos rios, lagos ou mares. No tempo dos gregos e romanos, os portos simbolizavam o poder e a superioridade. Após o declínio do Império Romano, a maioria das cidades europeias construíram fortificações na orla marítima, criando assim cidades medievais fortificadas. Posteriormente, na era Renascentista houve a necessidade de expandir os portos, devido à grande demanda do comércio e controlo marítimo, o que levou, por consequência, à destruição de diversas fortificações. Com os avanços tecnológicos, durante a revolução industrial, houve necessidade de aumentar os navios, docas, cais e estaleiros, o que implicou a redução do acesso às frentes ribeirinhas. Estas condições exigiram a criação de parques urbanos. (Karsono, 2013). Com a decadência da cidade industrial, alterou-se a imagem e a estrutura de algumas cidades europeias. Estas mudanças são perceptíveis primeiro pela obsolescência e, posteriormente, pelo abandono de grandes áreas industriais como edifícios devolutos e encerramento das fábricas, o que resultou em problemas de deterioração física e social de áreas relevantes do tecido urbano. Isto definiu algumas cidades como “pós-industriais”. (Bruttomesso, 2001)



Fig. 40 - Pintura da Revolução Industrial em Lisboa . João Pedrozo . 1859

Existem três diretrizes para restaurar uma zona ribeirinha: recomposição, regeneração e recuperação Bruttomesso (2001):

A primeira - recomposição - consiste em atribuir um significado único, mas comum às diversas áreas, ou seja, reunir e atribuir um novo carácter às mesmas, tanto físicas quanto funcionais.

A segunda - regeneração - consiste na revitalização de áreas urbanas próximas ao rio. É crucial aperfeiçoar as áreas abandonadas ou sem funcionalidade localizadas à beira do rio, atribuindo-lhes relevância e redefinindo, assim, a imagem da cidade.

Por último - recuperação - consiste em escolher e introduzir novas atividades nas áreas e edifícios abandonados, através da restauração e reestruturação de edificações, que, muitas vezes, têm um carácter histórico.

Além dessas diretrizes, são relevantes alguns fatores tais como: A presença de diversas atividades que enriquecem a cidade; Atribuir múltiplas funções à área; A zona ribeirinha pode desempenhar papéis distintos, mas complementares; Preservar a memória associada à pesca e à navegação; Coexistência entre o tradicional e o moderno; A zona ribeirinha deve ser aberta ao público; Existência de percursos pedonais; Relação entre o público e o privado. (Bruttomesso, 2001)



Fig. 41 - Frente Ribeirinha de Vancouver, Canada após a sua restauração . Craig Collins . 2021

Fig. 42 - Frente Ribeirinha de Vancouver, Canada após a sua restauração . LionsEyeAerials . 2021

Fig. 43 - O Master Plan para a frente ribeirinha de Vancouver, Canada . PWL Partnership . 2021

A água apresenta significados simbólicos - emocionais, estéticos e culturais - que não devem ser negligenciados nos espaços urbanos, por isso, é essencial criar espaços que as pessoas valorizem. Qualquer projeto de espaço público que procure conectar as pessoas à água deve levar em consideração o significado simbólico da mesma, as obras do Ateliê *Dreiseitl* (Fig.44 e 45) são um excelente exemplo disto. (Silva, 2020)

A implantação de água nos espaços públicos contribui para a criação do senso de lugar e a identidade local, bem como para a compreensão da dinâmica das águas costeiras. Os espaços públicos oferecem uma ampla variedade de oportunidades de aprendizagem experimental. Existem algumas estratégias de *design*/construção para prevenir os espaços públicos de inundações, como: Os jardins verticais; Coberturas verdes; Praças de água (Fig. 46,47 e 48); Sistemas de drenagem abertos como, canais de rua, canais estendidos e canais alargados. (Silva,2020)



Fig. 44 - Projeto de Ateliê Dreiseitl em Neu-Ulm, Alemanha . Dreiseitl . 2005

Fig. 45 - - Projeto de Ateliê Dreiseitl em Hann.Münden, Alemanha . Dreiseitl . data desconhecida

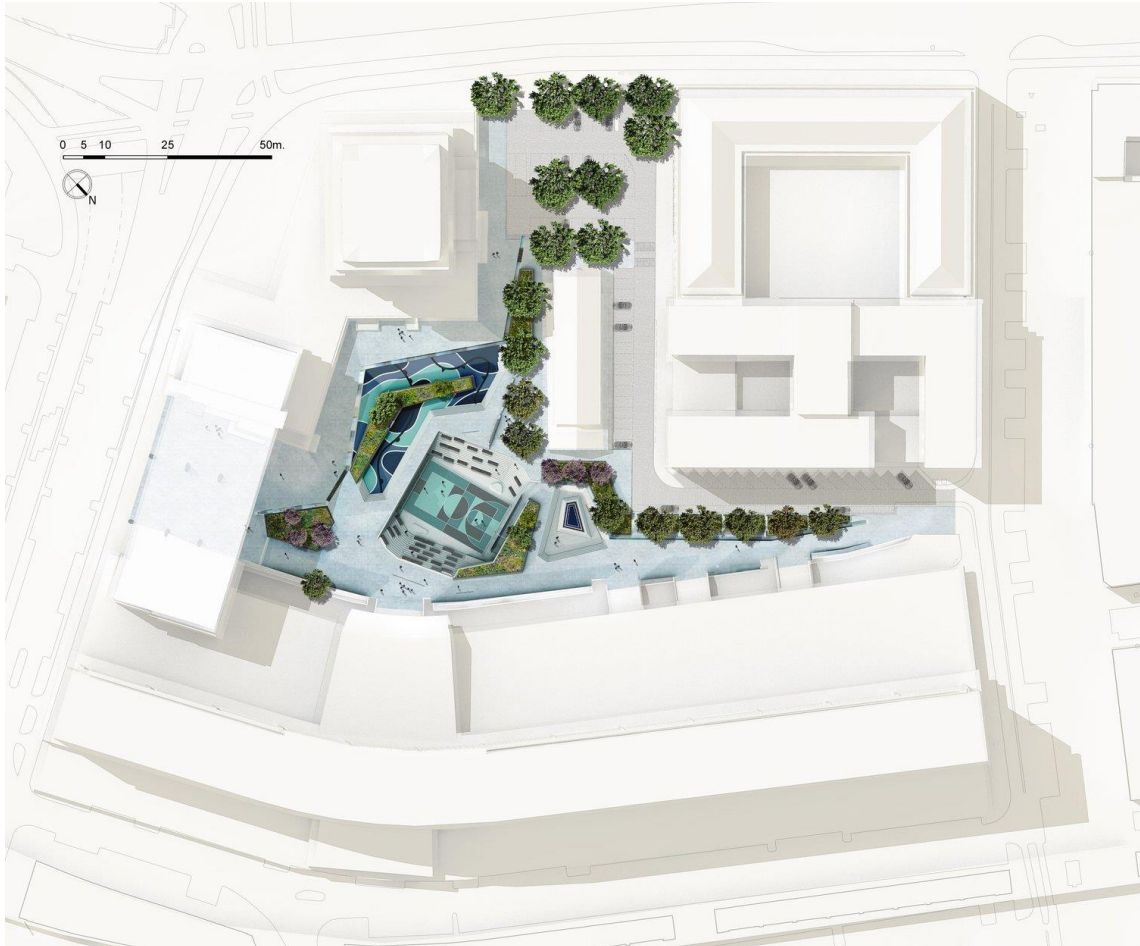


Fig. 46 - Planta da praça de água Bentheplein em Roterdão, Holanda . De Urbanisten . data desconhecida



Fig. 47 - A praça de água Bentemplein com água . De Urbanisten . data desconhecida

Fig. 48 - A praça de água Bentemplein vazia . De Urbanisten . data desconhecida

3.2 Cohousing Urbano

O *cohousing* urbano e rural são muito semelhantes, contudo, na cidade a área de construção é mais modesta, onde o edifício, por norma, se desenvolve na vertical (Fig.49 e Fig.50). A localização no centro da cidade oferece vantagens, tais como, uma boa acessibilidade, uma grande variedade de serviços e comércio, e ainda, um nível de mobilidade mais acessível. (Kim, 2017) Este modelo de habitação não precisa ser exclusivamente residencial, pode incluir o público, ao criar espaços comerciais ou (McCamant & Durrett, 2011) disponibilizar os espaços comuns do *cohousing*, para iniciativas locais o que contribui para a revitalização urbana e para uma interação urbana mais ativa e dinâmica. (Brysch, 2023)

“(...) a noção de partilha expende-se para o bairro envolvente e, progressivamente, para o nível da cidade.”(Brysch, 2023)



Fig. 49 – Corte 3D do *cohousing* urbano Capitol Hill . Schemata Workshop . 2016

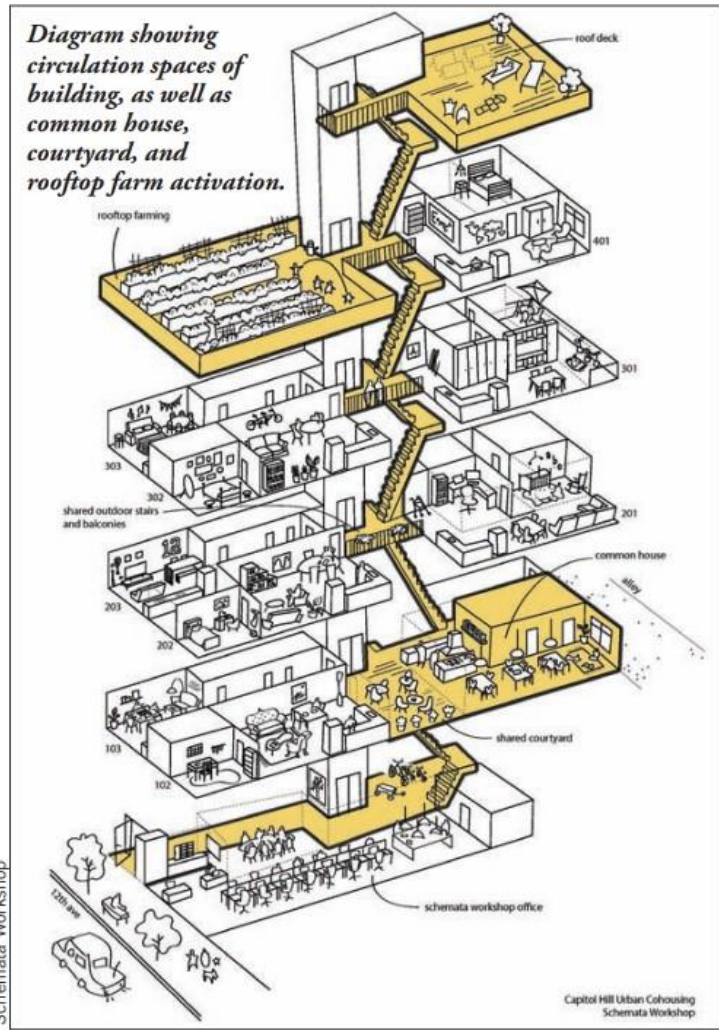


Fig. 50 - Diagrama do cohousing urbano Capitol Hill em Seattle . Schemata Workshop . 2016

A habitação colaborativa pode ter um impacto benéfico no bairro e na sua envolvente, tendo em contas as seguintes estratégias (Fromm, 2012):

- Integração social entre diferentes grupos demográficos, como famílias, jovens, pais solteiros, idosos, estudantes, grupos vulneráveis e minorias étnicas. Isto torna o bairro mais diversificado. (exemplo de Foe Ooi Leeuw¹², em Amsterdão, Holanda (Fig.51 e 52) e Lehe, em Alemanha) ;

- Reabilitação e revitalização de um edifício devoluto numa área degradada da cidade estabiliza a área contra a deterioração e revitaliza o bairro. (exemplo da habitação colaborativo em Lehe, Alemanha¹³ (Fig.53, 54 e 55) e *Swan's Market Cohousing*, em Oakland, nos Estados Unidos¹⁴),

- Integração do público, ao incorporar espaços abertos ao público com diversas funções, dinamizando a área envolvente à habitação colaborativa, beneficiando tanto os residentes como a comunidade (exemplo de *Swan's Market Cohousing*¹⁵)

Este modelo de habitação pode desempenhar um papel limitado, contudo, tem um impacto positivo no bairro envolvente, o que é importante para a estabilidade e revitalização dos bairros. (Fromm, 2012)

¹² "O edifício situa-se em Amesterdão, onde quase 30% das pessoas com mais de 55 anos são imigrantes de países não ocidentais. Os imigrantes de Amesterdão incluem uma grande população asiática das antigas colónias holandesas, como do Suriname, da China e da Indonésia, entre outros países. Em contraste com os idosos holandeses nativos, estes imigrantes mais velhos são mais pobres, vivem em habitações de baixa qualidade e têm menos acesso aos serviços sociais." (Fromm, 2012, pp. 382)

¹³ "Lehe, com uma concentração de residentes desempregados e imigrantes. O distrito de Lehe reflete uma série de áreas na Alemanha que têm lutado para enfrentar as mudanças económicas e demográficas. Neste bairro, 12% dos edifícios estão devolutos, com uma taxa global de 16% de edifícios devolutos no distrito." (Fromm, 2012, pp.371)

¹⁴ "Em 1984, o Swan's fechou e o local ficou vazio. (...) A espiral descendente da baixa de Oakland era tanto física como social. O local abandonado era apenas uma das muitas partes da baixa que eram vistas como áreas degradadas com reputação de crime." (Fromm, 2012, pp.367)

¹⁵ - "empreendimento de utilização mista que também inclui dezoito unidades de habitação a preços acessíveis num edifício separado, espaço de escritórios (1.617 m2), comércio e restaurantes (2.490 m2) e o Museu de Arte Infantil"(Fromm, 2012, pp.370)



Fig. 51 - Planta de localização de Foe Ooi Leeuw em Amsterdão . Elaborado pela autora

Fig. 52 - Os habitantes de Foe Ooi Leeuw . Dirk Verwoerd . 2009



Fig. 53 - Planta de localização do *cohousing* em Lehe . Elaborado pela autora



Fig. 54 - Fachada do *cohousing* em Lehe antes da reabilitação . Dorit Fromm . 2012

Fig. 55 - Fachada do *cohousing* em Lehe, depois da reabilitação com as varandas novas, um elevador e o novo pátio . Dorit Fromm . 2012

3.3 Habitação colaborativa em Portugal

“Chegou a altura de voltar a considerar as ideias cooperativistas da experiência SAAL como ponto de referência para novas soluções (...). E, do mesmo modo que exemplos de Berlim, Barcelona ou Paris nos podem servir de inspiração neste momento, (...). Temos os ingredientes todos, a receita, os instrumentos básicos, já só falta mesmo juntar tudo e “meter as mãos na massa!” (Brysch, 2018)

Atualmente, o modelo de habitação colaborativa e cooperativa é menos utilizado em Portugal do que noutros países, contudo já existem algumas iniciativas. (Rede Co-Habitar, 2023)

Durante os dias 24 e 25 de novembro de 2023, ocorreu um evento chamado “Novas Formas de Viver”, na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, no qual a Rede Co-habitar¹⁶ apresentou a habitação colaborativa como uma solução para a crise de habitação em Portugal. Este evento contou, com o apoio de várias organizações, tais como a mensagem de Lisboa, ISCTE e FCT, e diversas cooperativas. (Raposo & Leote, 2023)

Já existem algumas iniciativas de cooperativas de habitações colaborativas em Portugal, maioritariamente, no distrito de Lisboa, como a Aldrava em Lisboa, a Brejos Faria em Alhos Vedros em Moita, a Colmeia 62, perto de Mafra, e a CoopArroios, em Lisboa. Estas cooperativas também estiveram presentes no evento, assim como vários arquitetos, participantes e, não menos importante, a ministra da Habitação e o IHRU, que receberam as propostas e estão dispostos a promover este modelo. (Raposo & Leote, 2023)

O Governo da República Portuguesa já tomou algumas medidas em relação a este assunto. O Diário da República publicou a Portaria 269/2023, de 28 de agosto, que estabelece as condições, organizações e funcionamentos necessários para a resposta social da Habitação Colaborativa e Comunitária. (Diário da República, 2023) Atualmente, existem 22 projetos de habitação colaborativa aprovados e financiados pelo Plano de Recuperação e Resiliência português (PRR). (Governo da República Portuguesa, 2023)

¹⁶ Rede de cooperativas de habitação em propriedade coletiva fonte: <https://redecohabitar.wordpress.com/contactos/>



Fig. 56 - Apresentação de vários projetos no evento Novas Formas de Viver . Inês Leote . 2023



Fig. 57 - Discussão prática entre participantes, cooperativas e arquitetos no evento Novas Formas de Viver . Inês Leote e Frederico Raposo . 2023



Fig. 58 - Visita a exposição no CCB . Fotografia da autora . 2024

Fig. 59 - Visita a exposição no CCB . Fotografia da autora . 2024

3.4 O poder da Arquitetura na criação de interações sociais positivas

"A experiência do lar é estruturada por atividades distintas - cozinhar, comer, socializar, ler guardar, dormir, ter atos íntimos - e não por elementos visuais. A arquitetura inicia, direciona e organiza o comportamento e o movimento." (Pallasmaa, 2011, p.60)

O ser humano apresenta características lineares, frontais e horizontais, e por isso, ao criar espaços devemos lidar com a escala humana, o que significa criando espaços adequados para indivíduos, considerando as possibilidades e restrições do corpo humano. (Gehl, 2010). A proximidade, tanto física quanto funcional, é crucial para incentivar a interação social. Contudo a proximidade e densidade extrema poderá influenciar negativamente a interação social. (Williams, 2005)

“Diferentes formas de comunicação ocorrem a diferentes distâncias variam constantemente dependendo do sujeito e da natureza do contato.” (Gehl, 2010, p.47)

O uso de materiais físicos e a interligação entre espaços, abertos ou fechados, ao redor de indivíduos têm um grande impacto na interação interpessoal. A distância e a percepção, tanto física quanto social, são fatores que interferem na interação. (Gehl, 2010)

De acordo com Hall (1966), existem quatro distâncias sociais, ou seja, distâncias habituais para diferentes formas de comunicação, nas esferas culturais da Europa Ocidental e da América (Fig.60):

- A distância íntima (de 0 a 45 centímetros) é a distância em que os sentimentos mais intensos são expressos: ternura, conforto, amor e raiva intensa;

- A distância pessoal (de 0.45m a 1.30 metros) é a distância entre os amigos próximos e os familiares;

- A distância social (de 1.30 a 3.75 metros) é a distância para conversas quotidianas entre amigos, conhecidos, vizinhos, colegas de trabalho;

- A distância pública (mais de 3,75 metros) é definida como a distância usada em situações mais formais, como ao redor de figuras públicas;

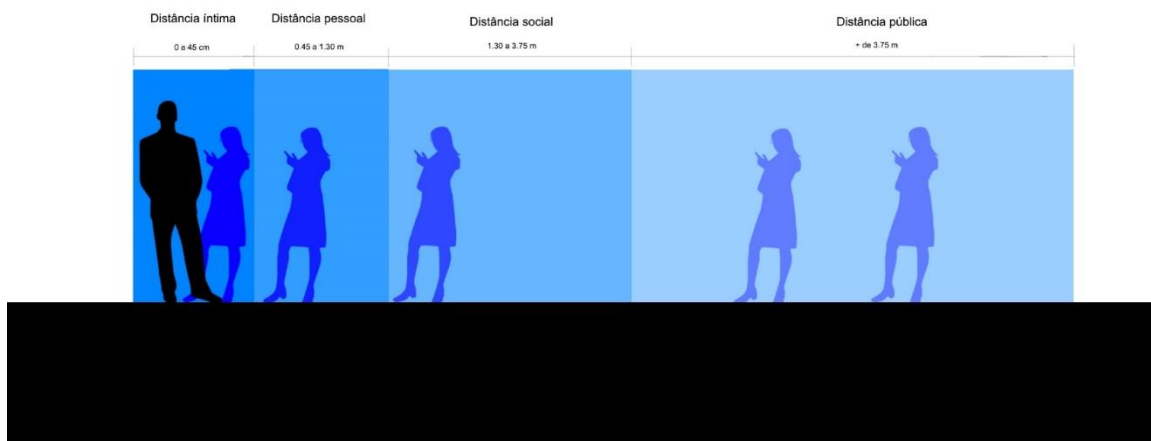


Fig. 60 -. As distâncias sociais baseadas nos argumentos no livro *The Hidden Dimension* do Edward Hall 1966 Esquema elaborado pela autora . 2024

As distâncias sociais, mencionadas por Hall (1966), variam consoante o nível de proximidade entre indivíduos. No contexto de habitação colaborativa, estas distâncias assumem uma configuração distinta em comparação com uma habitação tradicional, devido às dinâmicas sociais e aos relacionamentos entre os residentes. A presença de diversos obstáculos ao bem-estar social na sociedade, como um mercado de trabalho mais flexível, mudanças na estrutura familiar, isolamento social, envelhecimento populacional entre outros (Lietaert, 2010), contribui para a inadequação da habitação tradicional para alguns indivíduos, surgindo assim a necessidade de uma nova abordagem de habitação.

Alguns destes obstáculos relacionados com o bem-estar social podem ser respondidos com a habitação colaborativa. Segundo Kingfisher (2022), os residentes de habitações colaborativas apresentam índices elevados de satisfação com a vida. Diversos estudos indicam que ao compartilhar espaços comuns, surge um sentimento comum de pertença e conexão, o que facilita a interação social e reduz o isolamento social. (Kingfisher, 2022)

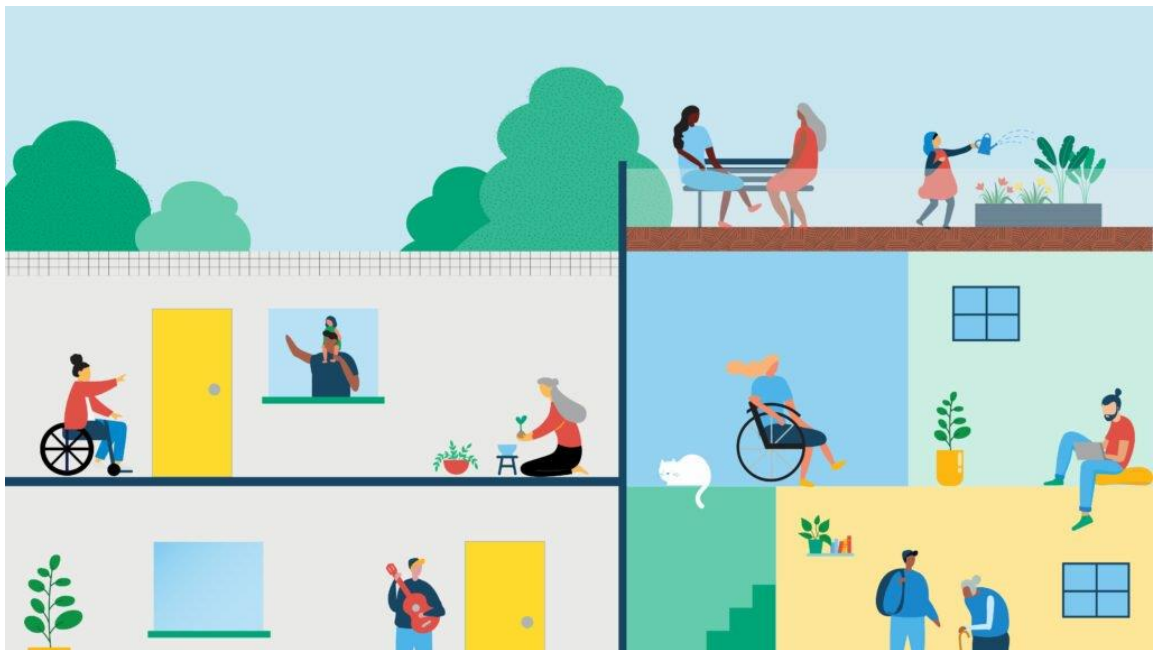


Fig. 61 - Uma ilustração sobre a habitação colaborativa que promove a ligações sociais e o apoio entre pessoas de todas as idades. . Emma Avery / Happy Cities . 2024

Na dinâmica de uma habitação colaborativa, a interação social e os encontros espontâneos são influenciados por diversos elementos físicos e estruturais. A criação de percursos pedonais que conectam diferentes estruturas, como as habitações, lugares de estacionamento e os espaços comuns desempenham um papel crucial neste contexto. (McCamant & Durrett, 2011). Existem outros fatores que têm um impacto significativo na promoção da interação social numa habitação colaborativa, tais como a centralidade dos espaços comuns, a dimensão e configuração das áreas comuns, a existência da "casa comum" que serve como ponto de encontro central e o sistema de circulação. (Williams, 2005)

A quantidade de agregados familiares e indivíduos residentes de uma habitação colaborativa também tem influência na interação social. Uma habitação colaborativa com menos de 6 agregados familiares, pode afetar negativamente o objetivo principal, uma vez que não haverá uma sensação de comunidade, pois funcionam mais como famílias convencionais que partilham um apartamento, sendo um círculo social mais íntimo e restrito. A presença excessiva de indivíduos também pode afetar negativamente o contexto social, por exemplo, a participação em atividades ou tarefas partilhadas pode se tornar instável e os indivíduos poder-se-ão tornar desconhecidos. Segundo o modelo dinamarquês, a quantidade ideal de indivíduos numa comunidade de habitação colaborativa, deverá estar entre 20 a 50 residentes (adultos), ou 15 a 34 agregados familiares. (McCamant e Durrett, 2011)

O conceito de criar uma habitação com foco na interação social não deve ser subestimado, pois existem imensos outros fatores que podem influenciar a interação social, como fatores pessoais, culturais, sociais (formais e informais), entre outros. (Williams, 2005)

3.4.1 Comunidade e privacidade

"A habitação colaborativa, (...), atravessa a fronteira pública/privada, oferece uma visão alternativa (...), funciona como um nó de conexão entre "lar" e "sociedade"." (Kingfisher, 2022, p. 17)

O espaço comunitário distingue-se dos espaços públicos e privados, pois oferece uma dinâmica única que combina elementos de ambos. Enquanto a esfera privada representa um espaço mais íntimo e pessoal, a esfera pública representa os espaços abertos acessíveis a todos. O espaço comunitário destaca-se por ser um ambiente intermédio, onde ocorrem atividades pessoais numa escala que vai além do âmbito privado e público. Este é um ambiente mais íntimo que o domínio público e menos privado que o espaço privado. (McCamant & Durrett, 2011)

A diferenciação entre espaços partilhados e privados, é um aspeto importante na criação de uma habitação colaborativa, dessa forma, é crucial que os espaços comuns sejam projetados com foco no coletivo, enquanto os espaços privados no indivíduo ou família. Apesar do objetivo principal, de uma habitação colaborativa é fortalecer a interação social entre os residentes, não se pode desvalorizar a criação de espaços privados. Os espaços comuns e privados devem ser projetados com a mesma atenção, a fim de assegurar que nenhum dos dois afete o outro de forma negativa. (McCamant & Durrett, 2011)

A privacidade, comunidade e interação social são afetados por diversos fatores arquitetônicos, sendo um desses fatores a densidade. Embora a densidade elevada pode contribuir para o aumento das interações sociais, é importante salientar que, no estudo realizado pela Williams (2005), isso não ocorreu. Neste estudo ficou evidente que os habitantes de uma *cohousing*, localizada na cidade e com uma alta densidade¹⁷, perdeu residentes ou os residentes fechavam cortinados. Isso foi atribuído à combinação da densidade elevada com uma transição rápida do espaço privado para o espaço comum (Fig.62). A autora compara este caso de estudo com outra comunidade¹⁸ da mesma cidade, porém com uma densidade menor e transições mais graduais do espaço privado para o espaço comum. Nesta comunidade não houve perda de residentes (Fig.62). A transição gradual entre os espaços privados e públicos, a partir de espaços semiprivados (jardins, varandas), não apenas assegura a privacidade entre residentes, mas também permite a promoção de um sentimento de comunidade, sem comprometer a privacidade de cada um. (Williams, 2005)

A criação de elementos físicos entre os espaços comuns e privados permite que os membros se movimentem de espaços menores para espaços maiores e de espaços mais privados para espaços cada vez mais públicos (Fig.63), dessa forma, o ambiente residencial pode estender-se para além dessa área. (Gehl, 2011)

¹⁷ A autora menciona esta comunidade no seu artigo como a comunidade A.

¹⁸ A autora menciona esta comunidade no seu artigo como a comunidade B

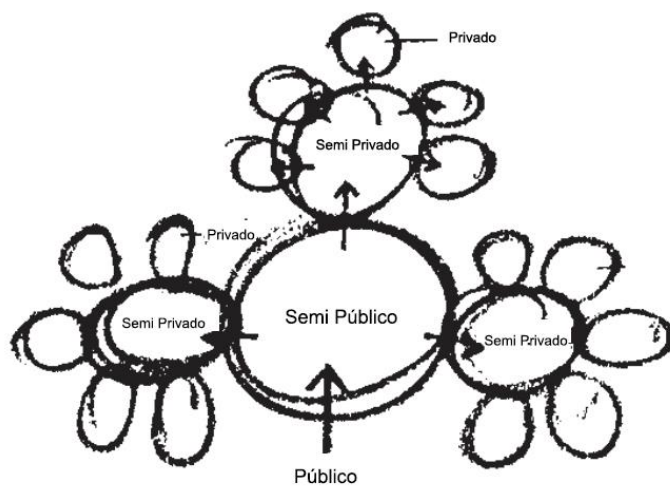
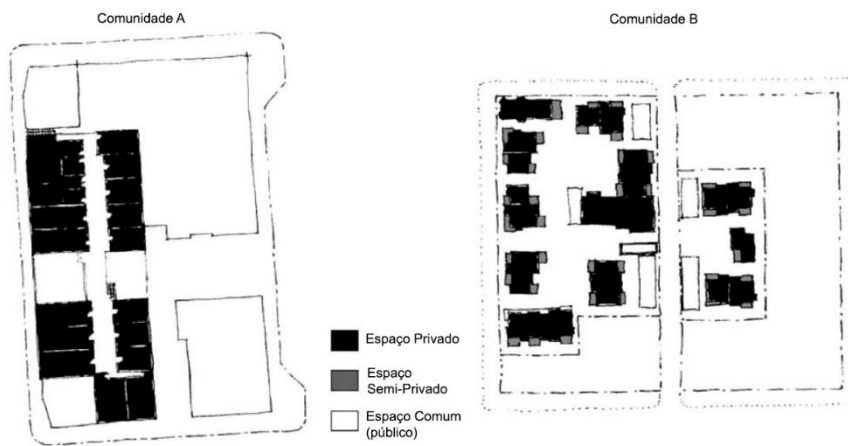


Fig. 62 - Esquema sobre os casos de estudos e os seus espaços privados, semiprivados e comuns realizados pela Joanna Williams (2005) . Editado pela autora

Fig. 63 - Diagrama sobre a transição entre espaço público e privado do Jan Gehl (2011). Editado pela autora

Existem elementos físicos que auxiliam na criação dos espaços semiprivados entre o domínio privado e público, de acordo com alguns autores, como, Gehl, (2010, 2011), Vestbro (2010), McCamant e Durrett (2011). Alguns destes elementos são:

Áreas de vegetação mais densas posicionadas à frente do espaço privado. Estes funcionam como uma barreira visual que cria uma sensação de separação entre os espaços;

Barreiras físicas, como muros baixos e cercas, que delimitam os limites dos espaços privado sem excluir completamente o espaço exterior.(Fig.64)

Varandas e pórticos, que permitem a interação com o espaço exterior, enquanto mantém alguma privacidade

Uso estratégico de materiais, como a mudança de pavimento, que ajuda a definir visualmente os limites entre os espaços públicos e privados.



Fig. 64 - Espaço semiprivado virado para o espaço público com um muro baixo que separa o público e privado . Jan Gehl .2010

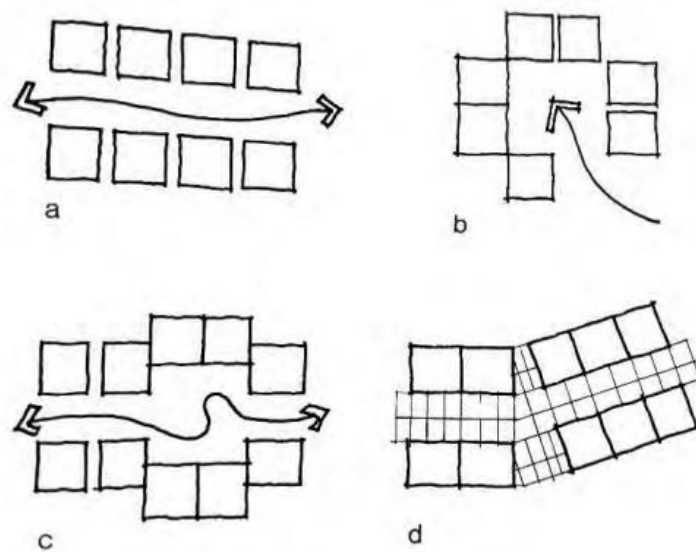
Fig. 65 - As escadarias em Brooklyn, Nova Iorque, como diferenciação entre o espaço público e privado . Jan Gehl .2010

3.4.2 A arquitetura do *Cohousing*

Implantação e Espaço Exterior Comum:

A implantação dos edifícios no terreno é determinada por várias características organizacionais como as ruas pedonais, pátios e a combinação dos dois. (Fig.66). Tal como a rua principal de uma aldeia, os edifícios numa comunidade de *cohousing* podem ser organizados ao longo de ruas pedonais ou concentrados em torno de uma praça ou pátio central. Tanto um pátio quanto uma rua central estimulam encontros espontâneos e facilitam a interação entre as pessoas, tanto na praça como nos edifícios, independentemente de serem comuns ou privados, de nível superior ou inferior. (McCamant & Durrett, 2011)

“A distribuição dos espaços no terreno deve ser feita de forma que os habitantes tenham um constante contacto visual com o espaço comum, a fim de se manterem incluídos nos eventos ou atividades que possam surgir espontaneamente, permitindo-lhes decidir ou não, participar.” (Sousa, 2022, p.53)



- a) Habitações dispostos ao longo de um percurso pedonal
- b) Habitações em torno de uma praça
- c) Combinação de um percurso pedonal e praça
- d) Percurso interior coberto

Fig. 66 - Diferentes tipos de implementação em resultado dos percursos pedonais ou praças . McCamant & Durrett . 2011

A praça deve ser um local confortável, mas não demasiado grande. A maioria das comunidades de *cohousing* estudadas pelos McCamant & Durrett (2011), especialmente o modelo dinamarquês, apresentam praças comuns não superiores a 111m². A disposição dos edifícios ao redor da casa comum e da praça comum desempenham um papel importante na criação de comunidades dinâmicas. Por outro lado, quando os edifícios estão dispersos por uma área extensa, a probabilidade dos residentes participarem em atividades comuns é menor. (McCamant & Durrett, 2011)

Em contextos urbanos, as habitações colaborativas, frequentemente, enfrentam limitações de área de construção, adotando soluções alternativas para a disposição da praça. Nesses casos, é comum encontrar praças localizadas no centro da comunidade ou pátios interiores cobertos (Fig.67 e 68) e muitas vezes as coberturas são aproveitadas como espaço exterior. Desta forma, os moradores conseguem desfrutar de espaços ao ar livre, mesmo em áreas urbanas. (Kim, 2017)

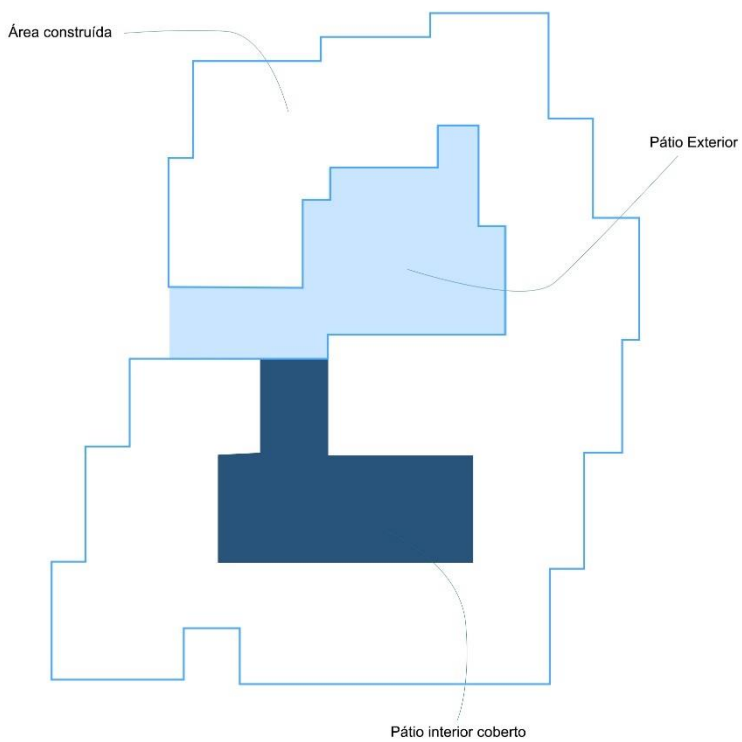


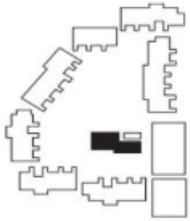
Fig. 67 - Esquema das praças/pátios do *cohousing* Vindmøllebakken em Noruega . Elaborado pela autora

Fig. 68 - Pátio interior coberto de vidro/Átrio da Vindmøllebakken Housing em Noruega . Sindre Ellingsen . Data desconhecida

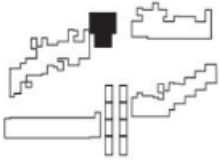
Espaços interiores:

A casa comum

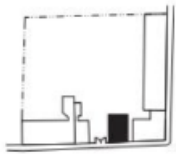
A localização da casa comum ou *common house* tem um impacto significativo no sucesso do *cohousing*. Uma vez que vários fatores, como topografia e características ambientais, podem predeterminar a localização da casa comum. Existem diversas estratégias de planeamento da mesma (Fig.69) (Kim, 2006) :



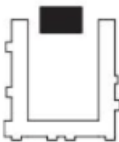
1 - Centro da Comunidade: a casa comum está localizada no centro, de forma que é visível de todas as habitações, está a uma distância equidistante de todas as habitações.



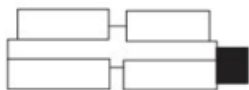
2 - Central a duas alas: a casa comum está localizada entre duas alas da comunidade, o que resulta em dois subgrupos distintos. Essa disposição possibilita a manutenção da privacidade dos indivíduos que optam por viver mais próximos ou mais distantes da casa comum.



3 - Na entrada da comunidade: a casa comum está localizada na entrada da comunidade, sendo este o primeiro espaço a ser abordado pelos residentes. Isto obriga todos os residentes a circular pelos espaços comuns para aceder às suas habitações. Esta estratégia pode ser vantajosa para habitações colaborativas urbanas construídas verticalmente, onde a área de construção é limitada.



4 - Ponto Focal: Embora não esteja fisicamente no centro da comunidade, a casa comum é o ponto focal da mesma, a sua localização deslocada proporciona um espaço aberto no centro que serve como antecâmara para a casa comum.



5 - No final de uma rua coberta: a casa comum é posicionada no final de uma rua pedonal coberta, transformando-a num espaço comum. Uma vez que a casa comum está localizada na extremidade da comunidade, os habitantes são obrigados a circular na rua.

Fig. 69 - Esquema de diferentes localizações da casa comum . Grace Kim . 2006

A casa comum é o centro físico e social da comunidade, serve como ponto central de interação e convivência. Deve incluir espaços como: a sala de estar comum, a cozinha comum e a sala de jantar (Fig.70 e 71). Existem dois aspectos fundamentais na criação do mesmo: a necessidade de equilibrar as diversas funções na casa comum, sem interferir negativamente umas com as outras, e a importância de criar um ambiente confortável para um grande grupo, sem causar uma sensação institucional. (McCamant & Durrett, 2011)

Para alcançar um bom funcionamento da casa comum Scotthanson e Scotthanson (2004) enumeram vários critérios funcionais como, a capacidade de acomodar 2/3 da comunidade, acesso à principal praça/pátio exterior/interior, espaço de lazer no piso térreo ou nível principal e uma cozinha que esteja em contato com a sala de estar comum, mas de forma que seja possível fechar o espaço de convívio da cozinha comum ou sala de refeições.

Sala de estar comum localizada dentro ou próximo da casa comum:

A sala de convívio (Fig.74) deve ser um espaço confortável, independentemente da quantidade de pessoas. Idealmente, esse espaço deve ter uma área de aproximadamente 55m²¹⁹ e estar estrategicamente localizada próximo ao espaço de refeições e cozinha. Essa proximidade facilita a transição entre as atividades de preparação de alimentos, refeições e lazer, sendo que este pode ser separado por portas de correr ou qualquer outro elemento físico que permita a separação entre os dois espaços. Normalmente, a sala de convívio é situada no piso térreo ou no piso principal, com uma relação com o pátio exterior principal, preferencialmente visual, desse modo é possível permitir a mudança das atividades para o espaço exterior. (McCamant & Durret, 2011)

Cozinha comum e sala de jantar - localizada dentro da casa comum:

A cozinha (Fig.73), assim como a sala de estar (Fig.72), devem estar localizadas no piso térreo ou no piso principal, com uma área mínima de 28m² (sem contar os espaços de arrumação). Deve ainda, ter um ambiente doméstico, com espaço para os residentes poderem cozinhar simultaneamente (embora isso seja variável de acordo com a quantidade de residentes). Se existir uma horta, esta deve estar próxima da casa comum/cozinha e a cozinha deve conter equipamentos como, lavatório, arrumos, forno/fogão e bancada. (Scotthanson & Scotthanson, 2005).

¹⁹ Isto depende da quantidade de habitantes na comunidade.

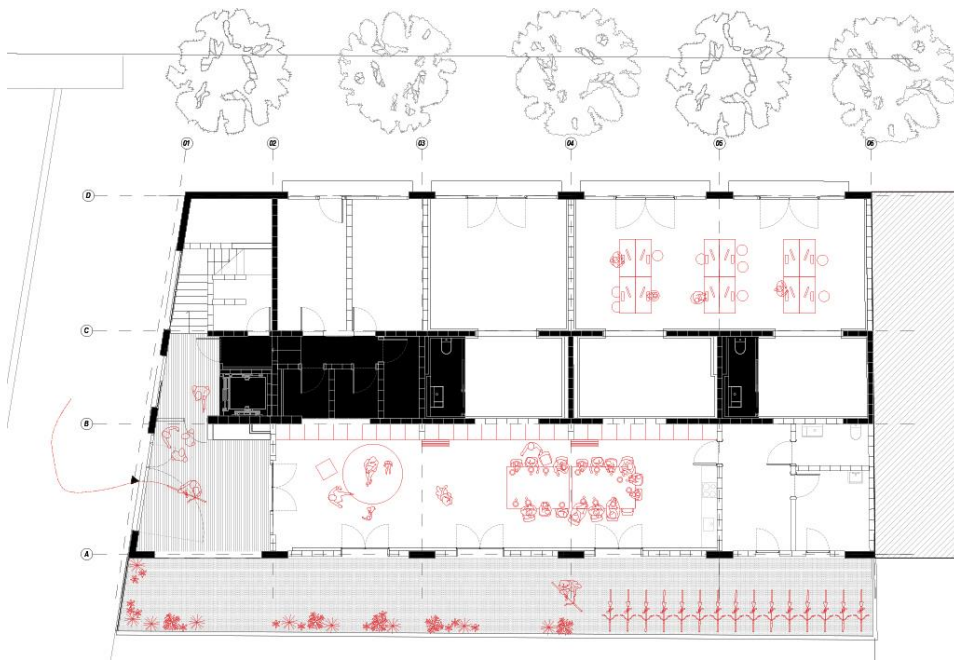
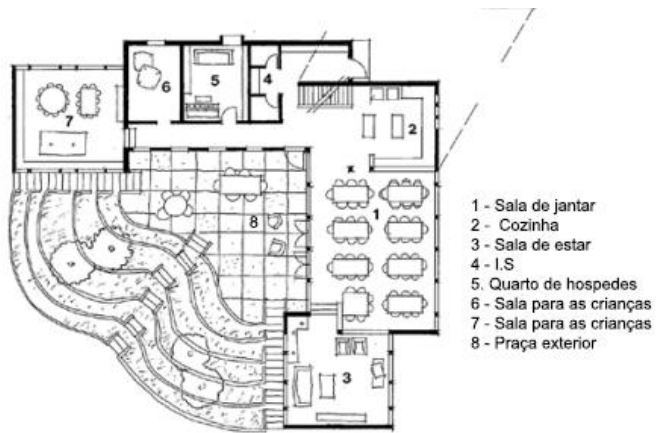


Fig. 70 - Planta do piso térreo da casa comum de Trudslund em Dinamarca, este é um modelo antigo dinamarquês do livro de McCamant & Durett . editado pela autora

Fig. 71 - Planta de La Balma em Barcelona, Espanha, com a sala de convívio, cozinha ,espaço de refeições e outros espaços de comuns no piso térreo . Lacol . Data desconhecida



Fig. 72 - Sala de refeições de Vindmøllebakken Housing . Minna Suojoki . Data desconhecida

Fig. 73 - Cozinha e sala de refeições de Lange Eng . Stammers Kontor . 2019

Fig. 74 - Sala de estar de Warren, na Holanda . Jeroen Musch . Data desconhecida

Outros espaços comuns:

Alguns destes espaços comuns estão localizadas na casa comum e outros não, isto depende muito de cada comunidade (McCamant & Durret, 2011):

- A lavanderia comum :

A lavanderia comum pode estar na casa comum, embora não seja crucial. Caso não esteja localizada na casa comum, é preferível estar próxima de uma área com bastante movimento, dessa forma, existe mais possibilidade das pessoas se encontrarem, uma vez que é um espaço frequentemente utilizado. A lavanderia deve estar localizada no piso principal ou no piso térreo e cada bloco habitacional deverá ter uma lavanderia comum.(Scotthanson & Scotthanson, 2005)

- Espaços de trabalho:

Os espaços de trabalho devem, preferencialmente, ser separados da casa comum. Caso não seja possível, é necessário um elemento de separação móvel que permita a separação das outras funções. As áreas totais destinadas aos espaços de trabalho devem variar entre 50 e 70m². (Scotthanson & Scotthanson, 2005)

Os espaços que serão mencionados a seguir não têm a mesma relevância que os anteriormente mencionados. Estas podem ser aplicados conforme as possibilidades e preferências da comunidade (McCamant & Durret, 2011):

- Ginásio.

-Sala para a realização de workshops.

- Sala das crianças:

- Biblioteca.

- Sala de meditação ou sala de exercícios.

- Sala de Multiusos

Habitações privadas:

As habitações privadas podem ser dispostas de várias maneiras, no contexto do modelo dinamarquês, é comum encontrar as habitações dispostas em torno de caminhos pedonais ou espaços comuns exteriores (praça) (Fig.75) (McCamant & Durrett, 2011). Em contexto urbano é possível encontrar as habitações em torno de um espaço exterior comum (praça) ou em torno do espaço comum interior (Fig.77) ou, ainda, organizadas ao longo ou em torno de áreas de circulação, seja por meio de galerias exteriores (Fig.76) ou interiores. (Brysch, 2023)

As unidades de uma habitação colaborativa são tipicamente menores em relação às habitações tradicionais, a área retirada em comparação com a habitação tradicional é utilizada para espaços comuns (Brysch, 2023), que devem ter no mínimo 80m², enquanto as unidades privadas podem variar de 35m² a 76m². (Brysch 2024)²⁰

Unidades menores não significam menos espaço útil, porque uma habitação colaborativa proporciona uma área maior aos habitantes, uma vez que é complementada por espaços compartilhados. Por exemplo, um residente de uma unidade privada de 60m² numa habitação colaborativa, tem de facto, 160m² de espaço útil, devido ao espaço comum (que é partilhado por todos os habitantes), enquanto a habitação tradicional não possui essa vantagem. (Brysch, 2023)

²⁰ Contudo isto depende de cada comunidade

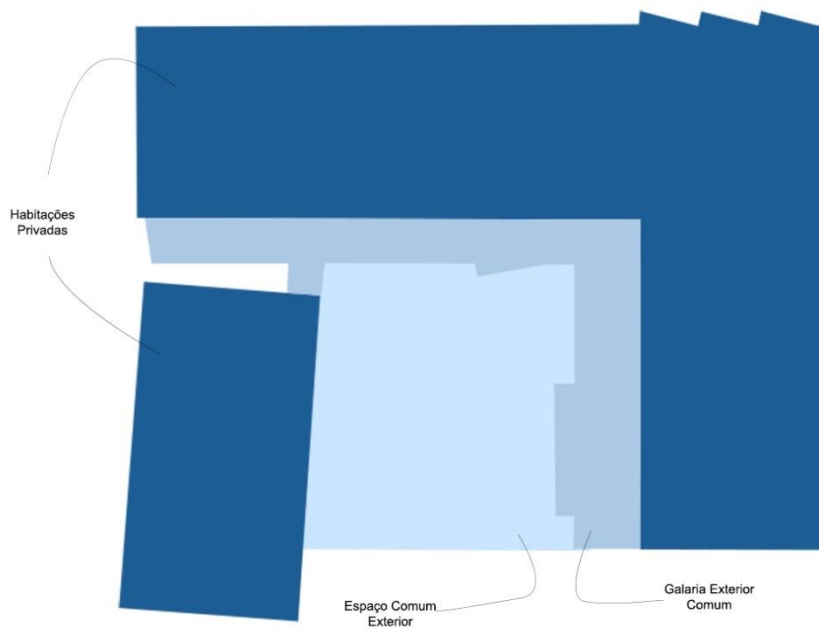
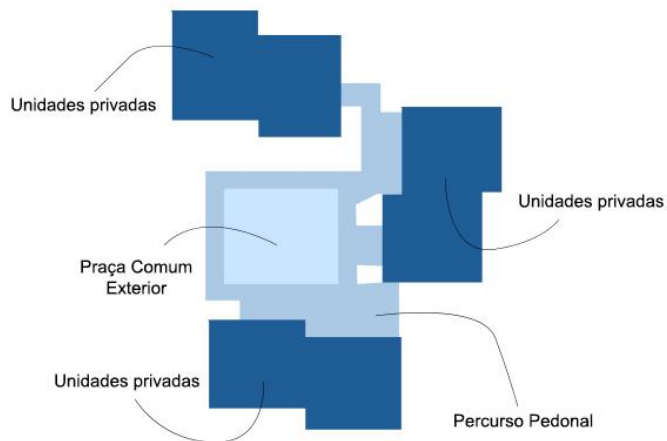


Fig. 75 - Esquema da distribuição das unidades privadas em torno de um pátio comum exterior ligado por caminhos pedonais de Tornevangsgarden, em Dinamarca . Elaborado pela autora

Fig. 76 - Esquema da distribuição das unidades privadas ligadas por uma galeria comum exterior da habitação colaborativa Sofielunds, Malmo . Elaborado pela autora

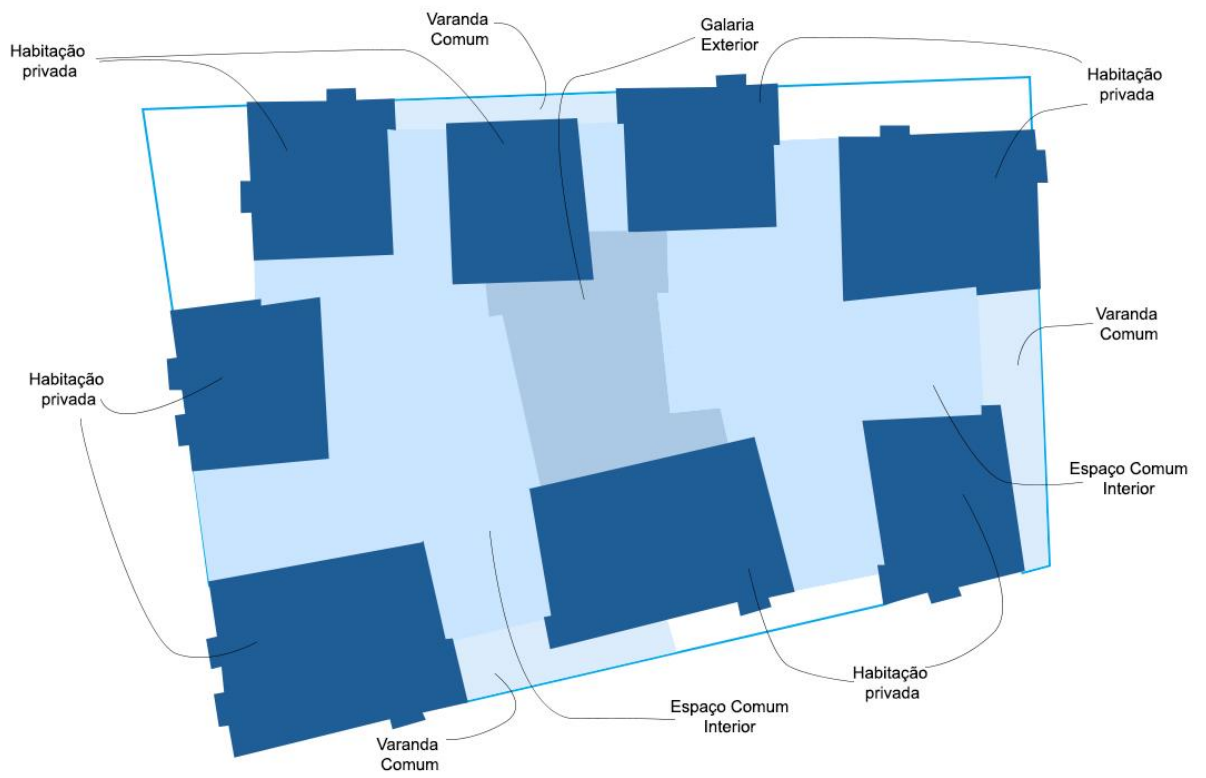


Fig. 77 - Esquema da distribuição das unidades privadas em torno do espaço comum interior, Mehr als Wohnen .
Elaborado pela autora

A adaptabilidade ou flexibilidade é um componente essencial nas habitações colaborativas, é relevante alterar a configuração do espaço ao longo do tempo ou deixar uma área disponível para expansão futura (de acordo com as necessidades e possibilidades financeiras do agregado familiar.) (Brysch, 2023)

Existem uma variedade de características que uma unidade deve ter, tais como: diferentes configurações, uma área noturna e diurna, (se for possível) espaços semiprivados, casa de banho privada, cozinha e sala de jantar (o que é particularmente relevante em unidades maiores para famílias.). Vanazzi (2019)

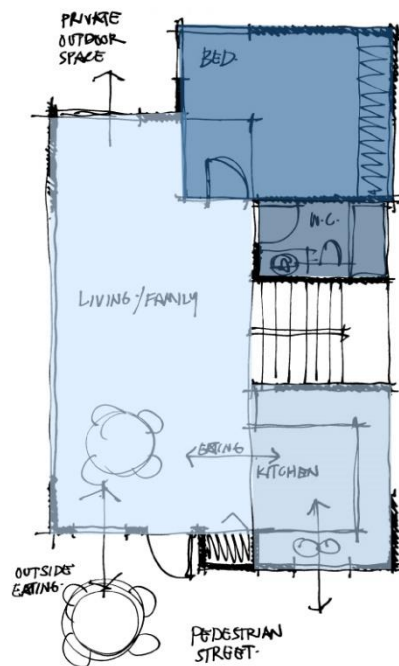


Fig. 78 - Modelo Dinamarquês do interior de *cohousing* . Elaborado pela autora a partir da planta do Livro de SchottHanson&SchottHanson

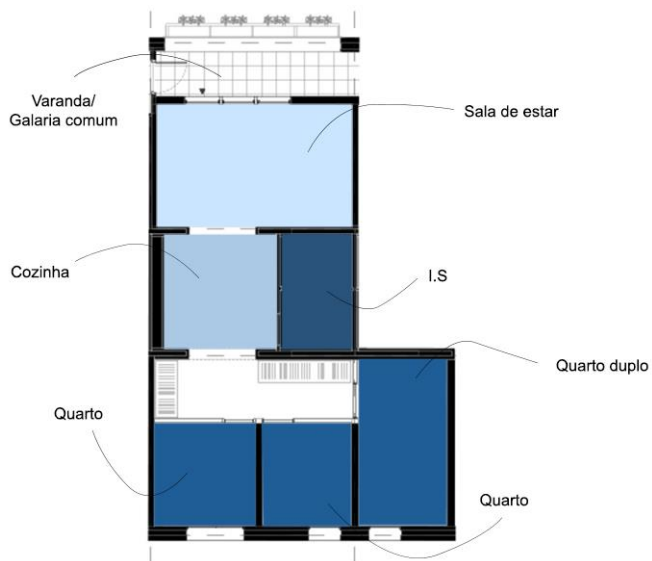


Fig. 79 - Espaço semiprivado de La Bamba em Espanha . Milena Villalba . Data desconhecida

Fig. 80 - O interior de uma unidade privada de La Balma . Milena Villalba . Data Desconhecida

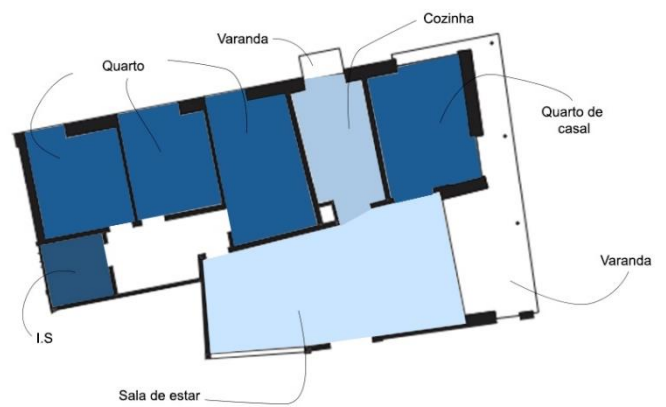
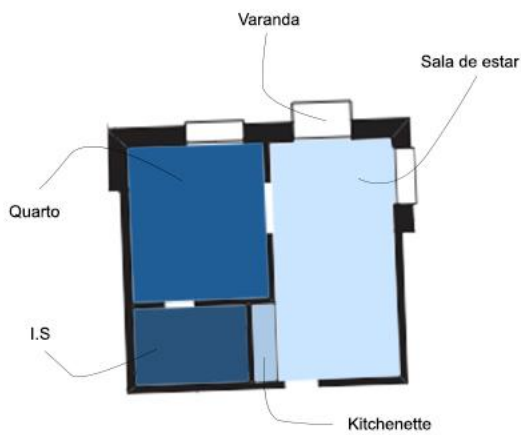
Fig. 81 - Planta de La Balma, uma unidade privada com três quartos . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL



Fig. 82 - O interior de uma unidade de Mehr als Wohnen em Zurique . Johannes Marburg . 2015

Fig. 83 - Planta de uma unidade privada com um quarto de Mehr als Wohnen . Elaborado pela autora baseado nas plantas de Duplex Architekten

Fig. 84 - Planta de uma unidade privada com quatro quartos de Mehr als Wohnen . Elaborado pela autora baseado nas plantas de Duplex Architekten



3.5. Caso de Estudo - La Borda

Arquitetos: Lacol

Barcelona, Espanha

2018

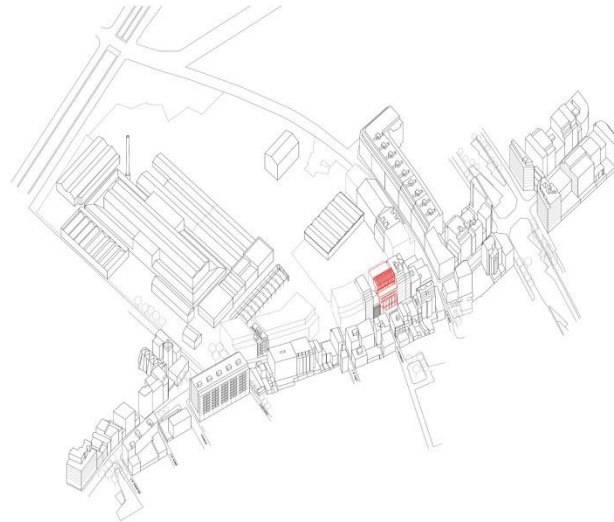
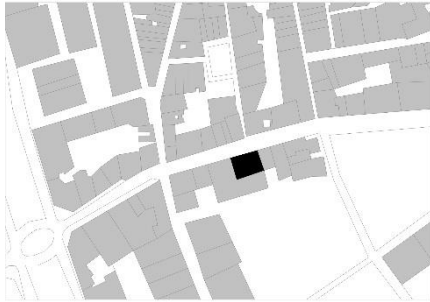


Fig. 85 - Localização de La Borda . Elaborado pela autora

Fig. 86 - Figuras sobre o número de habitações e agregados familiares na La Borda . Elaborado pela autora

Fig. 87 - Desenho 3D da localização de La Borda, Barcelona . LACOL . 2014

A cooperativa habitacional La Borda localiza-se no bairro industrial de Sants, em Barcelona, Espanha (Fig.85), e é constituída por 28 unidades privadas distribuídas por 6 pisos e composto por 28 famílias, que correspondem aproximadamente a 60 residentes (Fig.86). (Brysch, 2023) Esta é a primeira habitação colaborativa em Barcelona e foi construída num terreno cedido pela Câmara Municipal. La Borda baseia-se em três princípios fundamentais: Redefinição do conceito de habitação, sustentabilidade e qualidade ambiental e a participação dos residentes.(LACOL, 2018)



Fig. 88 - Fachada Sul de La Borda . LACOL . 2017

Sociedade e Comunidade

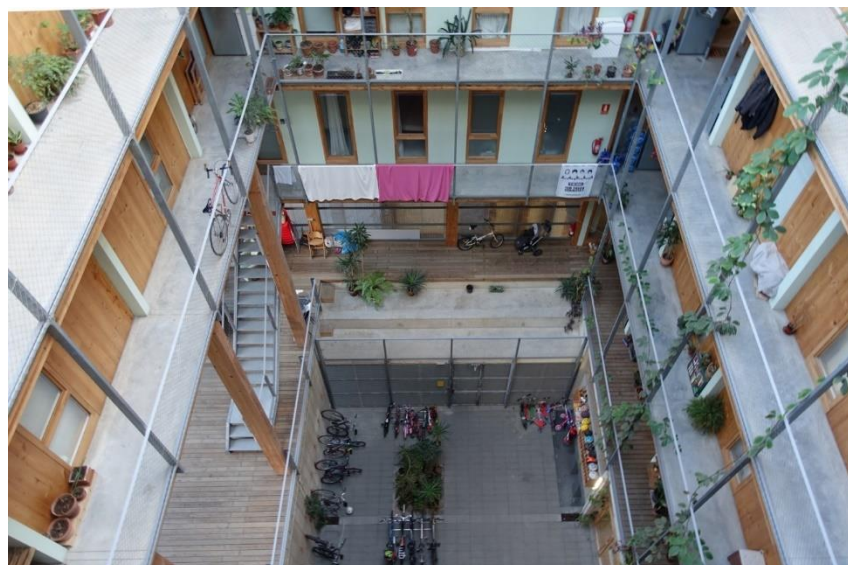


Ao comparar as áreas dedicadas à comunidade e ao espaço público, constatou-se que 97% da área é dedicada aos espaços comunitários, enquanto, apenas 3% é destinado ao espaço público interior (Fig.89). O piso térreo (Fig.91) abrange a maioria dos espaços comuns, como também o átrio/pátio central (Fig.90), que serve como o acesso principal do edifício, bem como, um espaço público interior, que funciona como *coworking* (Fig.91).

A inclusão deste espaço público não só serve aos residentes, mas também atrai visitantes e profissionais externos. Esta integração promove atividades que beneficiam tanto os residentes como a comunidade local.

Fig. 89 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas a comunidade (97%) e ao público (3%) .
Elaborado pela autora

Fig. 90 - Vista para o pátio central a partir das galerias . Frank Kaltenbach . Data desconhecida



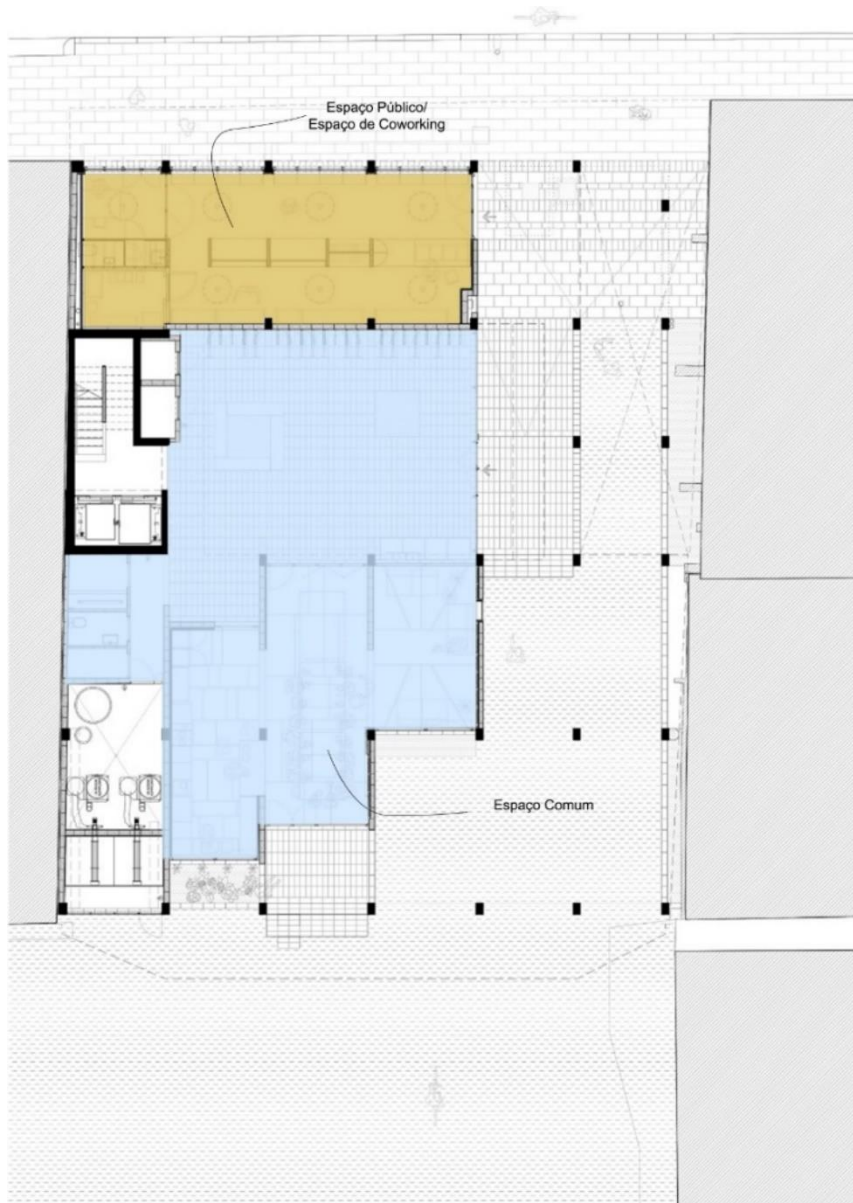


Fig. 91 - Análise dos espaços comuns e públicos do piso térreo da La Borda. Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Espaços Comuns

La Borda oferece uma variedade de espaços comuns, como: uma cozinha comum, sala de estar comum, uma sala de refeições comum, uma lavanderia comum, espaço de arrumação, um espaço multiusos com o pé direito alto, e espaços semiexteriores e exteriores. Esses espaços são distribuídos por vários pisos, sendo que o piso térreo é o principal. Este inclui a cozinha, sala de refeições e sala de estar (Fig.93). No primeiro piso (Fig.94) encontra-se a lavanderia comum e um espaço aberto para diversas atividades, enquanto que no quinto piso existe um espaço exterior comum.

Todos estes espaços, juntamente com as unidades privadas, estão dispostos em torno de um pátio central coberto (Fig.92), inspirado nos *corrales*, um tipo tradicional de habitação popular nas regiões central e sul da Espanha. (LACOL, 2018).



Fig. 92 - Um corte 3D da La borda . LACOL . 2014

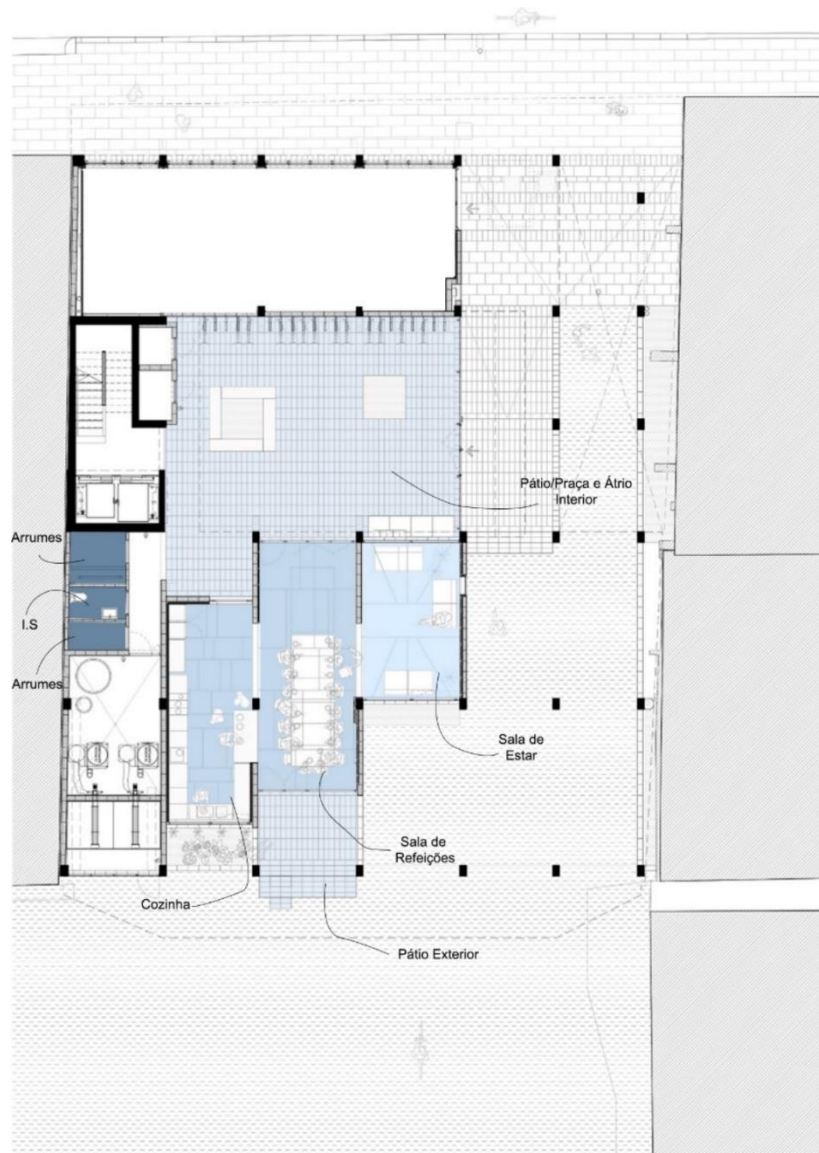


Fig. 93 - Análise do piso térreo da La Borda, com a identificações dos vários espaços comuns . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

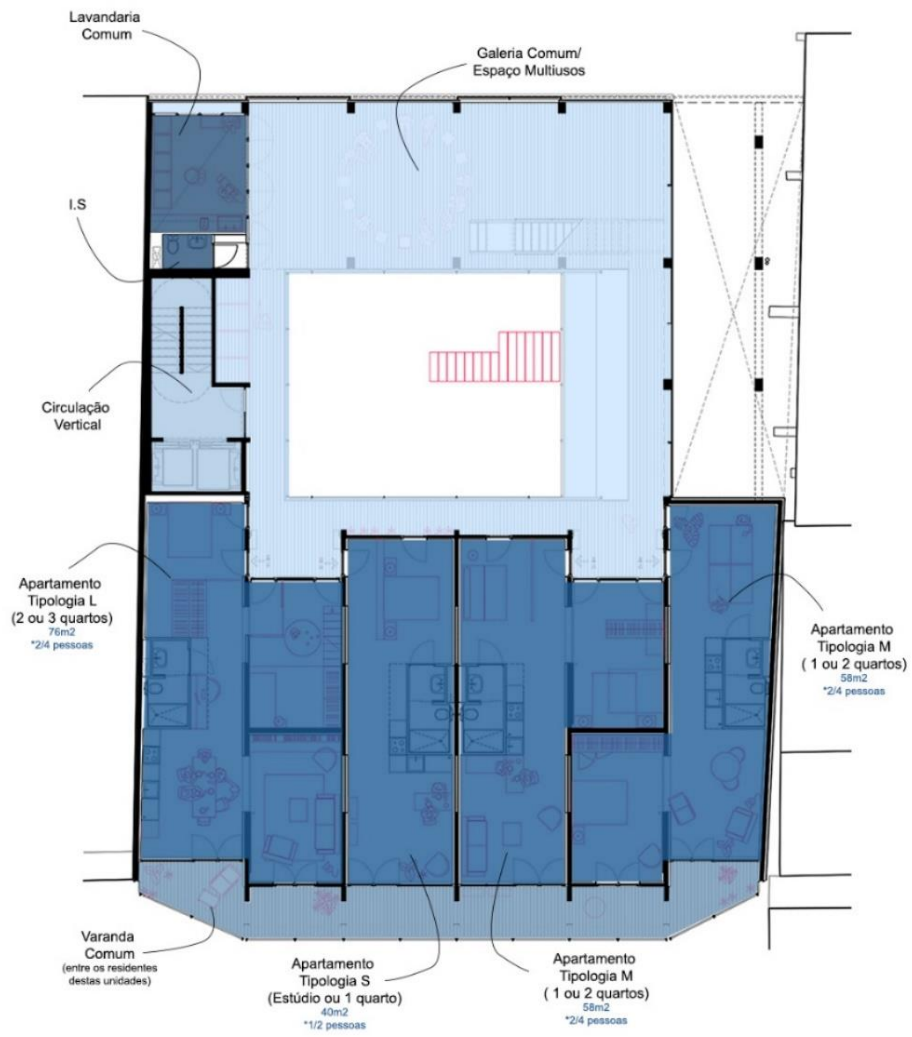


Fig. 94 - Análise dos espaços comuns e tipologias existentes no primeiro piso de La Borda .
Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

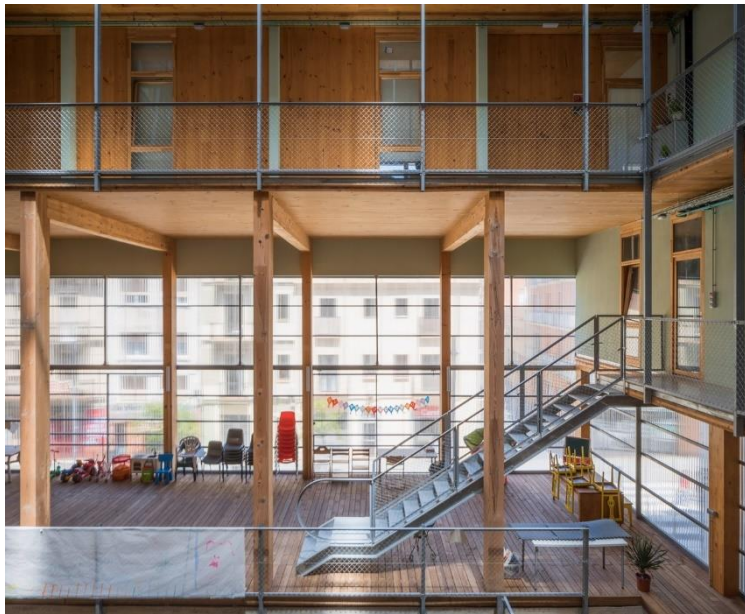


Fig. 95 - Cozinha comum e a sala de refeições no piso térreo . Frank Kaltenbach . Data desconhecida

Fig. 96 - Espaço comum/espço multiusos no primeiro piso . Lluç Miralles . Data desconhecida

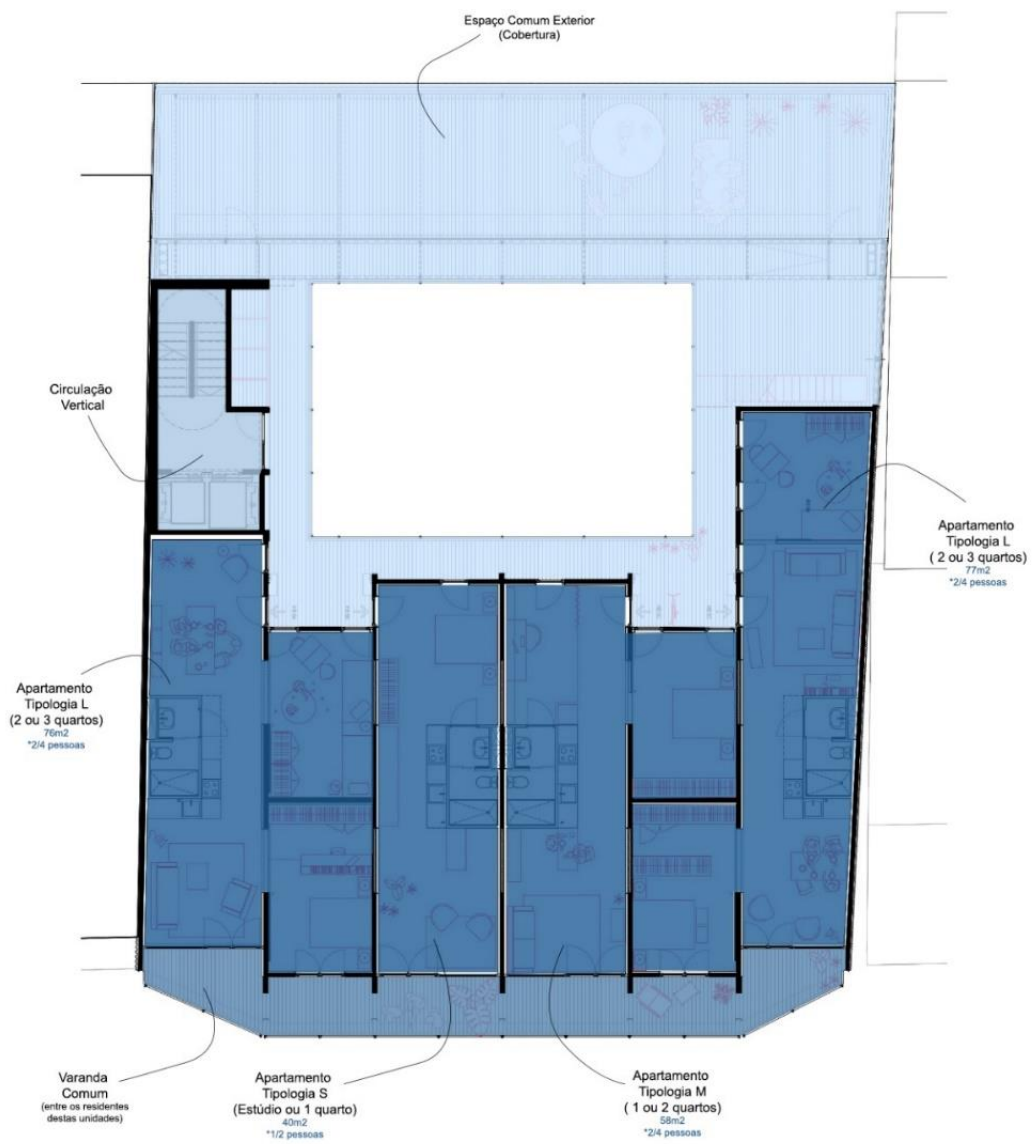


Fig. 97 - Análise dos espaços comuns e das tipologias existentes no quinto piso da La . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Unidades privadas - Módulos



Ao comparar as áreas destinadas aos espaços comuns e às unidades privadas, constatou-se que 72% da área útil é dedicada às unidades privadas e 28% aos espaços comuns (Fig.98). Existem 28 unidades privadas na La Borda, distribuídas em torno do pátio central. O acesso a estas unidades é feito por meio de uma circulação vertical e de uma galeria aberta ao pátio. As unidades são compostas por três tipologias diferentes:

Tipologia S (40 m²) - É um estúdio com uma varanda semiprivada. (Fig.101)

Tipologia M (58m²) - Apartamento de 1 ou 2 quartos, com varanda semiprivada. (Fig.102)

Tipologia L (76m²) - Apartamento de 2 ou 3 quartos, com varanda semiprivada. (Fig.103)

A disposição das habitações em torno do pátio central e da galeria é uniforme nos pisos 1,2,5 e 6 (Fig.97), com todas as unidades viradas para o sul, enquanto nos pisos 3 e 4 (Fig.100), as unidades estão totalmente distribuídas ao redor do pátio, com as unidades viradas para o norte e sul.

Fig. 98 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas aos espaços comuns (28%) e as unidades privadas (72%). Elaborado pela autora

Foi decidido em conjunto pelos residentes, cooperativa e arquitetos que cada unidade privada seria composta por dois módulos base, cada um com 15m² e um núcleo dedicado às instalações sanitárias (Fig.99). Esta configuração apresenta duas vantagens principais:

Adaptabilidade: A cada módulo base pode ser adicionado até três módulos satélites (15m²), permitindo a adição ou redução do espaço útil conforme as necessidades de cada residente.

Flexibilidade: Não existe uma disposição fixa para os módulos, cada residente tem a liberdade de organizar o seu espaço conforme a sua preferência. Por exemplo, cada residente pode decidir onde será o quarto, se deseja utilizar todo o espaço do módulo para uma única função ou dividi-lo para diferentes usos. (Avilla-Royo et al., 2021) Esta flexibilidade é refletida nas plantas dos arquitetos, onde os desenhos do mobiliário estão destacados em vermelho.

A importância deste caso de estudo para o projeto final de mestrado é:

- Incorporação do espaço público no edifício de *cohousing* para dinamizar e revitalizar o bairro
- A presença de galerias compartilhadas, que promove a interação social;
- A disposição e localização dos espaços comuns;
- As tipologias, disposição e áreas das unidades privadas, juntamente com a sua flexibilidade e adaptabilidade.

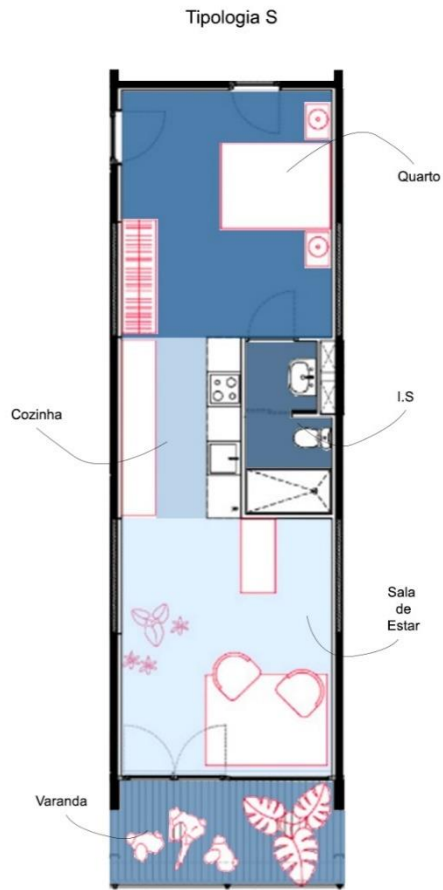


Fig. 101 - Possibilidade de organização da tipologia S .Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

Fig. 102 - Possibilidade de organização da tipologia M .Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

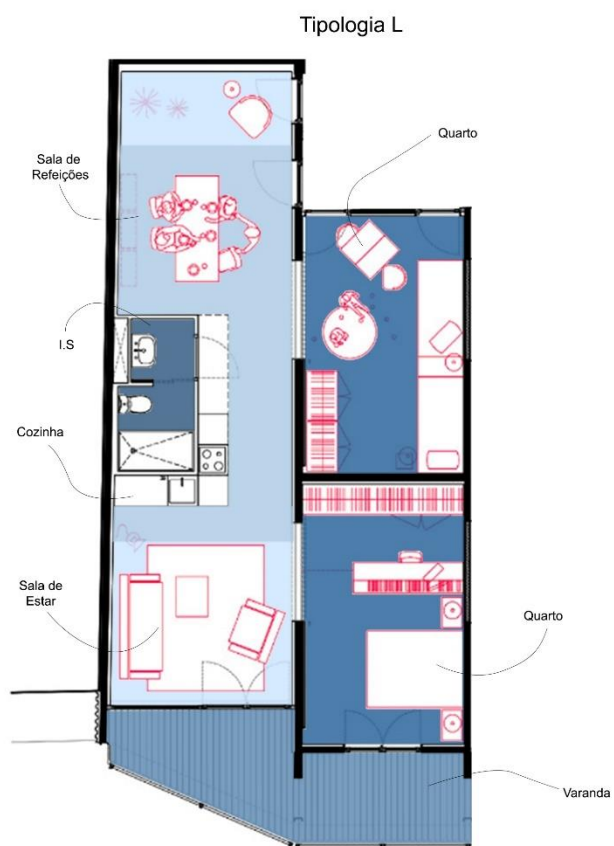


Fig. 103 - Possibilidade de organização da tipologia L . Elaborado pela autora baseado nas plantas de LACOL

3.6 Caso de estudo - Bijgaardehof

Arquitetos: BOGDAN & VAN BROECK

Gent, Bélgica

2022

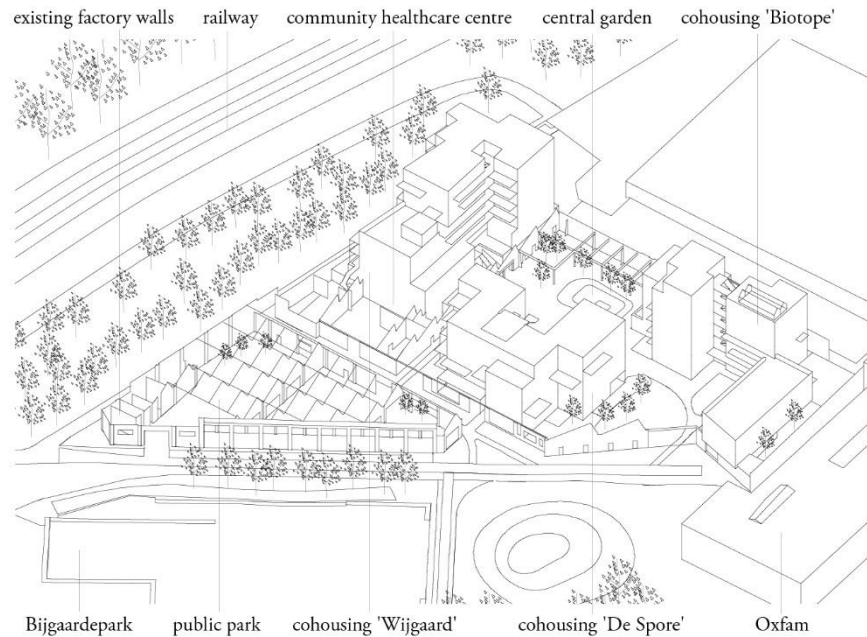
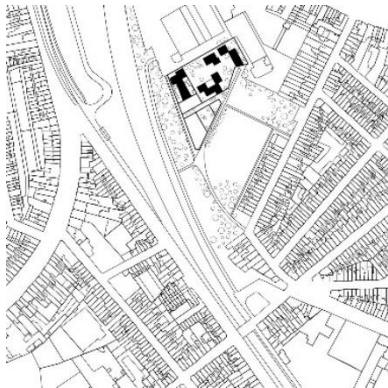


Fig. 104 - Planta de Localização de Cohousing Bijgaardehof em Gent, Bélgica . BOGDAN & VAN BROECK . 2018

Fig. 105 - Figuras sobre o número de habitações e agregados familiares no cohousing Bijgaardehof. Elaborado pela autora

Fig. 106 - Esquema 3D com legenda das 3 comunidades e a sua envolvente . BOGDAN & VAN BROECK. 2018

O *cohousing* Bijgaardehof, localiza-se perto do centro da cidade de Gent em Bélgica (Fig.104) e é composto por três comunidades - Biotope (19 famílias), De Spore (15 famílias) e Wijngaard (25 famílias) - no total são 59 famílias (Fig.105). A comunidade inclui 59 habitações distribuídas por 3 edifícios compostos até 7 pisos, estes situam-se no interior de uma antiga fábrica que foi transformada. (Cohousing Bijgaardehof, 2016) Além de abranger as habitações, inclui também um centro de saúde, espaços comuns interiores e exteriores, e um espaço de oficinas com vista para o parque público - Bijgaardepark. O projeto centra-se na sustentabilidade, tanto a nível de desenvolvimento urbano quanto a nível de projeto, responde a critérios de qualidade como: densificação urbana próxima a equipamentos locais e transportes públicos; revitalização de áreas abandonadas; partilha de funções para melhorar a qualidade de vida a custos razoáveis; e a combinação de natureza e a agricultura urbana. (&bogdan, 2022)



Fig. 107 - Vista aérea do *cohousing* Bijgaardehof com Gent ao fundo . Laurian Ghinitoiu . 2019

Fábrica – A sua preservação e revitalização

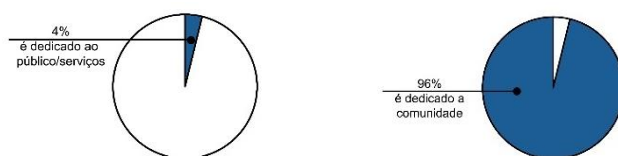
A atual comunidade situa-se no terreno de uma fábrica que foi abandonada em 1996, posteriormente, utilizada para experimentos de graffiti, com o tempo, os telhados e algumas paredes ruíram. Um dos requisitos para a aquisição do local foi a preservação da fábrica, especificamente, as paredes e a estrutura. As paredes externas da fábrica que atualmente cercam os edifícios da comunidade, são um elemento essencial do projeto, juntamente com a reutilização de alguns azulejos nos novos edifícios e a preservação de certos graffiti. As paredes exteriores da fábrica foram rebocadas e reforçadas com pilares de metal para garantir a sua estabilidade. Em algumas partes do muro foram criadas aberturas para permitir a circulação para pontos cruciais no terreno e para a entrada de luz. (Focketyn, 2023)

Foi estabelecida uma conexão entre o *cohousing* e o parque público Bijgaardepark, por meio de uma passagem exterior que conduz para um espaço exterior aberto, coberto pelas antigas estruturas do telhado da fábrica. Este espaço agora funciona como uma extensão do parque urbano (Fig.108).



Fig. 108 - Ilustração 3D da reabilitação e extensão do Parque Urbana Bijgaardepark . BOGDAN & VAN BROECK . 2018

Sociedade e comunidade



Ao comparar as áreas dedicadas ao espaço público e à comunidade, verificou-se que 4% da área de construção²¹ é dedicado ao espaço público, que inclui um centro de saúde, enquanto os restantes 96% são dedicados à comunidade (Fig.109). Os espaços comuns estão maioritariamente localizados no piso térreo, juntamente com os espaços exteriores compartilhados (Fig.110).

Fig. 109 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas ao público (4%) e a comunidade (96%). Elaborado pela autora

A inclusão de espaços públicos, como a expansão do parque urbano e a construção do centro de saúde, aumentou o dinamismo e movimentação da região, este projeto não apenas revitalizou a antiga fábrica, como também requalificou o espaço urbano envolvente, criando um bairro mais dinâmico e repleto de atividades.

²¹ Isto não inclui a extensão do parque urbano

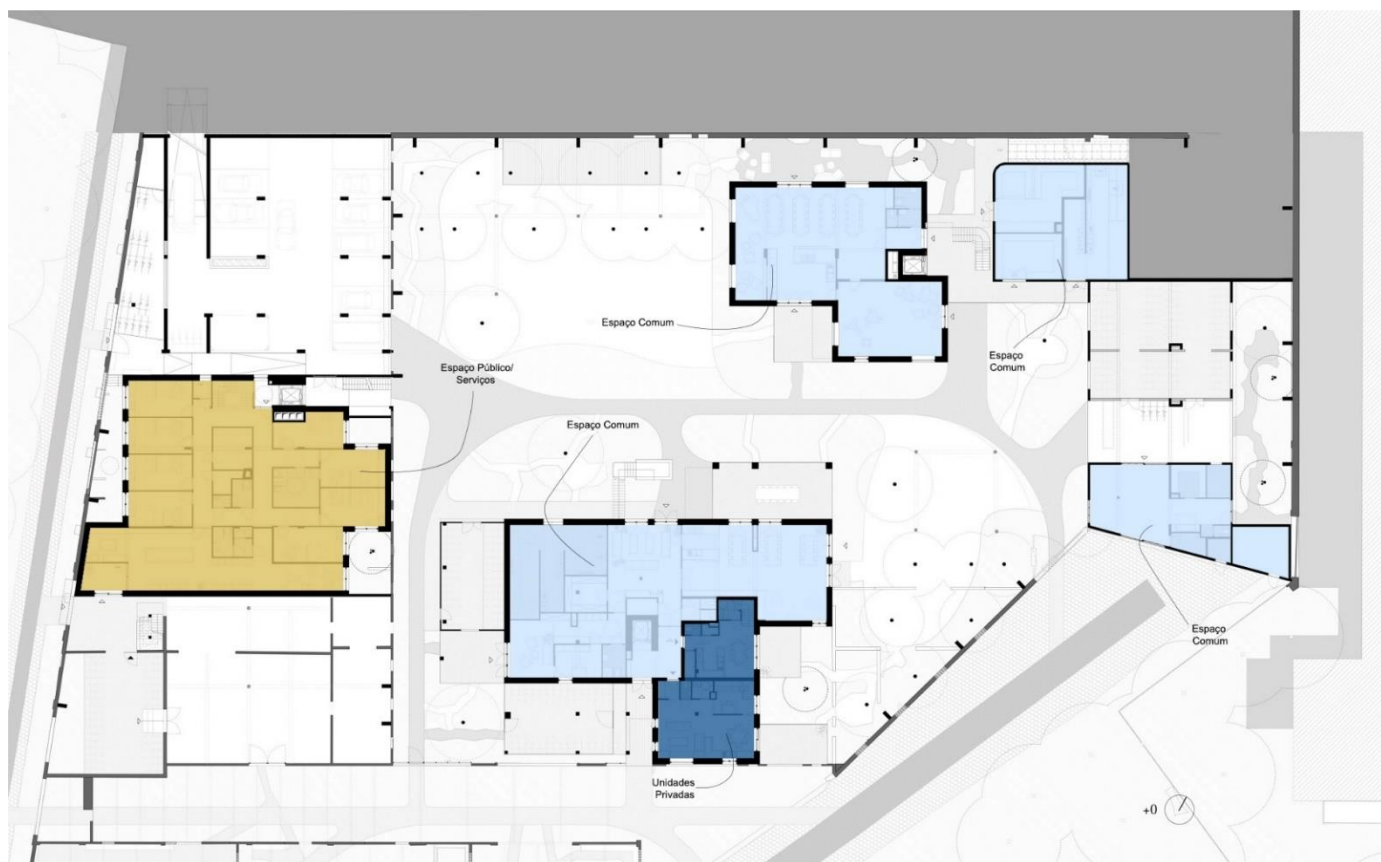


Fig. 110 - Análise dos espaços públicos e comunitários do piso térreo de Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Espaço comum interior e exterior



Ao comparar as áreas exteriores e interiores, verificou-se que 62% da área é dedicada aos espaços comuns exteriores²² e 38% aos espaços comuns interiores (Fig.111). Os espaços exteriores são compartilhados entre as três comunidades (De Spore, Biotope e Wijngaard), e incluem um praça central de aproximadamente 900m² localizado no centro da comunidade. Esta está rodeada pelos três edifícios. Também existem outros espaços comuns exteriores como, um jardim escondido que oferece um ambiente íntimo, dois espaços verdes, e hortas comunitárias nas coberturas.

Os espaços interiores comuns estão, principalmente, situados no piso térreo e oferecem acesso direto aos jardins. Cada comunidade possui os seus próprios espaços comuns, que incluem, as cozinhas comunitárias, as salas de estar e lazer e as lavandarias comuns (Fig.112 e 113). De Spore e Biotope concentram a maioria dos seus espaços comuns no piso térreo, com acesso direto aos seus respectivos pátios exteriores, onde os residentes podem realizar refeições ou outras atividades ao ar livre.

A comunidade Wijngaard, localizada acima do centro de saúde, tem os seus espaços comuns no segundo piso. Além das áreas comuns semelhantes às outras duas comunidades, Wijngaard dispõe de uma sala de trabalho adicional e uma varanda comum em vez de um pátio.

Fig. 111 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas aos espaços comuns exteriores (62%) e aos espaços comuns interiores (38%).
Elaborado pela autora

²² Isto é sem incluir os espaços de estacionamento para carros ou bicicletas.

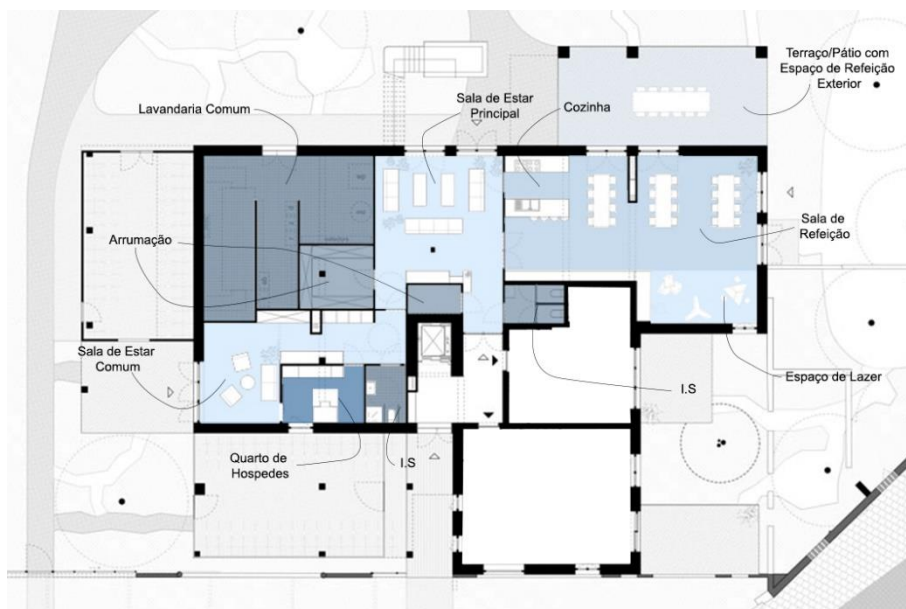
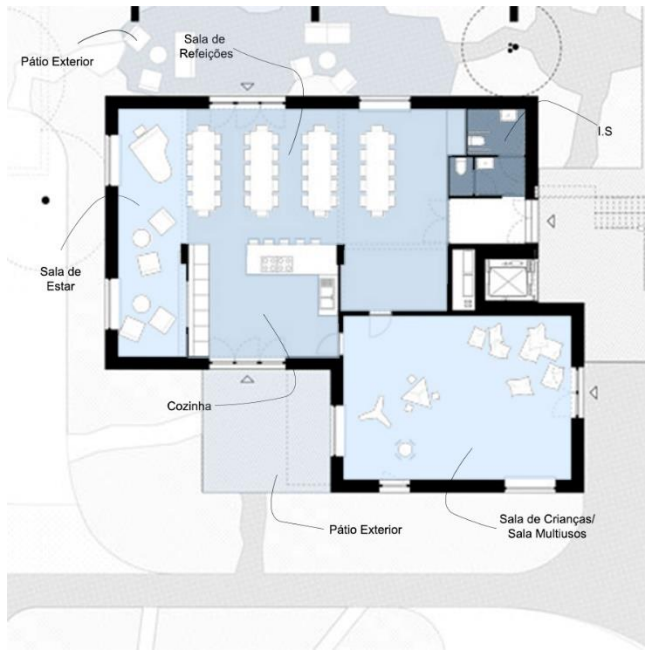


Fig. 112 - Análise da casa comum do *cohousing* Biotope da comunidade Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig. 113 - Análise da casa comum do *cohousing* De Spore da comunidade Bijgaardehof . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Unidades privadas – Habitações privadas



Ao comparar as unidades privadas e os espaços comuns interiores da comunidade, observou-se que 80% da área é dedicada às unidades privadas (habitações) e 20% aos espaços comuns interiores (Fig.114). Cada um dos três edifícios organizou a circulação vertical através de galerias abertas ao ar livre, para garantir a melhor visibilidade e interação entre os residentes.

Com a análise das plantas da comunidade, revela-se que não existe uma tipologia comum entre as três comunidades, nem uma tipologia base para cada edifício. Estes edifícios contêm todos: Estúdios com áreas entre 40m² e 60m², apartamentos de 1 quarto entre 60 e 75m², e existem maioritariamente apartamentos de 2 e 3 quartos. Os apartamentos de 2 quartos variam de 69m² a 110m², os de 3 quartos de 90m² a 135m², e existem alguns apartamentos de 4 quartos com áreas entre 130 e 155m². Alguns dos apartamentos de 2,3 e 4 quartos são em duplex e todos os apartamentos incluem sala de estar, cozinha, instalações sanitárias, quartos e varandas privadas.

A importância deste caso de estudo para o projeto final de mestrado é

- A incorporação do espaço público no edifício de *cohousing* para dinamizar e reutilizar o bairro;
- A preservação e revitalização da antiga fábrica;
- A disposição dos edifícios dentro dos muros da fábrica e em torno dos espaços exteriores;
- As suas galerias abertas que incentivam a interação social;
- A configuração e localização dos espaços comuns que serve de aprendizagem na criação desses espaços;
- As suas áreas dedicadas a diferentes funções;
- A relação entre as diferentes funções dentro das unidades privadas;

Fig. 114 - Diagramas que identificam as áreas úteis dedicadas as unidades privadas (80%) e aos espaços comuns interiores (20%).
Elaborado pela autora

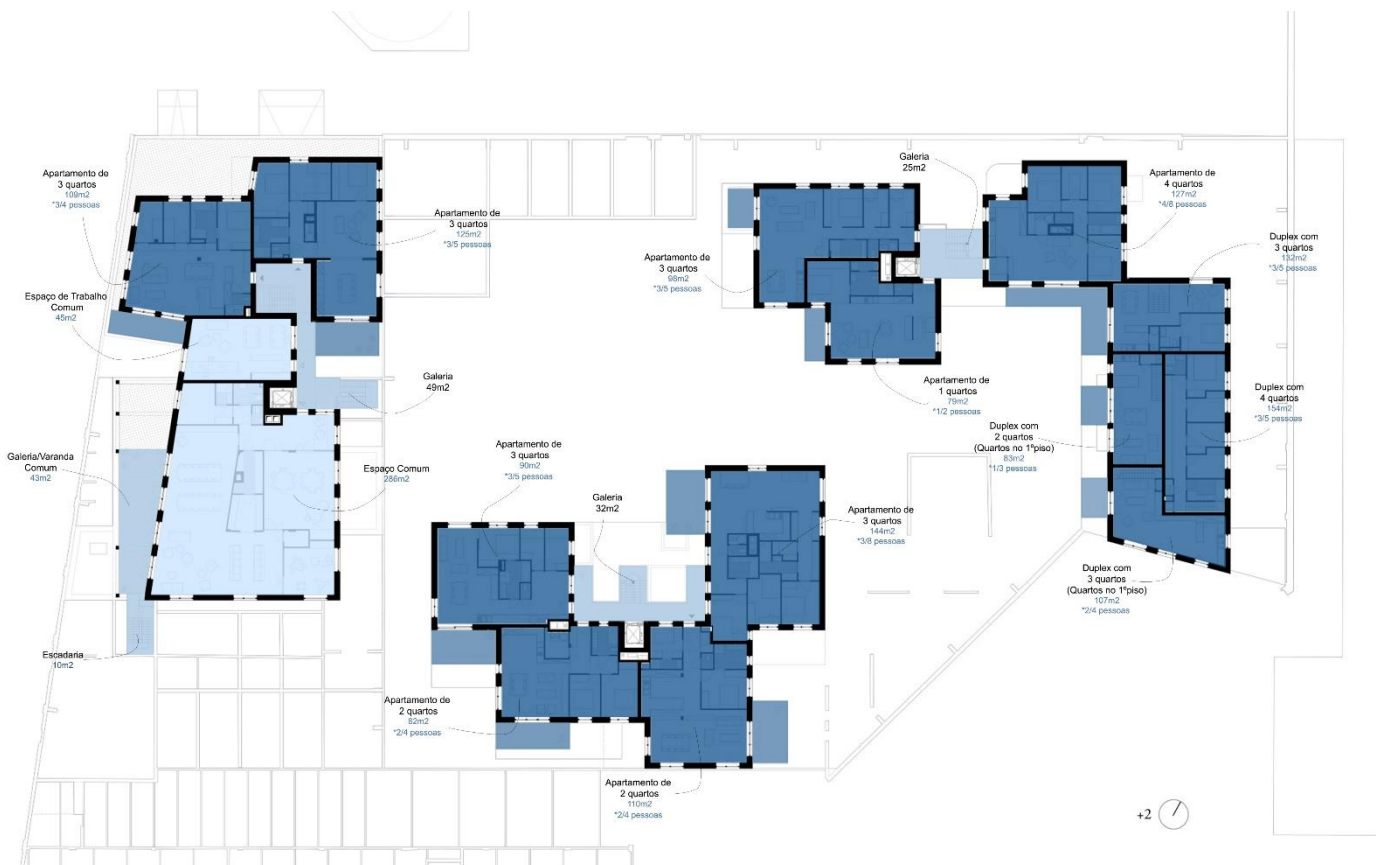


Fig. 115 - Análise das da disposição do espaço comum e das tipologias existentes no segundo piso de Bijgaardehof .
Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK



Fig. 116 - Análise da disposição e tipologia de apartamentos de 1 quarto e 3 quartos do *cohousing* Biotope no terceiro piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig. 117 - Análise do interior dos apartamentos do *cohousing* Biotope no terceiro piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

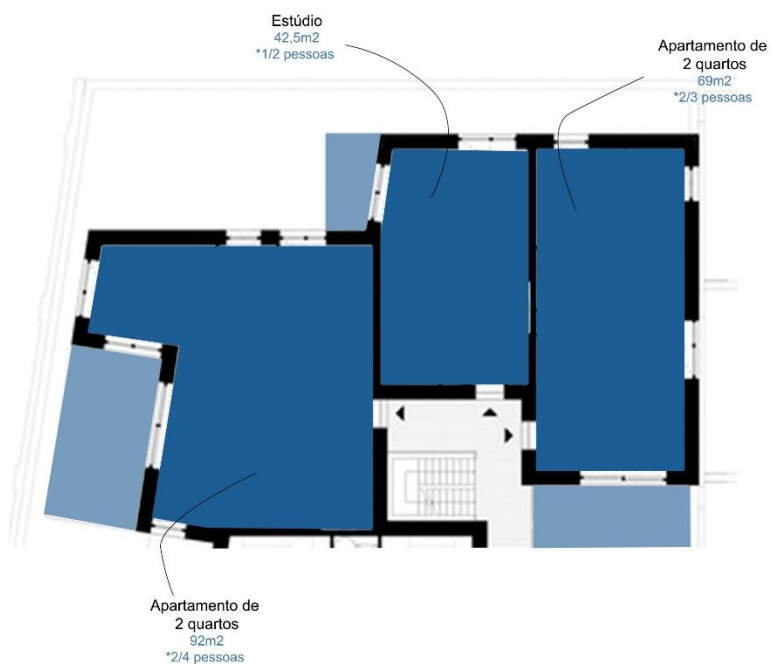
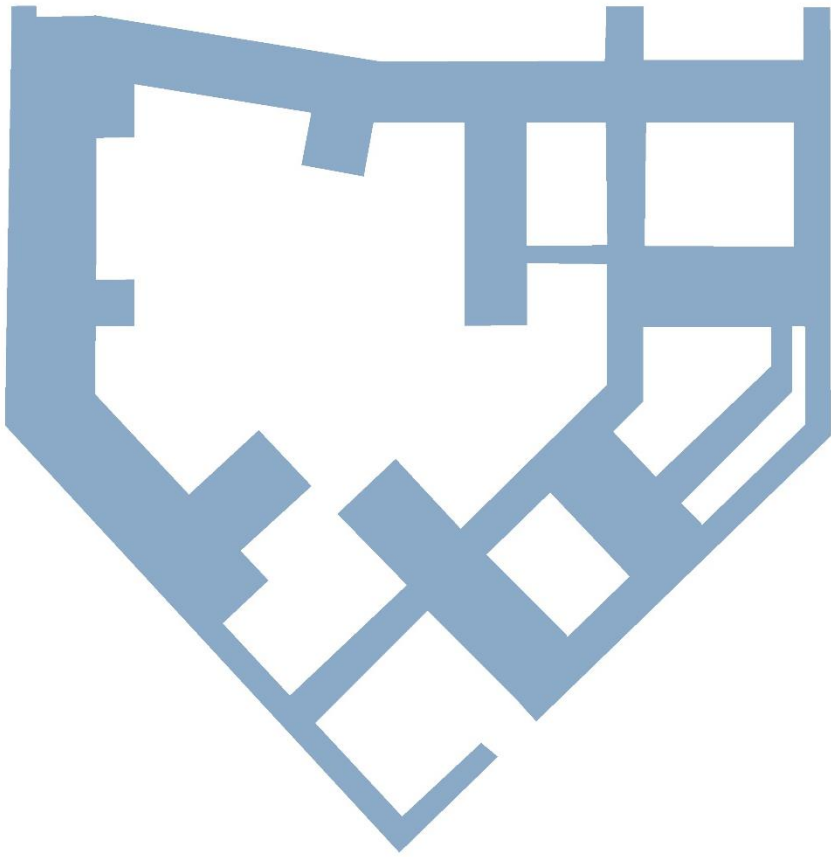
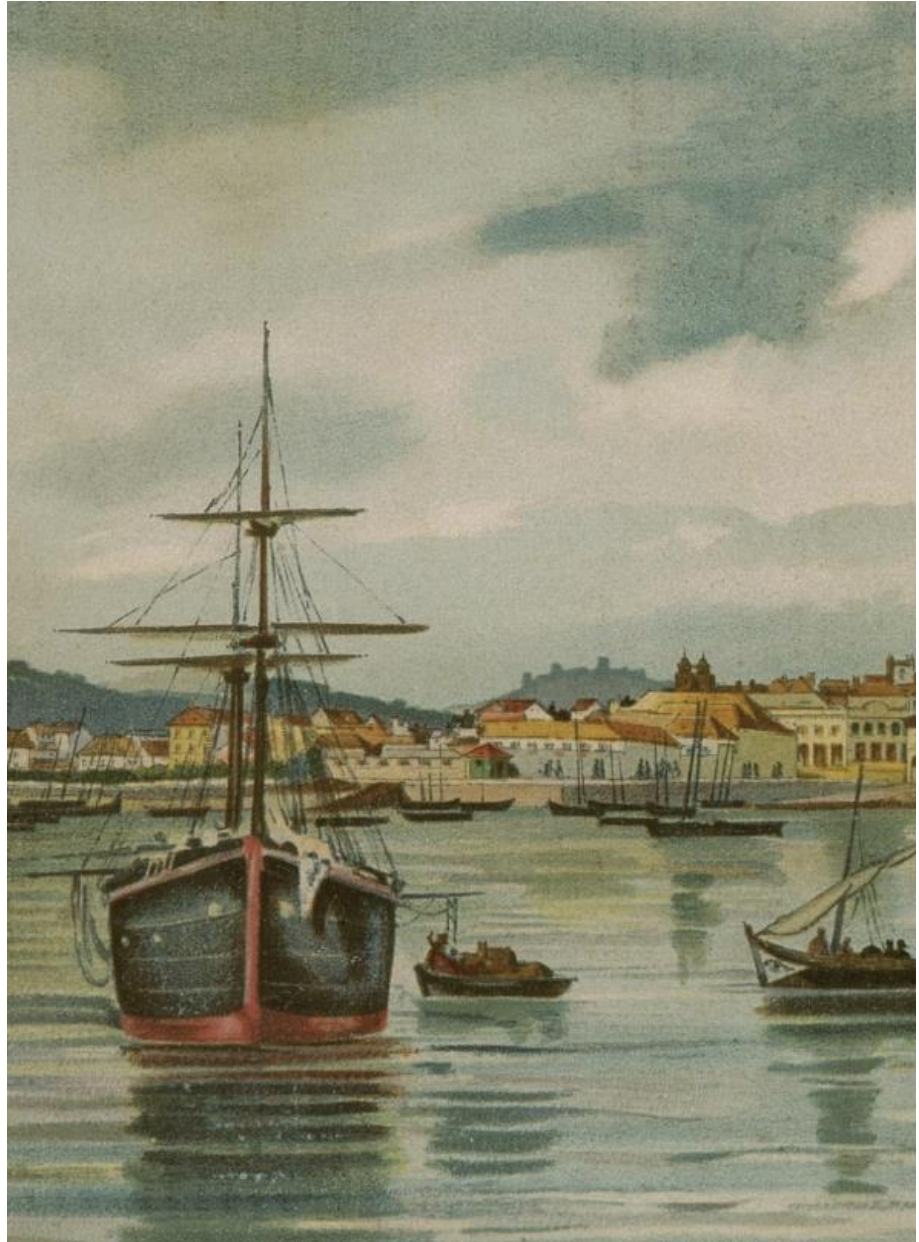


Fig. 118 - Análise da disposição e tipologia de apartamentos de 2 quartos e Estúdio do *cohousing* Wijngaard no sexto piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

Fig. 119 - Análise do interior dos apartamentos do *cohousing* Wijngaard no sexto piso . Elaborado pela autora baseado nas plantas de BOGDAN & VAN BROECK

4 | PROJETO - A PARTILHA DO BALUARTE





“O mar e a terra amaram-se e desse amor brotou Setúbal, morena e robusta, alimentada pelo porto que com ela se formou e desenvolveu.” (Quintas, 2003, p.25)

Legenda da página 151:

Fig. 120 - Esquema da proposta de Projeto . Elaborado pela autora

Legenda da página anterior

Fig. 121 - Pintura de aguarela do Porto de Setúbal . E.Casanova . 1866 . coleção particular de Madureira Lopes

4.1 Mar e Terra: História e Enquadramento da Cidade e do Porto de Setúbal

Setúbal situa-se na costa atlântica de Portugal, entre os estuários dos rios Tejo e Sado (Fig.122), aproximadamente 60 quilómetros ao sul de Lisboa. A serra da Arrábida, uma pequena região montanhosa localizada na parte sul da península de Setúbal, encontra-se com o oceano Atlântico a Sul e Oeste, proporcionando proteção à cidade de Setúbal contra os ventos fortes provenientes do norte e nordeste, enquanto a península de Tróia atua como uma barreira natural que restringe os ventos vindos do sul e de sudeste.(Quintas, 2003)

Setúbal nasceu pela proximidade com o Estuário do Rio Sado, cuja água servia como principal atrativo, facilitando o transporte de mercadorias e as trocas marítimas.(Quintas, 2003) Os primeiros vestígios de assentamento na região de Setúbal datam da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Durante esse período, a principal atividade concentrava-se na atividade industrial local, especialmente na salga, transformação do peixe e de olaria. No século VIII, a cidade foi ocupada pelos árabes, até que, em 1165, D. Afonso Henriques a reconquistou dos muçulmanos. No entanto, em 1190, os mouros retomaram o controle, até que D.Sancho I a recuperou definitivamente a partir de 1200. (Malheiro, 2020)



Fig.122 - Enquadramento de Setúbal . Elaborado pela autora . 2024

Fig.123 - Enquadramento de Setúbal . Elaborado pela autora . 2024

O porto de Setúbal transformou-se em um centro vital para o crescimento económico local, devido à sua proximidade de Lisboa. Este desenvolvimento foi fundamental para a fundação e expansão da vila de Setúbal, cujo aglomerado urbano tornou-se oficial em 1249. (Quintas, 2003)

Entre 1325 e 1375, sob o reinado de D.Afonso IV, foi construída uma muralha (Fig.124) para proteger a crescente população da vila. Essas muralhas sustentaram as estruturas da cidade, que seguiam uma forma predominantemente ortogonal e, em alguns casos orgânica. (Malheiro, 2020)

Devido ao rápido crescimento populacional da vila no século XV, algumas partes da muralha medieval foram demolidas para permitir a expansão urbana além dos seus limites iniciais. Em resposta à contínua expansão da cidade, decidiu-se em 1640 construir uma segunda muralha, atualmente reconhecida como muralha seiscentista (Fig.125), composta por baluartes, para proteger os novos limites estabelecidos. (Malheiro, 2020)

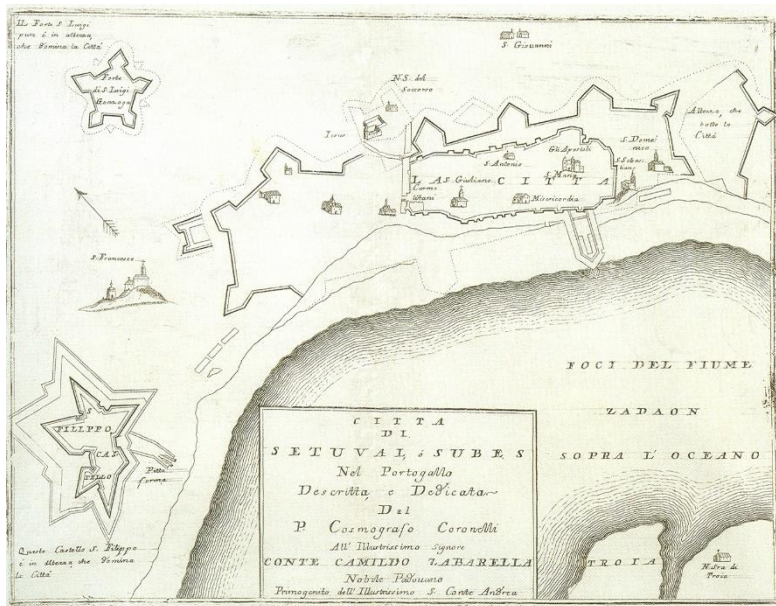


Fig. 124 - Planta da vila de Setúbal entre 1670-80 com a presença da muralha medieval e partes da muralha seiscentista . Cosmógrafo Coronelli Coleção de Madureira Lopes . 1670-80



Fig. 125 - Planta da Praça e vila de Setúbal com a muralha medieval e seiscentista . Levantada por Maximiano José de Serra, desenhada por Caetano José Parreiras . 1820

A partir do século XVII, Setúbal experimentou um significativo crescimento económico, sobretudo devido à produção e comércio do sal. Este comércio contribuiu para o desenvolvimento da região. Em 1703, a função de defesa da muralha seiscentista terminou (Malheiro, 2020). Com o fim dessa função, iniciou-se o processo de aterro, e o espaço resultante foi ocupado por edifícios industriais, localizados predominantemente junto ao rio.(Quintas, 2003)

A indústria conserveira em Setúbal teve início em 1845, o que atraiu muitas pessoas do interior para a cidade. Este setor tornou-se um motor de crescimento económico, favorecido pela localização estratégica do porto. (Quintas, 2003) Contudo, a zona ribeirinha foi significativamente afetada pelo terramoto de 1858. Em resposta, foi decidido transformar a cidade, com foco especial na zona ribeirinha, resultando na construção da Avenida Luísa Todi. Esta avenida transformou-se na principal via da cidade e proporciona acesso a várias novas infraestruturas.(Alcântara, 2010) Como resultado destes desenvolvimentos, a vila de Setúbal foi elevada à categoria de Cidade em 1860.(Quintas, 2003)

Entre 1854 e 1914, Setúbal passou por um grande desenvolvimento industrial, destacou-se por ser a cidade onde foi instalada a primeira fábrica de produção de conservas de sardinha pelo método da esterilização em Portugal. Este crescimento transformou Setúbal no maior centro produtor de conservas do país, o que originou uma grande expansão de estruturas fabris ao longo da zona ribeirinha da cidade. (Alcântara, 2010)

A partir do século XIX, as estruturas portuárias da cidade tiveram que se adaptar às novas exigências da navegação moderna. Em resposta foi criada, em 1923, a Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, o que permitiu a ampliação das estruturas portuárias para responder às novas exigências, resultando em um rápido desenvolvimento das atividades portuárias e da economia local.(Quintas, 2003)



Fig. 126 - Início da construção do porto de Setúbal nos anos de 1900 . UF Setúbal . Data Desconhecida

Entre 1920 e 1934, foram construídas três novas docas em Setúbal: uma para apoiar as atividades piscatórias, outra para o comércio e uma terceira destinada ao recreio, substituindo a antiga Doca Delpeut. Nos anos seguintes, o porto passou por várias melhorias e diversos edifícios de apoio às atividades portuárias foram construídos. (Malheiro, 2020)

Em 1930, a indústria conserveira entrou em crise e afetou a maioria da população operária, o que implicou a reestruturação da malha urbana. Em 1944, com a implantação do Plano Geral de Urbanização (PGU), ocorreu a primeira grande intervenção urbana, pelo arquiteto João Aguiar. Este plano representou uma novidade em Setúbal, a população foi confrontada pela primeira vez com uma proposta de alteração tão profunda na sua estrutura urbana, resultando na configuração urbana que conhecemos atualmente (Malheiro, 2020)

Evolução da Linha de Água
esc.1.5000

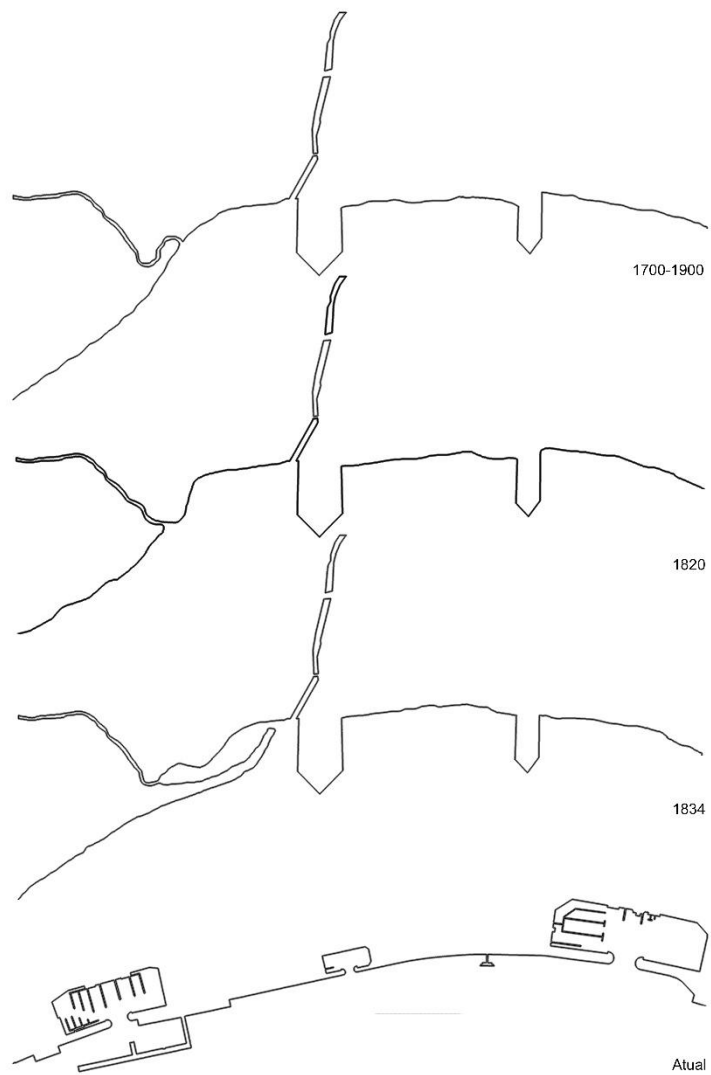


Fig. 127 - Evolução da linha de água de Setúbal ao longo dos séculos . Elaborado pela autora . 2023

4.2 Memória e Património

Embora a memória pareça extremamente individualizada, ela também possui um componente social vital. A criação de um lugar é uma das principais formas de constituição da memória. (Cresswell, 2004)

O lugar é considerado como o - locus da memória coletiva- , um espaço onde a identidade é criada através da construção de memórias que conectam um grupo de pessoas ao seu passado comum. A experiência de um lugar desempenha um papel significativo na formação da memória, é evidente que existe uma conexão intrínseca entre a memória e o espaço. (Cresswell, 2004)

A memória do lugar refere-se à capacidade de um lugar de ressuscitar o passado no presente, contribuindo assim para a produção e reprodução da memória social. (Cresswell, 2004)

A criação da atmosfera de um espaço de memória depende crucialmente da arquitetura e de sua preservação. Elementos arquitetônicos, materiais autênticos e a manutenção das características originais do lugar contribuem para essa experiência. (Cresswell, 2004)

Vivenciar um lugar de memória é uma experiência única, pois neste espaço somos transportados através do tempo e se o lugar estiver bem preservado, sentimos o passado. Ao contrário de simplesmente ver ou ouvir sobre eventos passados, o lugar permite-nos vivenciar a história.(Cresswell, 2004)

Segundo Choay (2014), o património histórico é definido como:

“(...) um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado; obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos.”(Choay, 2014, p.11)

Ou seja, ao longo da história da humanidade, foram criados diversos objetos artísticos e culturais que não só representam as realizações e valores das sociedades passadas, mas também documentam a evolução dos conhecimentos e habilidades humanas. Este património acumulado oferece uma ligação ao passado, sendo que a preservação e valorização deste património são fundamentais para manter viva a memória coletiva.

4.2.1 O Baluarte de Nossa Senhora do Livramento

A segunda muralha construída em Setúbal, conhecida como seiscentista, foi projetada em 1642 por Jean Gilot e Cosmader. Esta muralha é composta por baluartes e cortinas e envolveu quase toda a área urbana de Setúbal (Fig.128), retirando a importância da antiga muralha medieval, que perdeu totalmente as suas funções iniciais a partir desse momento. (Tomé, 2015)

“Embora a palavra “baluarte” surja no século XV, o sentido de plataforma pentagonal dimensionada para a artilharia de fogo só se fixa no final do seguinte. É uma obra avançada do reparo delineada com quatro lado e três ângulos exteriores além de dois que forma com as cortinas.”(República Portuguesa, 2016, p.17)

Em 1680, foi tomada a decisão de avançar a muralha sobre o rio através de um grande aterro. O Baluarte de Nossa Senhora do Livramento desempenhou um papel na modificação da linha de costa ao posicionar-se estrategicamente na margem do estuário do rio Sado. (República Portuguesa, 2016) A construção da muralha seiscentista foi concluída em 1696 (Malheiro, 2020)

O Baluarte de Nossa Senhora do Livramento, juntamente com o Baluarte de Nossa Senhora da Conceição, funcionava como duas fortalezas essenciais de defesa do estuário do Sado e do porto de Setúbal.(Tomé, 2016)



Fig. 128 - Planta de Setúbal, com as muralhas identificadas à vermelho, esc. 1.8000 - Editado pela autora.

Durante a evolução de Setúbal, o Baluarte do Livramento sofreu várias destruições e ocupações. O terramoto de 1755 causou danos significativos à muralha e, posteriormente, foram construídos edifícios no seu interior, incluindo o Mercado do Livramento (Alcântara, 2010), atualmente localizado junto à Avenida Luísa Todi. No século XIX, a expansão urbana da cidade levou ao rompimento da muralha seiscentista para permitir o seu crescimento. (Malheiro, 2020)

No início do século XX, surgiram novas construções, sobretudo fábricas de conserva como a Fábrica Aurora (1888-1910) e a Fábrica Progresso (1899-1918), dentro da muralha, utilizando-a como estrutura. (Alcântara, 2010) Atualmente, muitas dessas fábricas estão em ruínas devido à degradação.

Ainda no mesmo século, a necessidade de expansão da cidade e do porto resultou em vários aterros, redefinindo a linha de costa, que se mantém até hoje. (Malheiro, 2020) Esses aterros desconectaram permanentemente o baluarte do rio, deixando apenas a memória de seu antigo papel.

Após a visita ao local, constatou-se que o Baluarte de Nossa Senhora do Livramento é mais uma memória do que uma estrutura presente. Outrora uma muralha imponente e extensa que dominava a paisagem, hoje resta apenas um muro de cerca de dois metros de altura, danificado e alterado pelo tempo. Na envolvente do Baluarte, existem vários vazios urbanos, tanto a nascente quanto a poente, atualmente utilizados como estacionamento e doca seca (Fig.131 e 132). A muralha, que já não mantém a conexão original com o rio, não foi preservada adequadamente e perdeu grande parte da sua importância histórica e cultural.

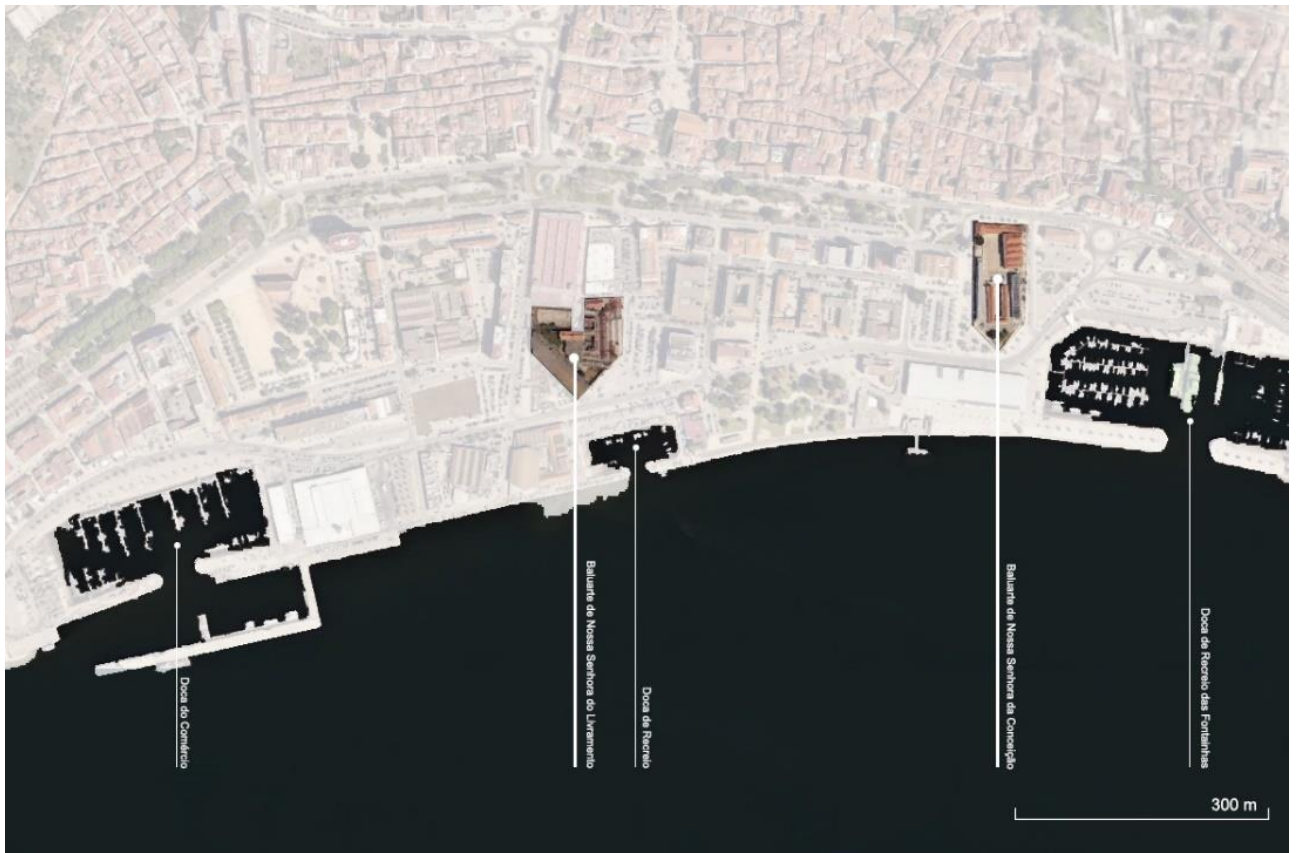


Fig. 129 - Identificação dos dois Baluartes e das três docas de Setúbal . Elaborado pela autora

Fig. 130 - Doca Seca à frente do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento . Tirada pela autora . 2023

Fig. 131 - Exterior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento com os danos e o estacionamento visíveis . Tirada pela autora . 2022

4.3 Plano de Estratégias da Frente Ribeirinha de Setúbal

Para o desenvolvimento do plano de estratégias de intervenção na frente ribeirinha de Setúbal, foi necessário desenvolver diversas análises a fim de definir a área de intervenção e as suas problemáticas.

Estas análises foram realizadas ao longo do período da Unidade Curricular do Laboratório de Projeto VI 2022/2023, incluindo as visitas ao local e durante o desenvolvimento da Proposta Final de Mestrado. As análises revelaram uma desconexão entre a frente ribeirinha de Setúbal e o resto da cidade. Esta desconexão é visível desde da Avenida Todi até às margens do Rio Sado, com a presença de vários edifícios devolutos e grandes espaços vazios (Fig.132), que atualmente servem de estacionamento.

Além disso, observou-se outra desconexão crucial, desta vez, entre a frente ribeirinha e o rio Sado (Fig.133). Esta desconexão é notável num segmento da frente ribeirinha, onde o contato com a água é limitado devido a diversas problemáticas, como, a presença de docas privadas cercadas por vedação, diferenças significativas de altura entre o nível do pavimento e o da água, a excessiva presença de vias de circulação automóvel e a falta de atividades na zona envolvente.



Fig. 132 - Planta de análise dos espaços cheios (preto) e vazios (branco) em Setúbal . Elaborado pela autora . 2022

Em resposta a estas problemáticas identificadas, a estratégia principal é revitalizar, reestruturar e reabilitar a frente ribeirinha de Setúbal, com o objetivo de:

- Reconectar a cidade à água, tanto através da integração da água no espaço urbano ao longo da linha da costa como dentro do próprio tecido urbano;

- Criar espaços exteriores e interiores que atraiam pessoas para a frente ribeirinha, possibilitando mais movimentação e dinamismo na zona;

- Priorizar o peão ao longo da frente ribeirinha, ao reavaliar a distribuição das faixas rodoviárias existentes, para permitir a abertura de um percurso contínuo ao longo do rio.

Esta intervenção urbana visa honrar o passado de Setúbal e a sua relação histórica com a água. Deste modo, é essencial preservar e incorporar certos elementos e atividades relacionadas com o porto e a água, a fim de assegurar a identidade cultural da frente ribeirinha de Setúbal. Isto em combinação com a introdução de elementos novos que revitalizam o espaço.



Fig. 133 - Planta de análise das áreas de afastamento do rio, vermelho significa sem contacto e vermelho tracejado significa contacto limitado . Elaborado pela autora . 2022

4.4 Projeto Urbano da Frente Ribeirinha

A proposta de intervenção urbana para a frente ribeirinha de Setúbal configura-se na reestruturação, revitalização e restauração do espaço urbano, respondendo às problemáticas apresentadas. A reestruturação consiste, na reconfiguração e modificação da frente ribeirinha, como também a eliminação de algumas faixas rodoviárias.

A proposta visa abrir e conectar o espaço ao longo do rio, permitindo assim, um percurso contínuo e acessível. Para isto, foi criado na linha de costa, um aterro que se estende da Doca do Comércio até a Doca de Recreio, isto aumenta a área de utilização e a continuidade do espaço. A ligação do aterro com a água é realizada por meio de degraus, que servem como espaços de lazer, permitindo assim o contato direto com a água. Estes degraus são separados por quatro pontões avançados para além da linha de costa (Fig.134), possibilitando a pesca amadora, que foi uma necessidade identificada durante as visitas ao local. Desses quatro pontões existem três perpendiculares à linha de costa, dois dos quais estão próximos à Doca de Recreio. Estes dois, atuam como extensões de percursos pedonais que conectam a elementos na cidade.

O pontão mais avançado sobre a linha de costa, é uma extensão da Rua Ocidental do Mercado²³ e possui uma inclinação. No final deste pontão, encontra-se um elemento simbólico da cidade de Setúbal e ainda, um restaurante. Esta extensão tem dois propósitos: estabelecer uma ligação com a avenida principal de Setúbal e reviver a memória da antiga ria que passava por esta rua em 1834.

²³ - A Rua Ocidental do Mercado conecta-se com a Avenida Todi e é adjacente ao Mercado do Livramento e ao Baluarte de Nossa Senhora do Livramento.

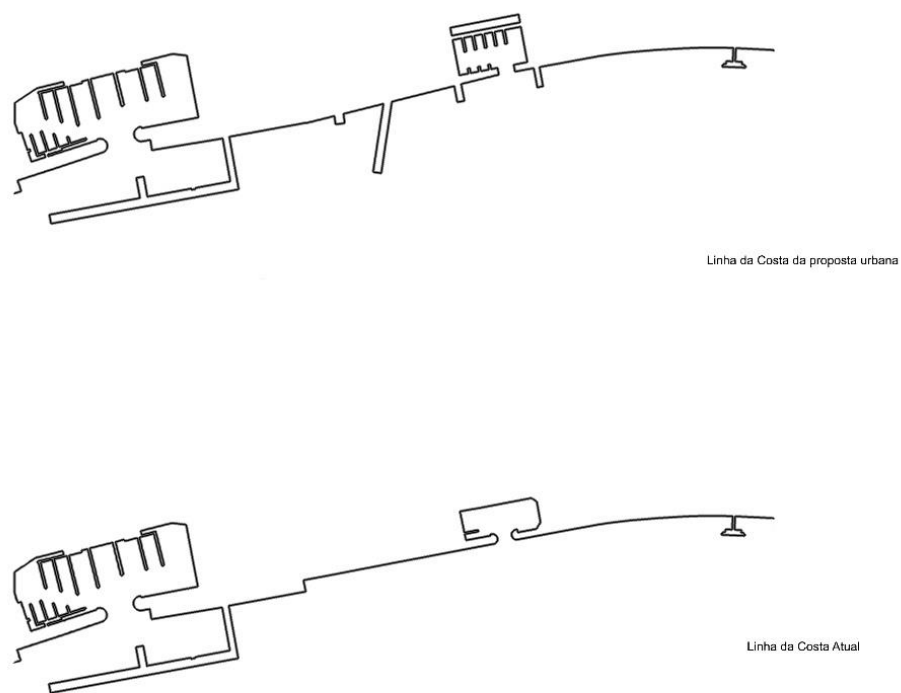


Fig. 134 - Comparação entre a linha de costa da proposta urbana e a linha de costa atual . Elaborado pela autora .
2023

Para assegurar a continuidade do percurso ao longo da linha da costa, foi necessário reconfigurar a Doca de Recreio que atualmente encontra-se fechada ao público. Desse forma, optamos por abrir ao público o espaço envolvente à doca e ao Clube Naval Setubalense. A doca foi ampliada para norte, criando assim uma faixa de água que separa a doca de um espaço de lazer com degraus que proporcionam acesso à água.

Para garantir uma circulação mais livre e segura dos pedestres na frente ribeirinha, foi necessário reduzir e reestruturar algumas faixas rodoviárias na área. Isto inclui a modificação da Rua Ocidental do Mercado, atualmente conectada à Avenida Jaime Rebelo, cuja conexão será interrompida; a redução da Rua do Clube Naval; e a transformação de um segmento da Avenida Jaime Rebelo numa via de mobilidade lenta

A revitalização e restauração da frente ribeirinha de Setúbal consiste na criação de novos edifícios em espaços urbanos vazios e na restauração de alguns edifícios devolutos de valor. No espaço vazio à poente do Baluarte, propõe-se a criação de um centro social, incluindo, edifícios dedicados ao comércio e serviços. No centro social encontra-se o pavilhão do Clube Naval Setubalense, este foi realocado, por ser um pavilhão sem desporto aquático. Atualmente, o Clube Naval abriga o clube de canoagem de Setúbal, este mantém-se no mesmo local para usufruir da Doca. Este edifício será reabilitado, com a sua área envolvente aberta ao público.

Ao longo da frente ribeirinha, foram acrescentadas em pontos cruciais, algumas estruturas de água, como canais e espelhos de água. Uma destas estruturas é projetada sobre uma extensão da Rua Ocidental do Mercado, que se estende quase até à costa. Enquanto as outras foram projetadas a nascente do Baluarte. Estas intervenções baseiam-se na intenção de retornar às características históricas de Setúbal, pois estas duas estruturas tiveram, no passado, uma ligação com a água: a Rua Ocidental do Mercado era atravessada por um rio, que originava do Rio Sado; o Baluarte estava diretamente em contato com o Rio Sado.

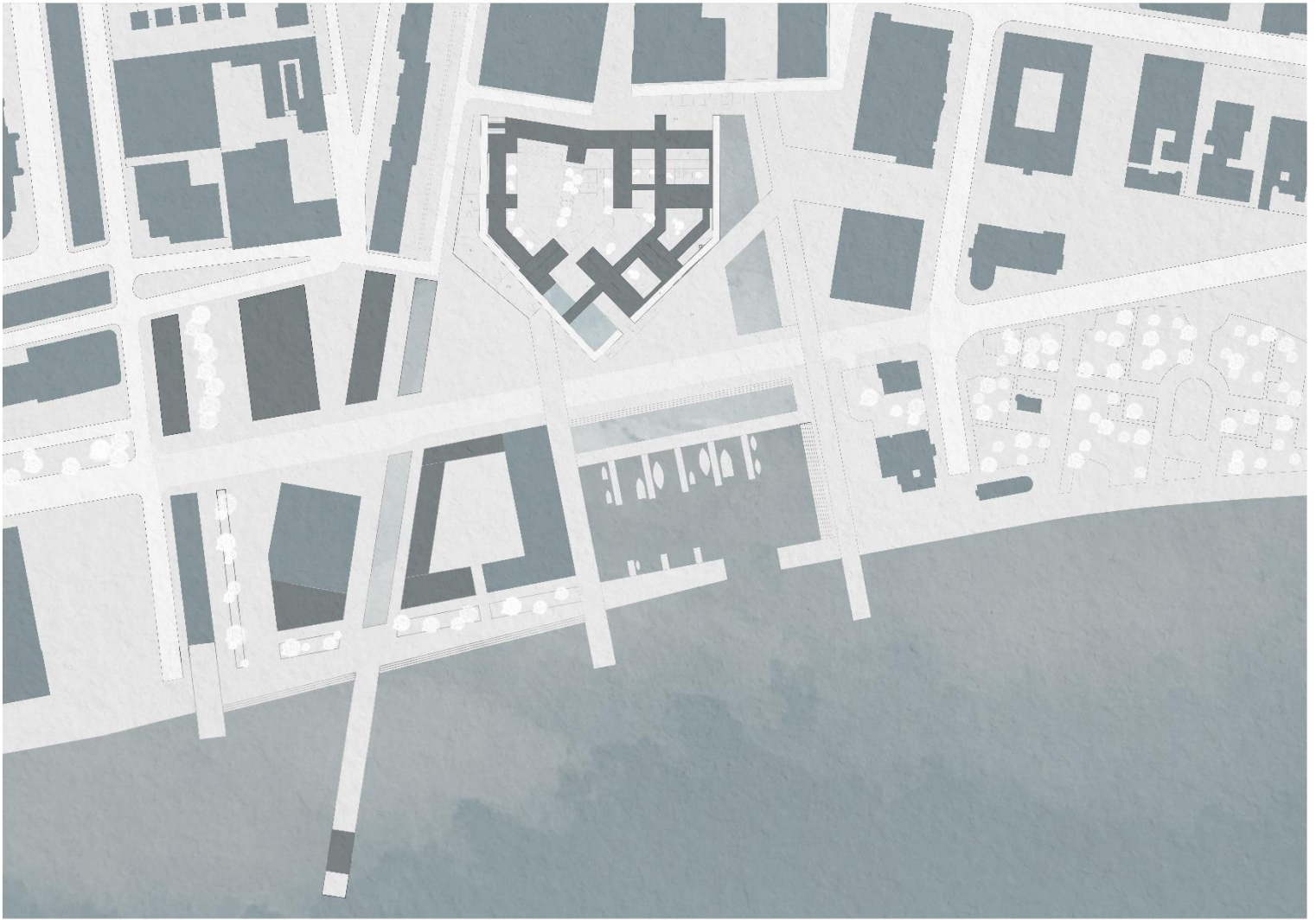


Fig. 135 - Planta da proposta urbana esc. 1.1000 . Elaborado pela autora

4.5 Projeto Base – A partilha do Baluarte

4.5.1 O programa

Atualmente, o Baluarte encontra-se descaracterizado e esquecido, porém, no seu interior, encontram-se estruturas fabris devolutas. Para uma requalificação e preservação eficaz deste elemento histórico de Setúbal, é fundamental também requalificar o espaço envolvente. O espaço envolvente do Baluarte encontra-se desorganizado, com imensos espaços vazios ao seu redor. Para a requalificação do mesmo, propõe-se a implementação das duas estruturas de água anteriormente mencionadas e um desaterro, do lado oeste do Baluarte, resultando num desnível composto por rampas, que proporcionam um percurso adjacente à muralha. Esta intervenção visa revelar a escala original da muralha, que atualmente está maioritariamente enterrada.

A preservação da muralha é essencial no desenvolvimento deste projeto, contudo, o seu aspeto industrial também faz parte da sua história. Por isso, decidiu-se preservar a chaminé existente e uma das fachadas da fábrica que possui uma abertura na muralha. Ambos encontram-se posicionados do lado nascente da muralha.

“O entendimento para proteção e salvaguarda efetiva destas estruturas, e seu enquadramento, exige que este conjunto seja entendido como um sistema particularmente complexo, construído em estreita relação com o território (...), e não apenas pela preservação isolada dos troços ainda existentes, pois só assim pode ser reconhecido e interpretado como testemunho simbólico dos valores culturais (...) ligados à função militar.”(República Portuguesa, 2016, pp.3)

O interior do Baluarte do Livramento abrange um programa extenso (Fig.136), dividindo-se entre um espaço público e um espaço dedicado à comunidade da habitação colaborativa. A inclusão do público garante que todos os indivíduos tenham acesso ao património histórico. O espaço público inclui um espaço verde, praças, comércio, restauração e um edifício destinado ao *coworking*. A comunidade inclui, espaços comuns interiores, exteriores e espaços privados, sendo que um dos espaços comuns interiores é aberto ao público. Este programa visa criar uma harmonia entre a sociedade e a comunidade, o público e o privado, a água e a terra, e o passado e o presente.

BALUARTE DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO

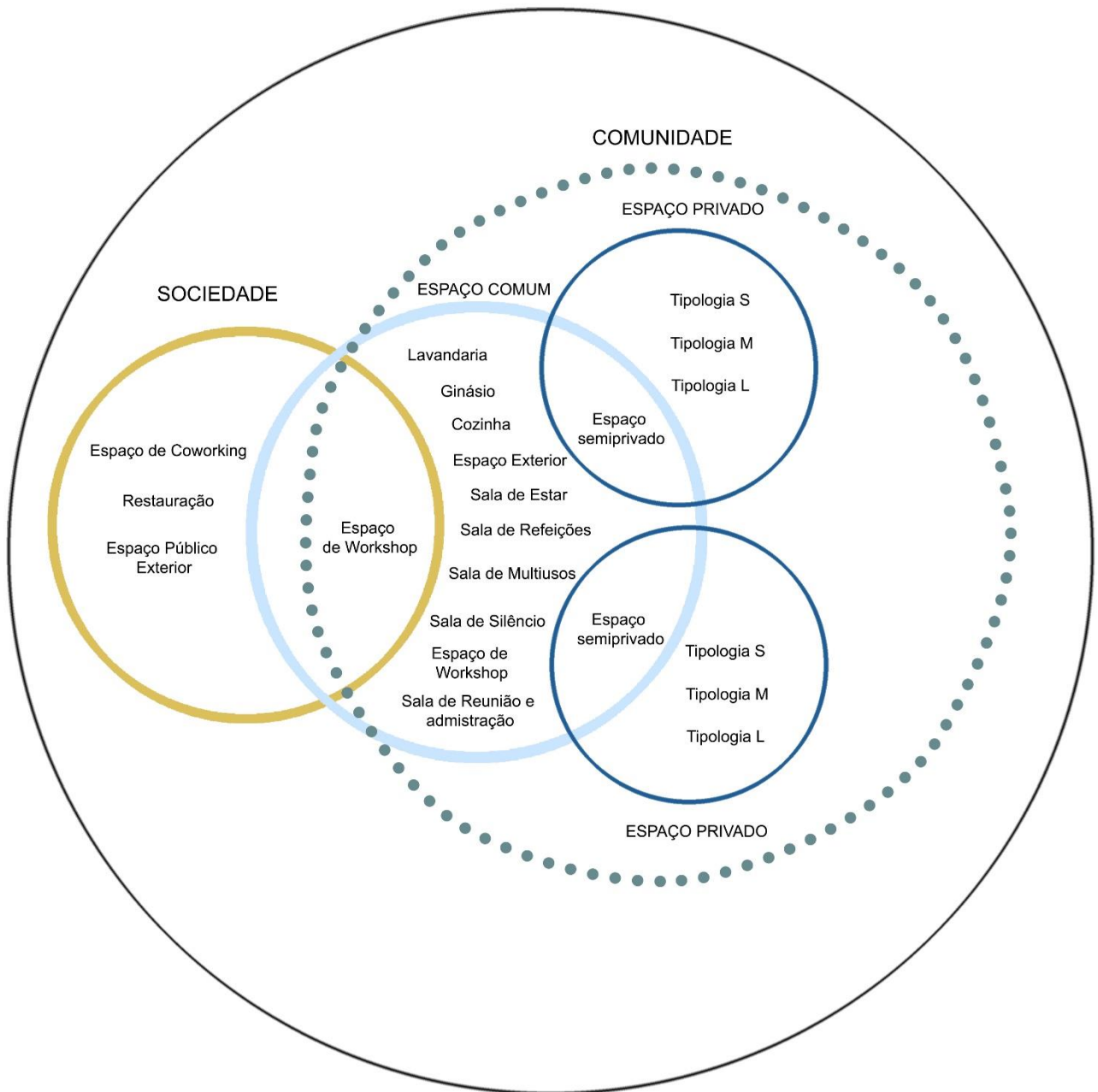


Fig. 136 - Diagrama do programa do interior do Baluarte de Nossa Senhora do Livramento . Elaborado pela autora

4.5.2 Organização espacial no interior do Baluarte

O acesso ao interior do Baluarte é feito a partir de duas aberturas (Fig.137): uma que vem a partir da Avenida Luísa Todi e a outra através de uma abertura existente no Baluarte, localizada a norte da Avenida Jaime Rebelo. Estes acessos proporcionam a entrada no Baluarte a partir da cidade, a norte, e do rio, a sul.

A implantação das estruturas foi organizada em conformidade com a morfologia da muralha. O edifício público destinado ao *coworking* situa-se do lado poente da muralha do Baluarte, enquanto que o espaço dedicado à habitação colaborativa do lado nascente. Desta organização nasce um espaço amplo entre eles, dedicado ao uso público exterior.

O edifício dedicado ao *coworking* é um corpo contínuo, adjacente e paralelo à muralha do Baluarte, sendo este, interrompido por elementos mais altos, perpendiculares à muralha (Fig.137). Os elementos perpendiculares à muralha têm telhados de duas águas enquanto que o corpo contínuo tem uma cobertura plana. Este corpo contínuo conecta-se ao corpo dedicado à habitação colaborativa. O momento de ligação entre estes corpos forma uma pala que oferece o acesso ao interior do Baluarte.

Os elementos dedicados à habitação colaborativa são organizados de forma semelhante, com um corpo paralelo à muralha, localizado no meio da comunidade. Este corpo serve como circulação principal dentro da comunidade, ele é contínuo até o lado poente da muralha. Durante esta continuidade, o corpo contínuo é interligado por todos os elementos perpendiculares à muralha. O edifício dedicado ao *coworking* e o edifício dedicado a comunidade são complementares, formando na verdade um único corpo, criando uma conexão física entre a comunidade e a sociedade.

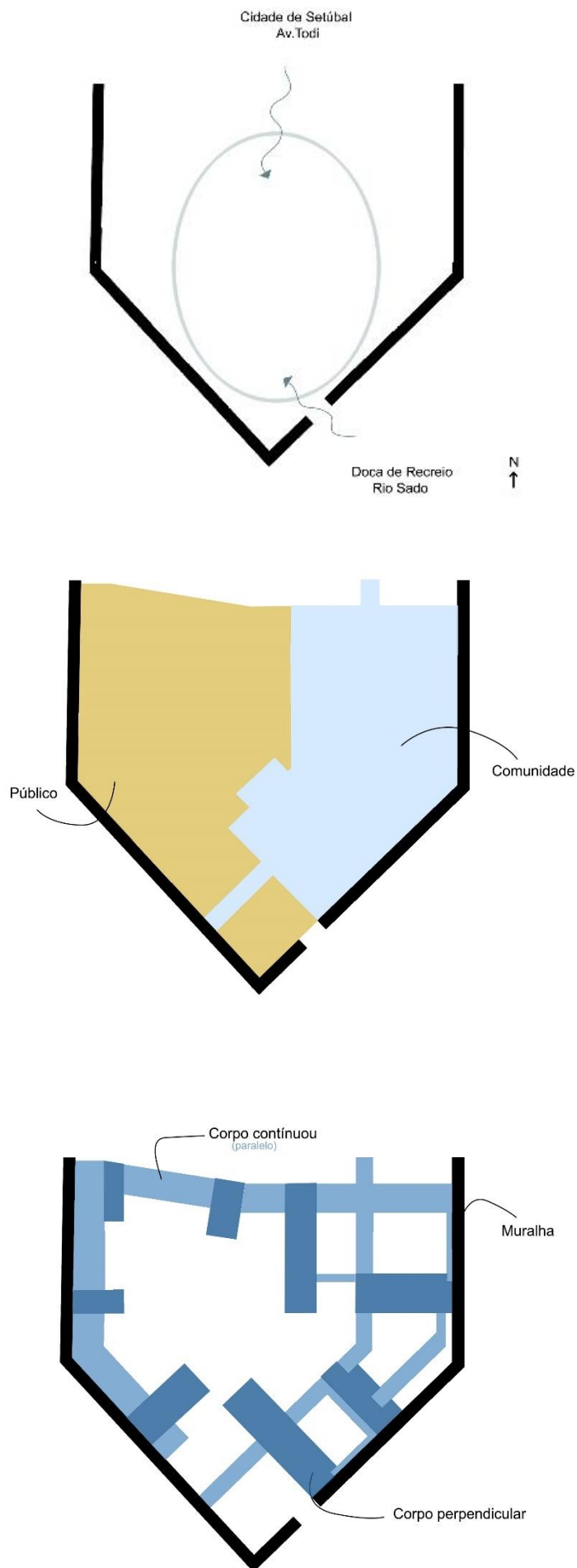
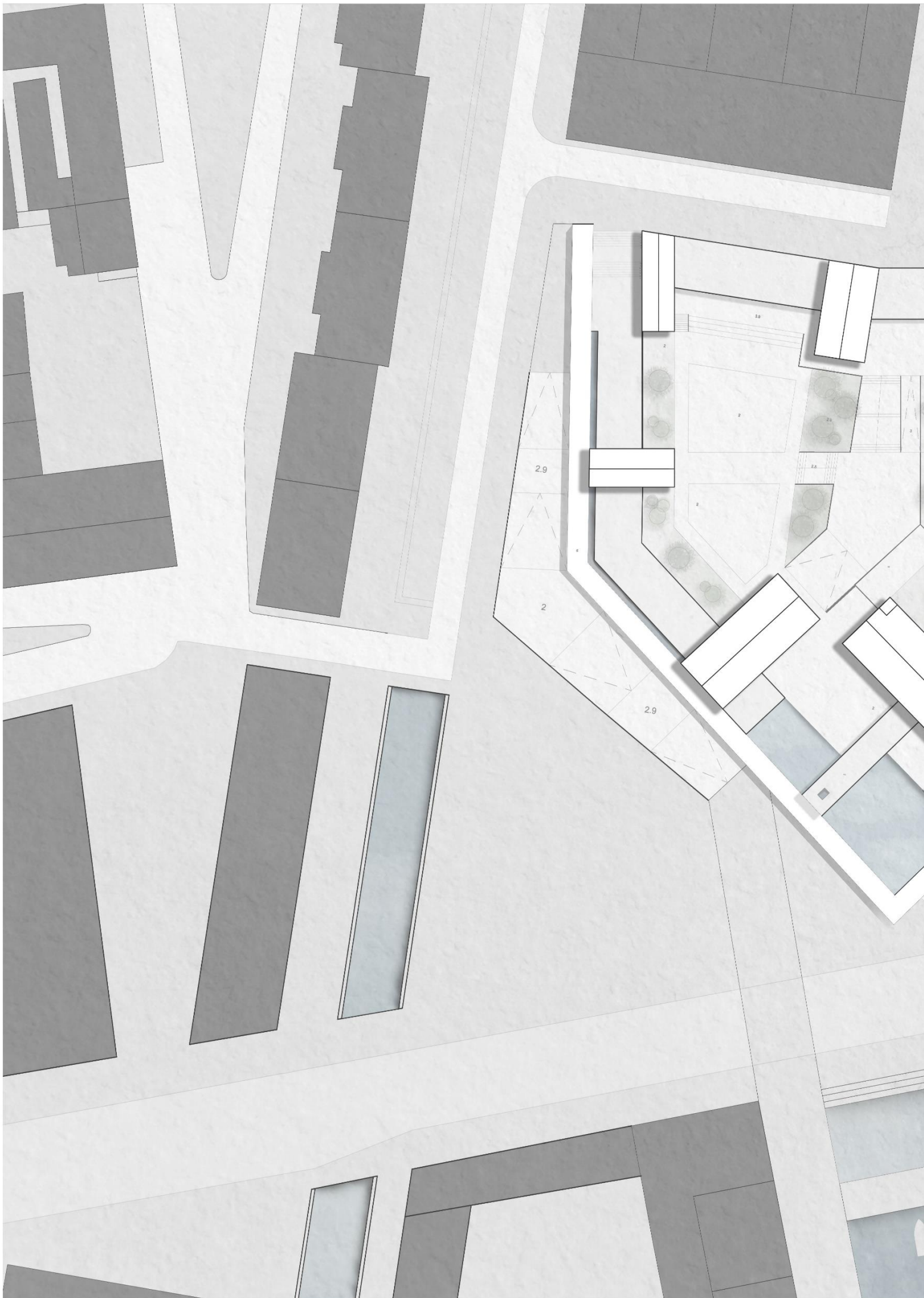
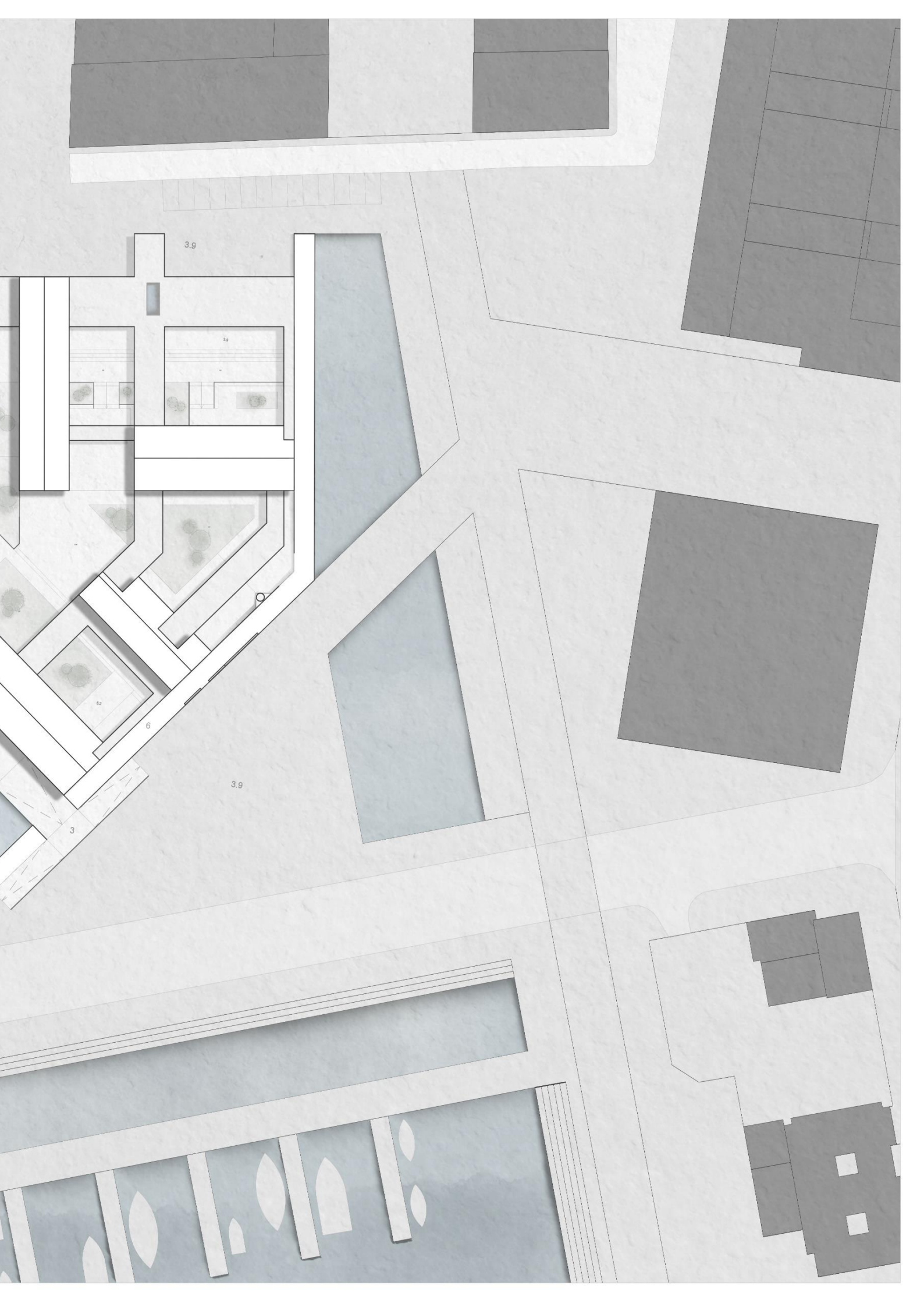


Fig. 137 - Esquemas, o primeiro é sobre os dois acessos para o interior do Baluarte, segundo é sobre o espaço dedicado ao público e espaço dedicado a comunidade e terceiro é sobre a forma . Elaborado pela autora





4.5.3 Espaço Público - *Coworking*

Os edifícios dedicados ao público visam revitalizar o interior e o exterior do baluarte. O espaço público dentro do Baluarte inclui um espaço público exterior, um edifício dedicado ao *coworking*, serviços, restauração e comércio.

O espaço exterior da esfera pública abrange duas praças estrategicamente localizadas no centro da muralha, estas são abraçadas pelos edifícios envolventes. As praças servem como local para a realização de eventos, onde a norte da praça, encontra-se um anfiteatro que se liga ao edifício de *coworking*.

O acesso às duas praças é feito por dois percursos provenientes dos acessos a norte e a sul. Estas praças estão situadas na cota 2, esta cota, foi realizada por meio de um desenterramento de quase 2 metros. O desenterramento tem dois propósitos: primeiro, permite que a cobertura do espaço de *coworking* esteja ao mesmo nível do topo da muralha, possibilitando a criação de um percurso público sobre a cobertura do edifício, revivendo assim, a altura original da muralha, como também, proporciona vistas para a Arrábida e o rio Sado; Segundo, cria um espaço íntimo nas praças, apesar das suas grandes dimensões.

Legenda da página anterior:

Fig. 138 - Planta de cobertura escala 1.500 .
Elaborado pela autora

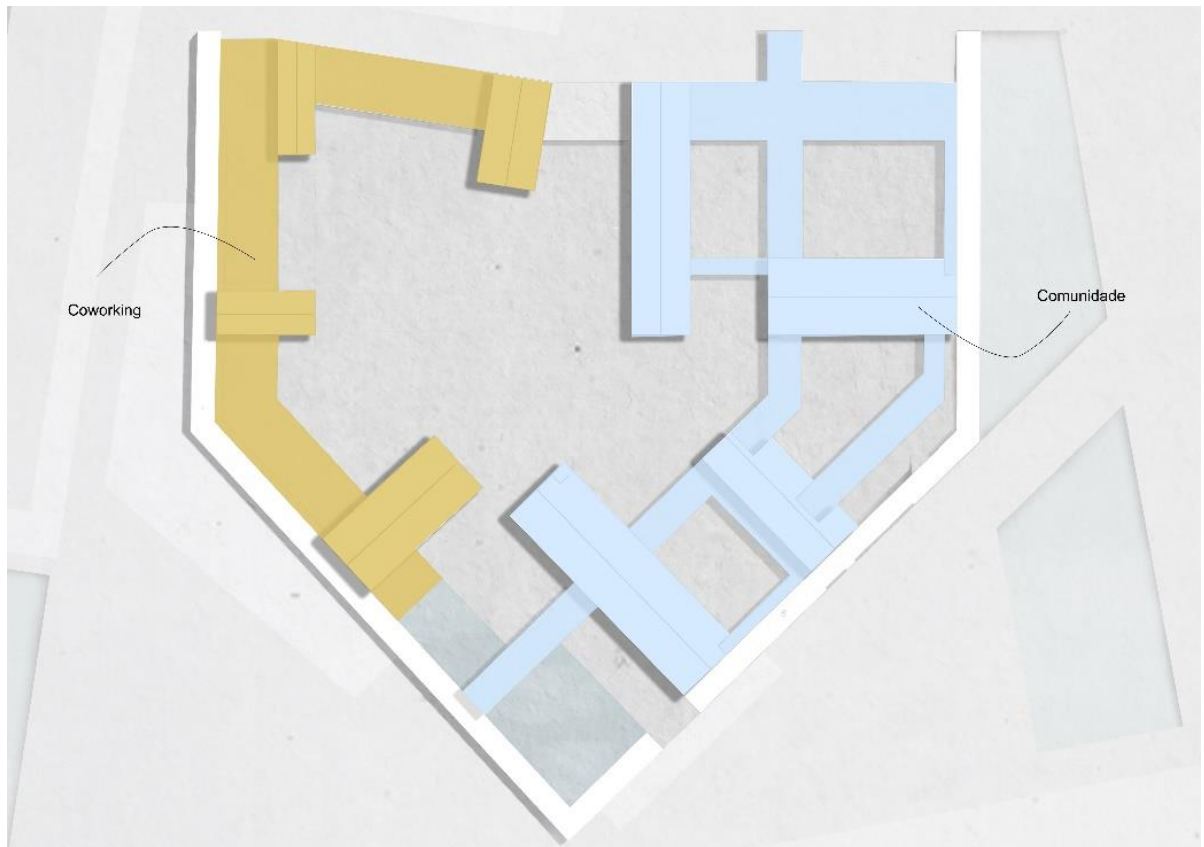
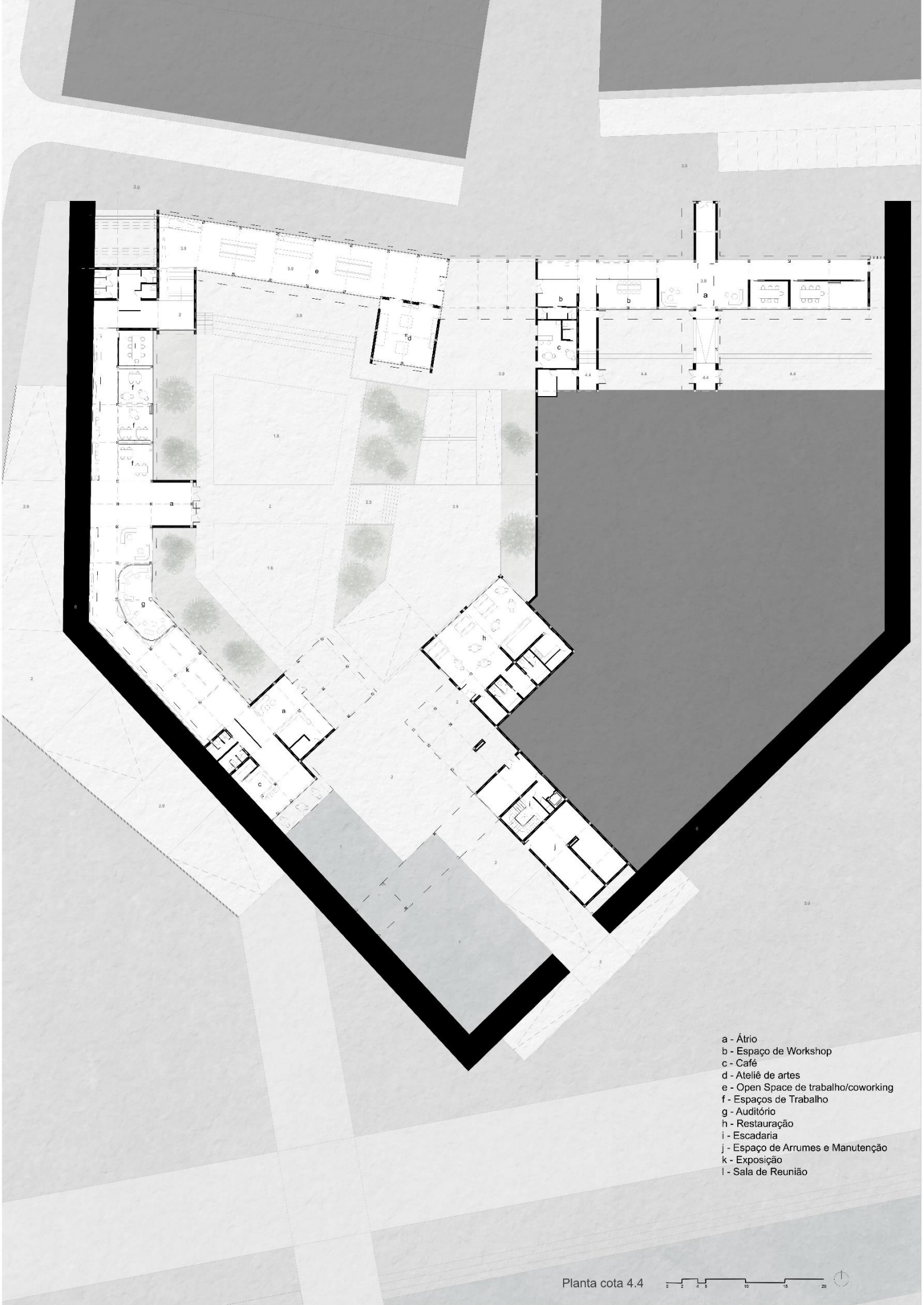


Fig. 139 - Diagrama com a identificação da área dedicada ao espaço de *Coworking* (amarelo) e da área dedicada a comunidade (azul) . Elaborado pela autora

O edifício público está situado em dois níveis diferentes. O edifício paralelo à muralha está localizado na cota 2, ou seja, a 1,9 metros do nível da rua principal e tem uma altura de 4 metros. A outra parte do edifício situa-se na cota principal, este também tem uma altura de 4 metros.

O acesso ao interior do edifício dedicado ao *coworking*, é feito por três átrios de entrada: um localizado a norte, com acesso a partir do centro da cidade, outro a sul, sendo este o átrio principal, com acesso a partir da zona ribeirinha e, por último, um no centro, com acesso a partir do espaço público exterior.

O edifício inclui um ateliê para trabalhos artísticos, um *open space* com café, para trabalho e convívio, um restaurante/bar, cuja esplanada está adjacente a um espelho de água, instalações sanitárias, um espaço de exposições, sala de reuniões, um auditório e muito espaço de trabalho. Os espaços de trabalho, de exposições e o auditório são equipados com painéis manobráveis, que delimitam o espaço, isto permite a criação de diferentes configurações espaciais. A restauração, localiza-se na cota 2 e está introduzida nos edifícios da habitação colaborativa, contudo, não possuem acesso direto à mesma.



- a - Átrio
- b - Espaço de Workshop
- c - Café
- d - Ateliê de artes
- e - Open Space de trabalho/coworking
- f - Espaços de Trabalho
- g - Auditório
- h - Restauração
- i - Escadaria
- j - Espaço de Arrumes e Manutenção
- k - Exposição
- l - Sala de Reunião

4.5.4 Espaço Comunitário - Habitação Colaborativa

Espaço comunitário

O terreno da comunidade eleva-se gradualmente ao longo da muralha, o que garante uma vista para fora da muralha a partir do piso térreo.

O espaço exterior foi concebido a partir da disposição dos edifícios e da localização da praça comum (Fig.142). Estes estão praticamente todos em contato com o interior da comunidade, sendo que alguns espaços são mais íntimos e pequenos, enquanto outros maiores. Alguns destes espaços exteriores são cobertos por palas, estas são extensões das coberturas. As palas estabelecem uma ligação entre os edifícios e a muralha, sendo que algumas destas palas estão adjacentes à muralha, sem tocá-la, criando assim um toque suave entre a muralha e o céu.

Tal como mencionado anteriormente, o processo da implantação dos edifícios tem como ponto de partida a circulação principal (Fig.141). Esta circulação, localizada a nascente da muralha, percorre todo o terreno da comunidade e fornece acesso a todos os outros espaços, funcionando como o eixo central de distribuição. Os espaços comuns são orientados para o interior da comunidade, favorecendo assim maior interação social entre os residentes.

A comunidade é acessível por dois pontos, um a norte que é o acesso principal, alinhado com a Travessa Oriental do Mercado e com a rua pedonal que se estende da Avenida Todi para o sul e, outro a sul, acessível a partir da Doca do Recreio, este acesso localiza-se na cota 2²⁴.

Legenda da página anterior

Fig. 140 - Planta do espaço público, com a cota 4.4 com a escala 1.200 . Elaborado pela autora

²⁴ 1,9 metros da cota principal, o acesso para esta cota é feito por rampas localizadas na entrada do acesso sul da muralha.

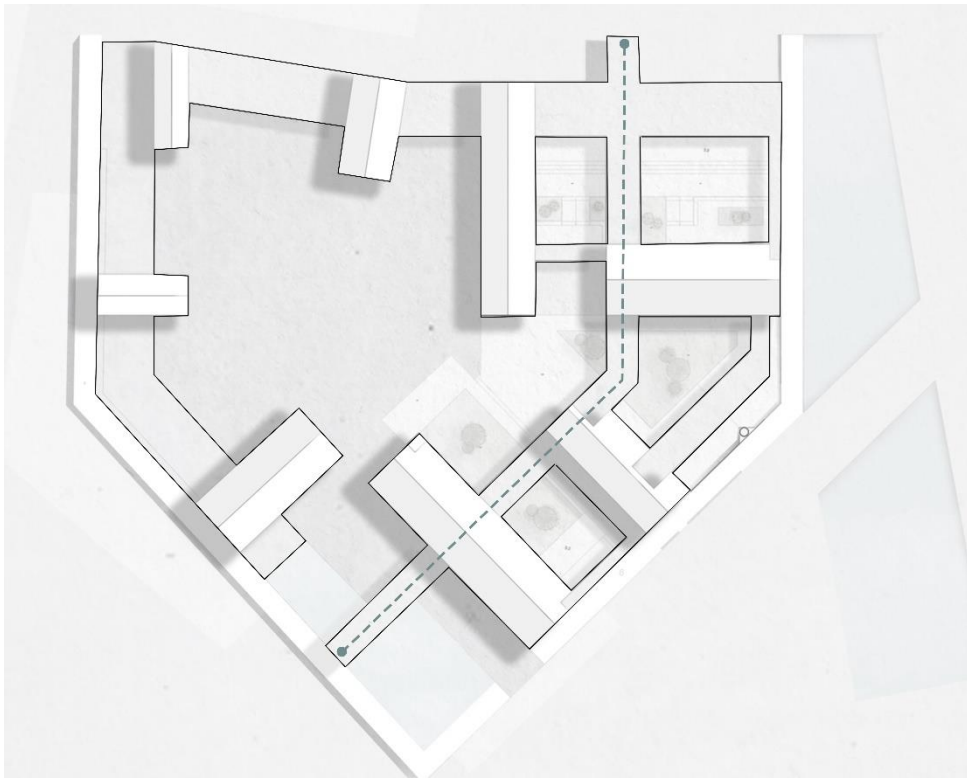


Fig. 141 - Diagrama com a identificação da circulação principal da comunidade de habitação colaborativa (azul) . Elaborado pela autora

Fig. 142 - Diagrama com a identificação do espaço exterior comum (verde) e da praça principal comum (tracejado) da comunidade de habitação colaborativa . Elaborado pela autora

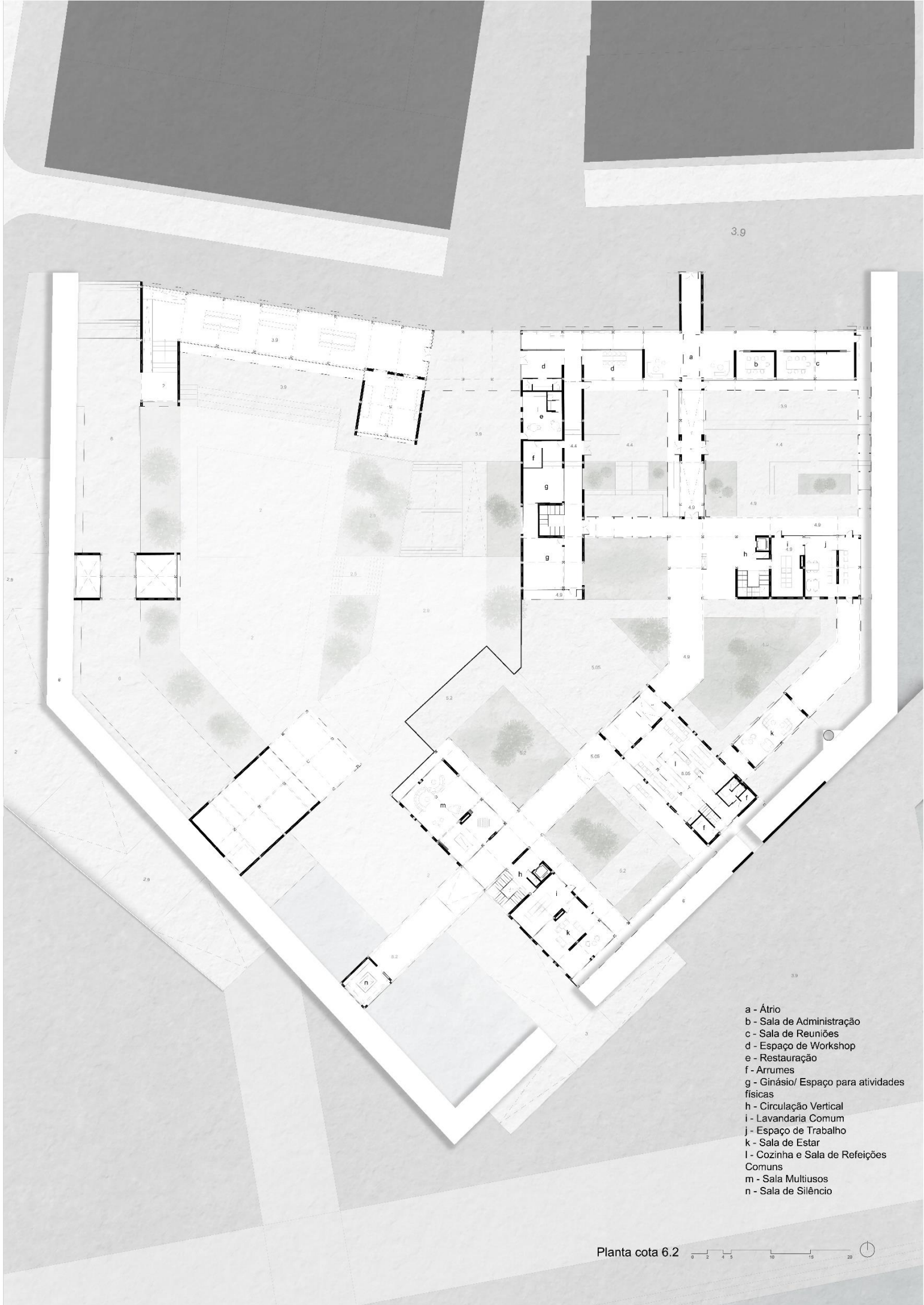
O acesso principal, que é o corpo que inicia a distribuição central, leva ao átrio de entrada e localiza-se na cota principal (3.9), este átrio abre para nascente, poente e sul. Do seu lado nascente, localiza-se a sala de administração e reunião. Do seu lado poente encontra-se a sala de *workshop*, que é composta por painéis manobráveis, isto possibilita aumentar o espaço se for necessário. A sala de *workshop* é aberta ao público e pode ser utilizada tanto para *workshops* como para eventos. No mesmo corpo que o espaço de *workshop*, encontra-se um ginásio comunitário e um espaço para atividades físicas, juntamente com uma circulação vertical que leva ao primeiro piso. Neste primeiro piso encontra-se uma varanda comum e uma ligação com o bloco de habitação norte. O corpo que envolve estes espaços estabelece uma separação suave entre a comunidade e a sociedade.

À sul do átrio, encontra-se a continuação da circulação principal, este localiza-se entre duas praças exteriores. Esta circulação conduz ao segundo corpo, que é o bloco habitacional norte. No seu piso térreo, encontramos uma sala de trabalho e uma lavandaria comum, juntamente com a circulação vertical que dá acesso às habitações.

A continuação desta circulação leva a um espaço comum, conhecida como casa comum, que está localizada na cota 5,05²⁵. Este corpo foi disposto estrategicamente no centro da comunidade e interliga-se com os outros edifícios por meio de palas. A casa comum é rodeada pelo espaço comum exterior, incluindo a praça central.

A casa comum inclui a cozinha, sala de refeições, sala de estar comum, arrumos e instalações sanitárias. A cozinha e a sala de refeições estão separadas da sala de estar, no entanto situadas a uma distância próxima uma da outra, sendo possível interligar estes dois espaços com a abertura de elementos móveis. Por cima da cozinha encontra-se um mezanino. Todos os espaços principais, como a sala de estar, a cozinha e a sala de refeições, estão em contacto com as praças exteriores.

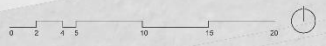
²⁵ - 1,15 metros acima da cota principal e 0,95 metros por baixo da muralha



3,9

- a - Átrio
- b - Sala de Administração
- c - Sala de Reuniões
- d - Espaço de Workshop
- e - Restauração
- f - Arrumes
- g - Ginásio/ Espaço para atividades físicas
- h - Circulação Vertical
- i - Lavandaria Comum
- j - Espaço de Trabalho
- k - Sala de Estar
- l - Cozinha e Sala de Refeições Comuns
- m - Sala Multiusos
- n - Sala de Silêncio

Planta cota 6.2



Legenda da página anterior:

Fig. 143 - Planta da cota 6.2, com a identificação dos espaços comuns da habitação colaborativa, escala 1.200 . Elaborado pela autora

Após deixarmos a casa comum e continuarmos na circulação principal, encontramos o segundo bloco habitacional, sendo este o bloco sul. No seu piso térreo, encontram-se uma sala multiusos, uma lavandaria comum e uma circulação vertical que fornece acesso às habitações.

Ao continuarmos na circulação principal, chega-se ao seu término, onde se encontra a sala de silêncio (Fig.144). O seu acesso é realizado através de uma "ponte", que está situada acima do piso térreo do espaço público, com 2,9 metros de altura. A sala de silêncio é um espaço pequeno dedicado a atividades como ler, meditar e rezar. Este corpo encontra-se ao nível da muralha e é suspenso sobre um espelho de água, oferecendo assim vistas para o Rio Sado, Tróia e Serra da Arrábida. Este espaço estabelece uma relação entre Setúbal, a água e o passado.

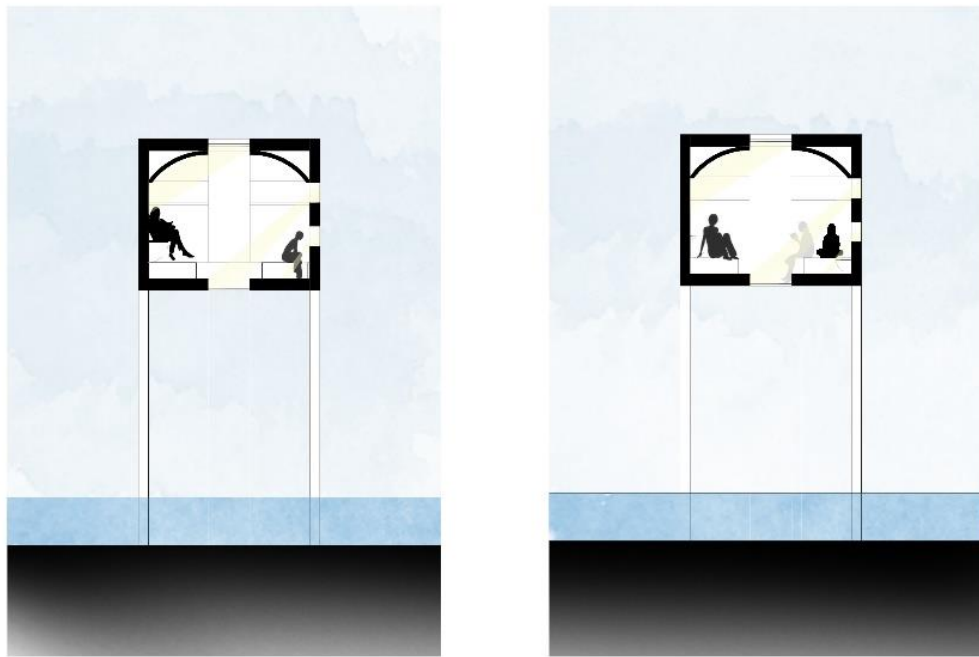


Fig. 144 - Corte da sala de silêncio . Elaborado pela autora

Espaço Privado

As habitações são divididas entre dois blocos habitacionais (Fig.145). O bloco norte possui 8 unidades, enquanto que o bloco sul contém 10. Ambos os blocos possuem dois andares e possuem uma totalidade de 18 unidades habitacionais, permitindo agregar entre 32 e 38 agregados familiares²⁶.

Os blocos de habitação estão estrategicamente localizados a norte e sul da casa comum e interligam-se com a circulação principal. A disposição estratégica visa maximizar as vistas proporcionadas pelas suas localizações, tanto para o exterior da comunidade como para o interior, ambos os blocos oferecem vistas para a casa comum, praça principal, o Rio Sado e a Tróia, enquanto o bloco sul proporciona também, vistas para Serra da Arrábida.

Na criação desta habitação colaborativa, foi crucial estabelecer uma harmonia entre os espaços comuns e privados. Desta forma, ambos foram concebidos para garantir um equilíbrio entre esses dois elementos. Para alcançar este objetivo, os espaços privados foram projetados com transições graduais entre o espaço comum e privado, destacadas a partir da materialidade. Bem como, uma organização estratégica das habitações no terreno, para assegurar a privacidade dos residentes, enquanto simultaneamente promovem a vida comunitária e a integração social sem comprometer a privacidade.

²⁶ É de realçar que existe possibilidade de expandir certas habitações, para além disso, no futuro é possível criar mais estúdios no primeiro piso do edifício ao lado do bloco norte.

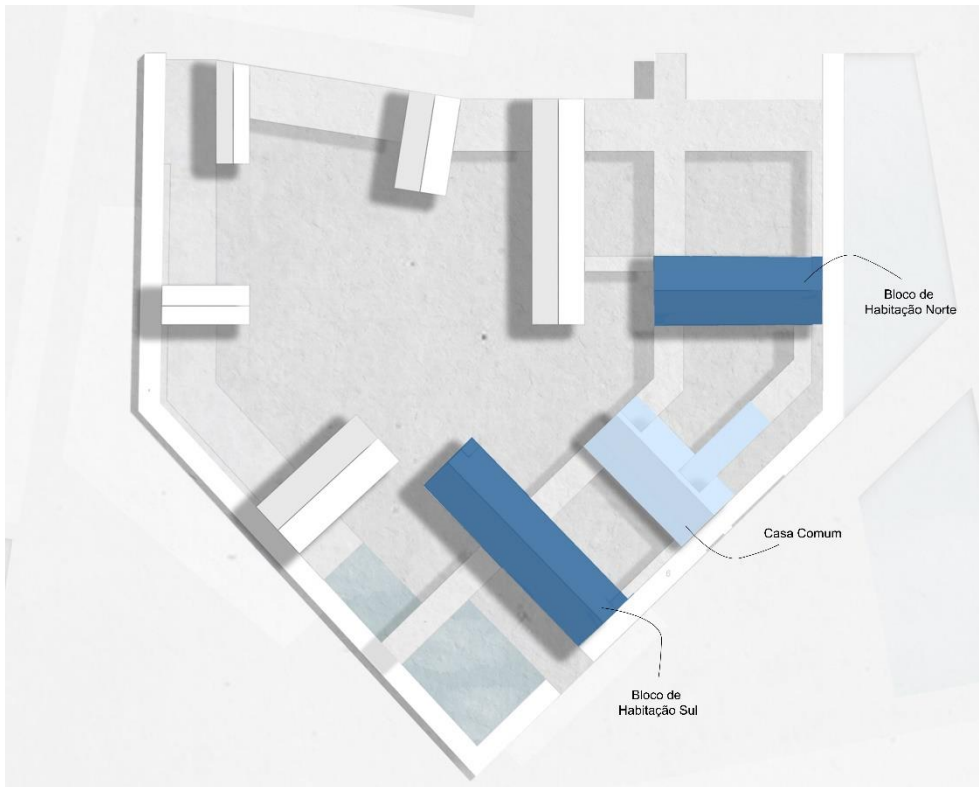


Fig. 145 - Diagrama com a identificação dos blocos norte e sul e da casa comum, na habitação colaborativa . Elaborado pela autora

O acesso aos blocos habitacionais é feito por meio de uma circulação vertical que conduz as galerias partilhadas abertas ao ar livre. As galerias no bloco norte estão viradas para norte, enquanto no bloco sul estão orientadas para nordeste. As galerias dos blocos oferecem contato com os espaços exteriores comuns, proporcionando possíveis interações entre residentes, tanto no piso térreo quanto nas galerias. As galerias incluem espaços semiprivados em frente a cada unidade privada, garantindo uma transição gradual entre o espaço comum e privado. Estes espaços semiprivados são delimitados por um painel de madeira manobrável, que possibilita a separação do espaço em relação ao ambiente do vizinho. Bem como, a delimitação no pavimento com uma materialidade diferente a da galeria. Estas delimitações contribuem para a criação de uma barreira visível e funcional entre as áreas.

As unidades privadas são organizadas em três tipologias, caracterizadas por: S, M e L²⁷ (Fig.146, 147 e 148). A tipologia S, é um estúdio com uma área de 29m², composta por uma *kitchenette*, um espaço de dormir e de lazer e instalações sanitárias.

A tipologia M é um apartamento de um quarto com uma área de 62m² (incluindo a varanda), este é o dobro do módulo da tipologia S. O seu interior contém, um quarto, sala de estar e de refeições, cozinha, instalações sanitárias e um espaço de trabalho. Este espaço de trabalho poderá ser convertido num segundo quarto, dando assim flexibilidade e adaptabilidade ao espaço.

A tipologia L é um apartamento de dois quartos, com uma área de 68m² (incluindo a varanda), baseado no mesmo módulo da tipologia M, mas com a adição de um núcleo na área de galeria. Esta tipologia inclui dois quartos, varanda privada, instalação sanitária, cozinha, sala de refeições e sala de estar.

²⁷ Inspirado nas tipologias do caso de estudo de La Borda

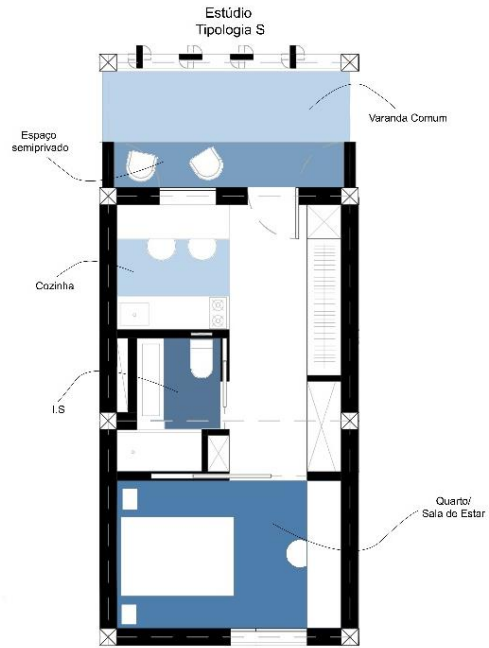
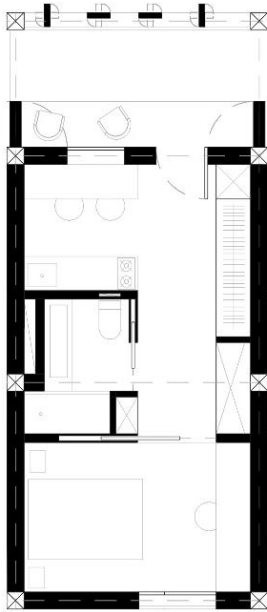
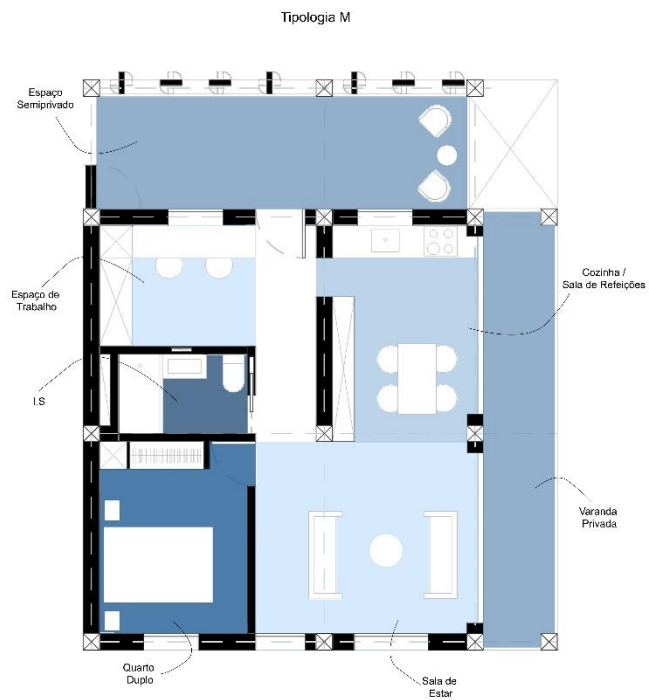
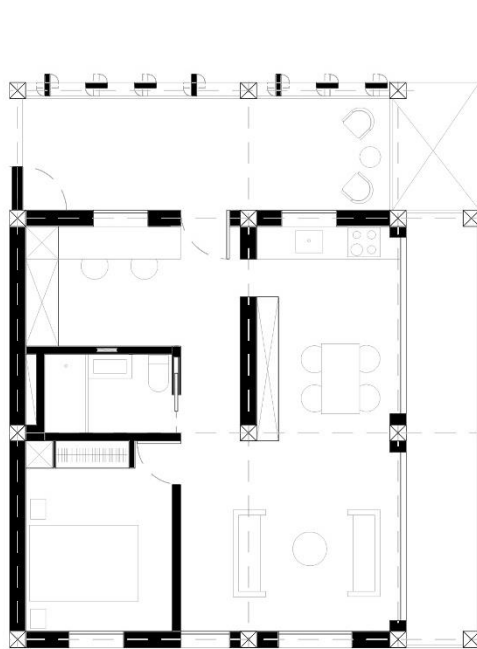


Fig. 146 - Planta e análise da tipologia S. Elaborado pela autora

Fig. 147 - Planta e análise da tipologia M. Elaborado pela autora



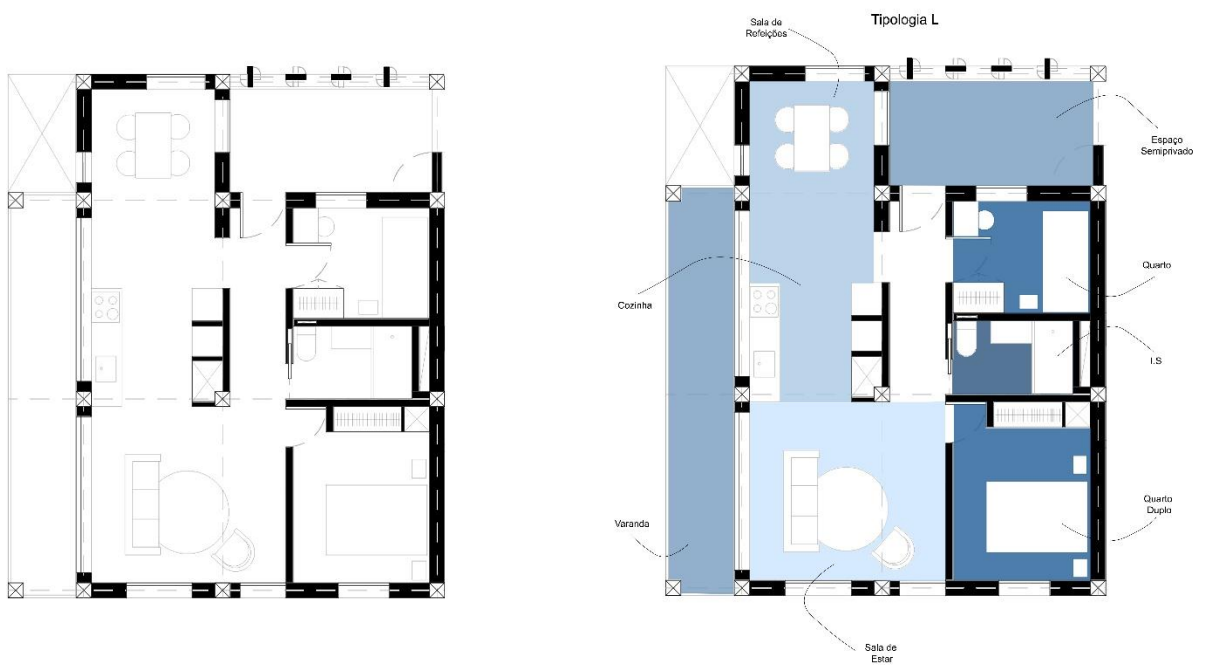


Fig. 148 - Planta e análise da tipologia L . Elaborado pela autora

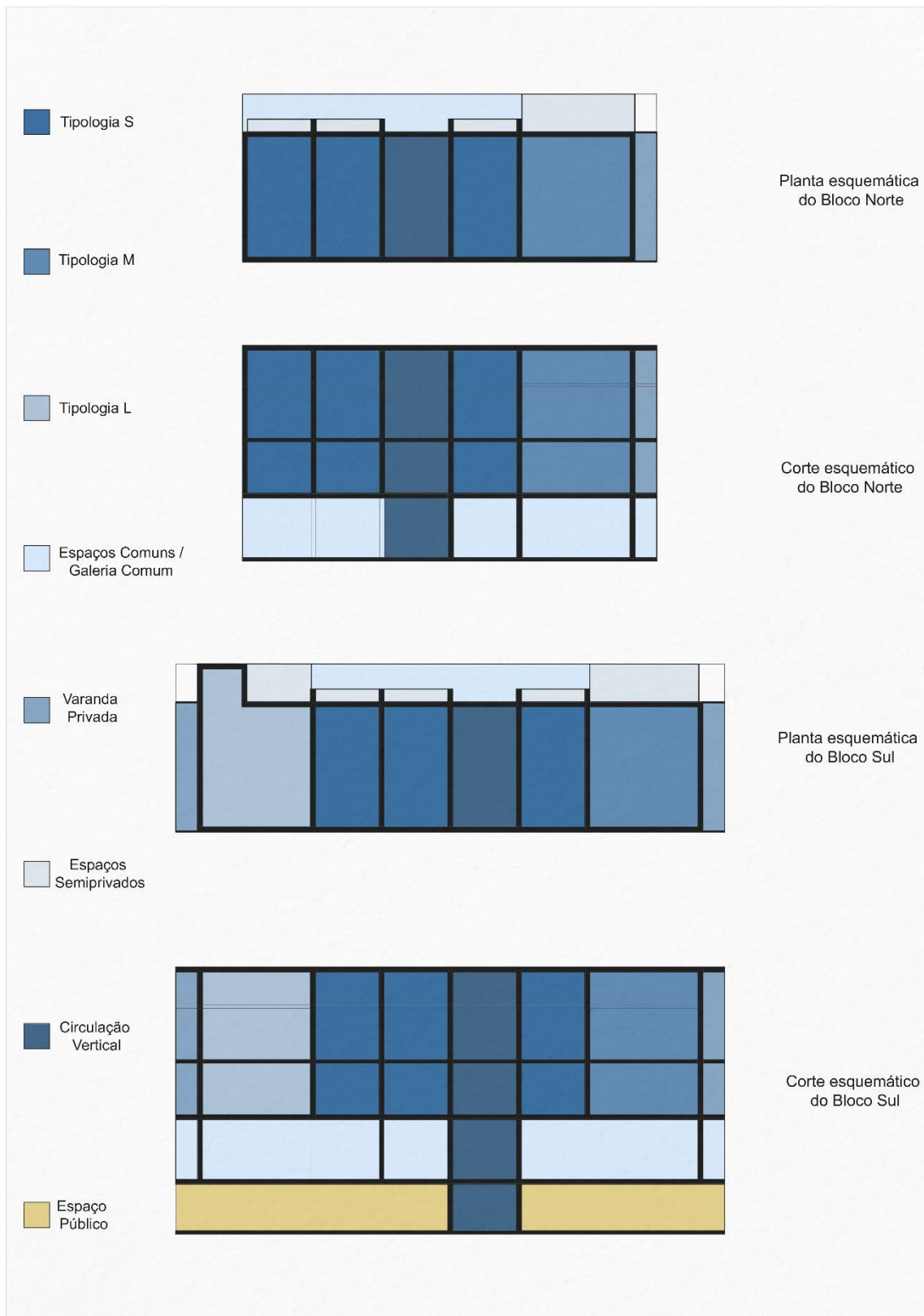


Fig. 149 - Plantas e Cortes esquemáticos dos dois blocos de habitação . Elaborado pela autora

4.5.5 Sistema Construtiva e Materialidade

O sistema construtivo é composto pelos seguintes elementos, pilares, vigas, lajes e asnas (Fig.150). Os pilares, as vigas e as lajes são de betão armado e as asnas e pilares são de madeira. A conexão entre estes dois elementos é feita a partir de elementos metálicos. A escolha destes elementos para o sistema construtivo tem a intenção de respeitar a envolvente histórica e preservar o carácter industrial. Decidiu-se utilizar o betão armado porque remota a sua utilização predominante no período industrial, e é durável e estável. A utilização das asnas em madeira representa a continuidade das práticas construtivas tradicionais e é um material forte, mas ao mesmo tempo leve, isto é útil para a resistência à tração e compressão. As materialidades dos elementos estruturais ajudam no contraste visual entre o aspeto mais frio e robusto do betão armado e a estética natural e quente da madeira. Os pilares de madeira são utilizados para sustentar as palas no espaço exterior.

As materialidades escolhidas proporcionam uma visão harmoniosa entre com a muralha, esta é pintada de branco em algumas áreas, enquanto em outros é mantido o seu aspeto atual. Foi decidido continuar com o aspeto visual utilizado no sistema construtivo. Dessa forma, os edifícios são compostos por paredes de tijolo que são rebocadas e pintadas com uma tinta acrílica texturada de cor branca, a textura desta tinta ajuda na criação de um aspeto mais natural e rústico. A cor clara é predominante nos edifícios e palas, conectando-se com a cor da muralha, sem criar um contraste chocante entre o novo e o antigo.

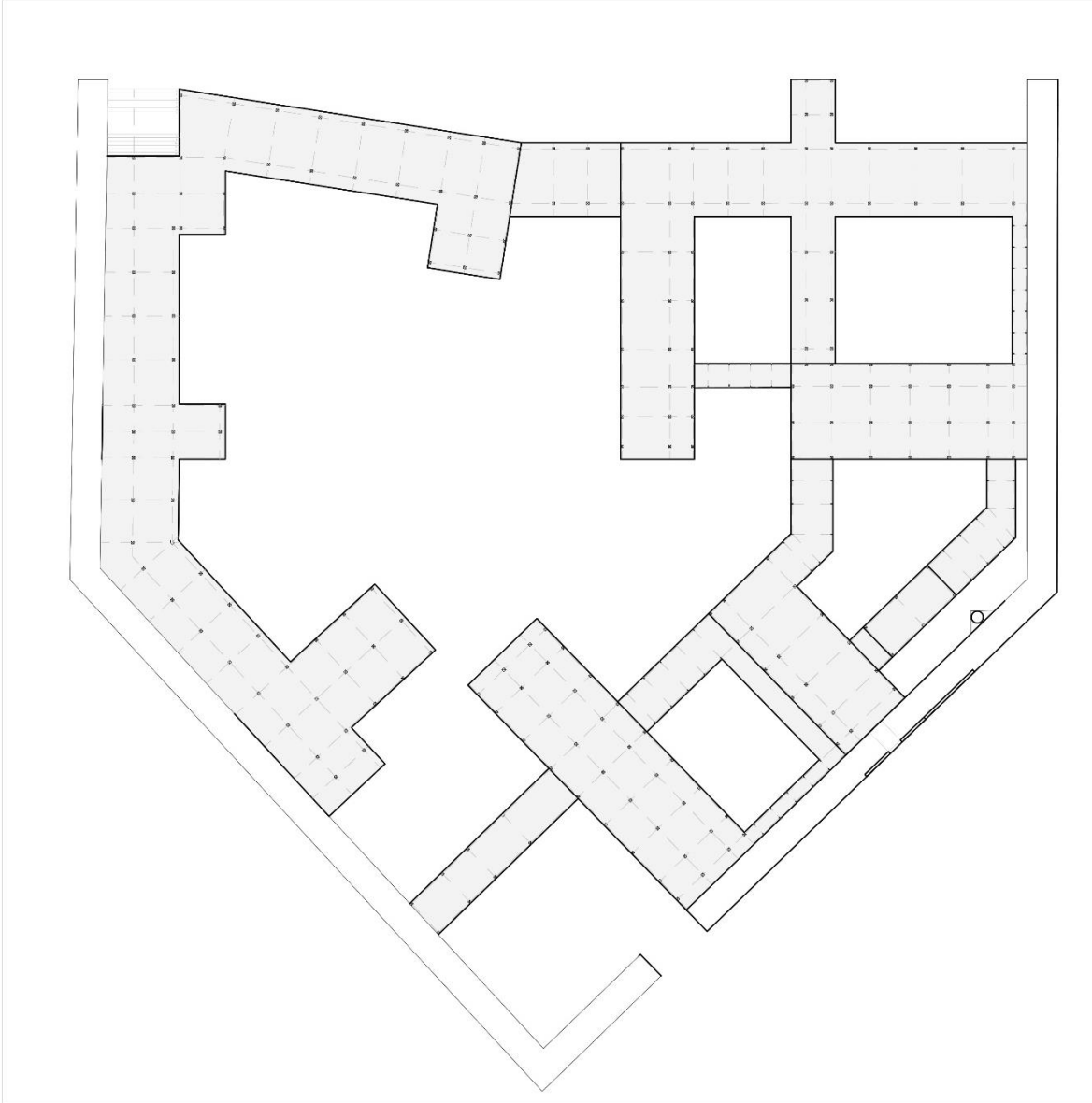


Fig. 150 - Planta da estrutura, com a identificação da malha estrutural e dos pilares . Elaborado pela autora

Contudo, é crucial criar um contraste entre os elementos novos e antigos, desta forma, foi decidido criar o contraste de uma forma mais suave e minimalista, a partir da utilização da madeira. A escolha deste material é devido ao seu aspeto natural e quente. A utilização da madeira é visível na fachada a partir de painéis verticais móveis que se repetem em cada andar, à frente das varandas, galerias e algumas janelas. Isto cria um aspeto de continuidade e verticalidade, contrastando com a cor branca. Os painéis, são móveis e tornam a fachada mais dinâmica, eles são conectados às vigas ou lajes a partir de elementos metálicos. Os painéis podem ser dispostos de várias formas, nomeadamente, abertos, semiabertos ou fechados, o que possibilita a criação de espaços mais privados, no caso do residente necessitar de mais privacidade, ou na criação de espaços mais abertos ao público. Além disso, os painéis ajudam na regulação do vento e da luz solar.

A madeira também se repete no pavimento, nomeadamente, nos espaços semiprivados, onde contrasta com o pavimento de betão na galeria, para demarcar uma diferença visual entre o espaço comum e espaço privado. Bem como, nos painéis móveis nos espaços semiprivados, nos pavimentos interiores e nos pilares que sustentam as palas. A escolha destes pilares de madeira possibilita a continuidade e verticalidade da materialidade ao longo do terreno.



Fig. 151 - Alçado da fachada do bloco sul, escala 1.50 . Elaborado pela autora

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu analisar o conceito de *cohousing*, este é recente e ainda pouco explorado em Portugal. Este conceito oferece uma nova perspetiva à habitação e oferece oportunidades para investigações futuras sobre a sua aplicabilidade e o seu impacto no contexto nacional. A implementação deste conceito na cidade de Setúbal, particularmente no interior do Baluarte, não apenas permitiu realizar uma reflexão sobre o conceito de *cohousing*, mas também suscitou considerações importantes sobre a preservação do património e da história da cidade de Setúbal, assim como do próprio Baluarte.

Através dos estudos feitos ao longo deste processo de desenvolvimento foi possível estabelecer uma conexão projetual com o *cohousing* e a preservação da memória e identidade do Baluarte. Esta conexão visa trazer a vida de volta ao baluarte, com a integração do novo dentro do antigo e da comunidade dentro da sociedade.

É importante salientar que o conceito e a criação de habitações colaborativas, por norma, ocorre em colaboração entre cooperativas, arquitetos e futuros residentes. Esta proposta é algo especulativa, não se trata de uma solução única, mas sim de uma solução viável.

A proposta arquitetónica desenvolvida atende aos requisitos do conceito de habitação colaborativa e respeita o contexto histórico e cultural do Baluarte e da sua envolvente. Os objetivos a desenvolver para esta proposta foram alcançados, uma vez que responde à interligação da sociedade com a comunidade, à integração de uma nova abordagem de habitação e a relação harmoniosa entre espaços privados e comuns, criando um ambiente propício à interação social. Tudo isso com o devido respeito pelo património arquitetónico em que está inserido.

Diante de uma abordagem nova à habitação, surgem algumas dúvidas em relação ao conceito e como este pode ser aplicado no contexto nacional, tais como:

Qual é a ligação entre esta abordagem e o apoio dos Municípios em Portugal em relação aos financiamentos e licenciamentos?;

Quais são os valores culturais que devem ser aplicados à sua forma física, que difere das abordagens europeus e americanos?;

Sendo isto uma possibilidade para habitações acessíveis, como irá funcionar, em contexto nacional, a duração das estadias e a opção de propriedade?;

BIBLIOGRAFIA

- Alcântara, A. (2010). A Indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854- 1914). *Musa*, 3, 237-246. <http://hdl.handle.net/10400.26/41030>
- Auroville Foundation. (2004). *Auroville*. <https://auroville.org/> (consultado: 20/12/2022)
- Avilla-Royo, R., Jacoby, S., & Bilbao, I. (2021). The building as a home: Housing cooperatives in Barcelona. *Buildings*, 11(4), 6-9. <https://doi.org/10.3390/buildings11040137>
- &bogdan. (2022). *Bijgaardehof*. <https://www.bogdan.design/projects/bijgaardehof/> (consultado: 17/02/2024)
- Bøggild, S. S. (2011). Happy Ever After? The welfare city between the Freetown and the New Town . Em *Space for Urban Alternatives? Christiania 1971-2011* (pp. 98-131). Gidlunds Förlag.
- Bruttomesso, R. (2001). Complexity on the urban waterfront. Em R. Marshall (Ed.), *Waterfronts in Post-industrial Cities* (pp. 39-49). Spon Press.
- Brysch, S. (2018, Março 15). *Por uma Habitação Colaborativa em Portugal - Sara Brysch*. Punkto. <https://www.revistapunkto.com/2018/03/por-uma-habitacao-colaborativa-em.html> (consultado: 21/02/2024)
- Brysch, S. (2023). *Towards a new Existenzminimum: defining principles for the co-design of affordable collaborative housing* [Dissertation, TU Delft]. <https://doi.org/https://doi.org/10.7480/abe.2023.23>
- Brysch, S. (2024, Março 14). *Praxis - A arquitetura a partir da cohabitação* .
- Choay, F. (2014). *A alegoria do património*. Edições 70.
- Christiania. (2018). *How Christiania's self-management work's*. <https://www.christiania.org/info/pages-in-english/> (consultado: 03/03/2023)
- Cohousing Bijgaardehof. (2016). *De bewoners*. <https://bijgaardehof.be/de-bewoners/> (consultado: 11/03/2024)
- Cresswell, T. (2004). *Place - a short introduction*. Blackwell Publishing Ltd.
- Czischke, D. (2022, Setembro 29). *The role(s) of the architect in collaborative housing*. Co-Lab Research . <https://co-lab-research.net/2022/09/29/the-roles-of-the-architect-in-collaborative-housing/> (consultado: 08/01/2024)
- Diário da República. (2023). Portaria nº 269/2023, de 28 de agosto. Em *Diário da República* (nº 166/2023, Série I de 2023-08-28). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/269-2023-220949541>. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/269-2023-220949541>

- Focketyn, A. (2023). *Hergebruik van materialen, muren en grond*. <https://bijgaardehof.be/2023/12/22/circulaire-principes-in-kaart-gebracht/> (consultado:12/03/2024)
- Fromm, D. (2012). Seeding Community: Collaborative Housing as a Strategy for Social and Neighbourhood Repair. *Built Environment*, 38(3), 364-394.
- Gehl, J. (2010). *Cities for People*. Island Press.
- Gehl, J. (2011). *Life between buildings*. Island Press.
- Gehl, J., & Svarre, B. (2013). Public Space, Public Life: An Interaction . Em *How to study public life* (pp. 2-7). Island Press.
- Governo da República Portuguesa. (2023, Agosto 29). *Habituação comunitária: resposta social inovadora já tem 22 projetos aprovados* . <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/noticia?i=habitacao-comunitaria-resposta-social-inovadora-ja-tem-22-projetos-aprovados>
- Hall, E. T. (1966). *The Hidden Dimension*. Anchor Books.
- Jazeel, T. (2023). IN THE SHADOW OF 'THE CITY' YET TO COME: Auroville, Developmentalism and the Social Effects of Cityness. *International Journal of Urban and Regional Research*, 47(2), 258-278. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.13165>
- Kapoor, R. (2007). Auroville: A spiritual-social experiment in human unity and evolution. *Futures*, 39(5), 632-643. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2006.10.009>
- Karsono, B. (2013). HISTORICAL ANALYSIS OF URBANITY ON THE WATERFRONT. *Jurnal Arsitekno*, 2(2), 53-61. <https://doi.org/10.29103/arj.v2i2.1244>
- Kim, G. (2006). *Designing the cohousing common house*. https://issuu.com/schemataworkshop/docs/cohousing_common_house_design#google_vignette
- Kim, G. (2017). Communities, Issue #177, Winter 2017 - Making a Case for Urban Cohousing. *Communities Magazine*, 55-59. www.ic.org/community-bookstore/product/communities-magazine-177-urban-communities
- Kingfisher, C. (2022). *Collaborative Happiness - Building the Good Life in Urban Cohousing Communities*. Berghahn Books.
- Kozeny, G. (1995). Intentional Communities: Lifestyles Based on Ideals. *Community Directory*, 1-7. www.ic.org.
- LACOL. (2018). *LA BORDA HABITATGE COOPERATIU*. <https://www.lacol.coop/projectes/laborda/> (consultado:21/03/2024)
- Lietaert, M. (2010). Cohousing's relevance to degrowth theories. *Journal of Cleaner Production*, 18(6), 576-580. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2009.11.016>

- Malheiro, J. B. (2020). *A cidade no Estado Novo - o desenho urbano na obra de João António de Aguiar* [Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Arquitectura, Especialidade em Teoria e Prática do Projecto, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa]. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/17623>
- McCamant, K., & Durrett, C. (2011). *Creating Cohousing, Building Sustainable Communities*. New Society Publishers.
- Miller, T. (1998). Introduction: The Persistence of Community. Em *The Quest for Utopia in Twentieth-Century America Volume I: 1900-1960* (pp. xi-xxv). Syracuse University Press.
- Pallasmaa, J. (2011). *OS OLHOS DA PELE - A arquitetura e os sentidos* (A. Tradução Técnica: Salvaterra, Ed.; 2ª). Bookman.
- Quintas, M. da C. (2003). *Porto de Setúbal - Um actor de desenvolvimento*. APSS - Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra.
- Raposo, F., & Leote, I. (2023, Novembro 26). *Novas Formas de Viver: cooperativas prontas para avançar e ajudar na crise da habitação em Lisboa*. <https://amensagem.pt/2023/11/26/cooperativas-de-habitacao-em-lisboa-novas-formas-de-viver/> (consultado:27/03/2024)
- Rede Co-Habitar. (2023, Julho 1). *Quem somos - Rede Co-Habitar*. <https://redecobitar.wordpress.com/contactos/> (consultado: 03/04/2024)
- Reis, A. S. (2020). *O potencial Utópico: por uma utopia aberta nos processos de aprendizagem da Arquitectura* [Doutoramento em Educação Artística, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/135907>
- República Portuguesa. (2016). *Proposta de alteração da delimitação da classificação das «Muralhas, torres, portas, cortinas e baluartes do Centro Histórico de Setúbal»*.
- Sargisson, L. (2012). Second-Wave Cohousing: A Modern Utopia? *Utopian Studies*, 23(1), 28-56. <https://doi.org/10.5325/utopianstudies.23.1.0028>
- Satprem, M. (2010). Earthen Architecture In Auroville: Linking A World Tradition With Modernity. Em S. Chetia (Ed.), *New New Architecture and Urbanism: Development of Indian Traditions* (pp. 169-174). Cambridge Scholars Publishing. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=B0laBwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA169&dq=auroville+india+architecture&ots=R4WfMmKD1I&sig=juvov Sm2LW47VgkmuaiuG24gTg&redir_esc=y#v=onepage&q=auroville%20india%20architecture&f=false (consultado: 19/12/2022)
- Scotthanson, C., & Scotthanson, K. (2005). *The Cohousing handbook - building a place for community*. New Society Publishers.
- Silva, M. M. (2020). *Public Spaces for Water* (B. Peupartier, Ed.; Vol. 3). CRC Press/Balkema.
- Sousa, V. E. F. (2022). *Cohousing: Habitação e comunidade intencional - do conceito inicial dinamarquês de 1972-73 à transposição americana em*

- Capitol Hill Urban Cohousing de 2016* [Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra]. <https://hdl.handle.net/10316/104719>
- Sullivan, E. (2016). Individualizing Utopia: Individualist Pursuits in a Collective Cohousing Community. *Journal of Contemporary Ethnography*, 45(5), 602-627. <https://doi.org/10.1177/0891241615587527>
- Thörn, H., Wasshede, C., & Nilson, T. (2011). Introduction: From «Social Experiment» to «Urban Alternative» - 40 years of research on the Freetown. Em *Space for Urban Alternatives? Christiania 1971-2011* (pp. 7-37). Gidlunds Förlag. <http://hdl.handle.net/2077/26558>
- Tomé, M. (2015). A Muralha Medieval versus Evolução Urbana em Setúbal. Portugal. 4ª conferência do PNUM - *Morfologia Urbana e os Desafios da Urbanidade* .
- Tomé, M. (2016). Geo-morfo-evolução de Setúbal e Évora: paralelismos e diversidades . Em *PNUM* (pp. 127-139).
- Vanazzi, L. (2019). *CO-LIVING: a strategy for the future city housing* [Master Thesis in Architecture , Politecnico di Milano]. https://issuu.com/lauravanazzi/docs/thesis_book
- Vestbro, D. U. (2008). *History of cohousing - internationally and in Sweden*. https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/685402/bastante_sicilia_agustin_Capitulo%20History%20of%20cohousing-internationally%20and%20in%20Sweden.pdf?sequence=33&isAllowed=y
- Vestbro, D. U. (2010). *Living together-Cohousing Ideas and Realities Around the World*.
- Williams, J. (2005). Designing neighbourhoods for social interaction: The case of cohousing. *Journal of Urban Design*, 10(2), 195-227. <https://doi.org/10.1080/13574800500086998>
- Zagalo, R. (2015). *COMUNIDADE, UMA FORMA DE PENSAR A CIDADE* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura]. <http://hdl.handle.net/10400.5/10582>

ANEXOS

Painéis Finais

Maquetes

Registo fotográfico do local

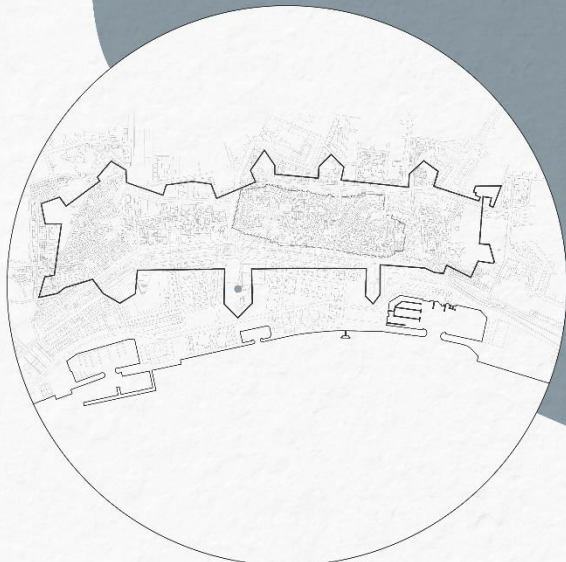
Análise elaborado na UC Laboratório de Projeto VI 2022/2023

Processo

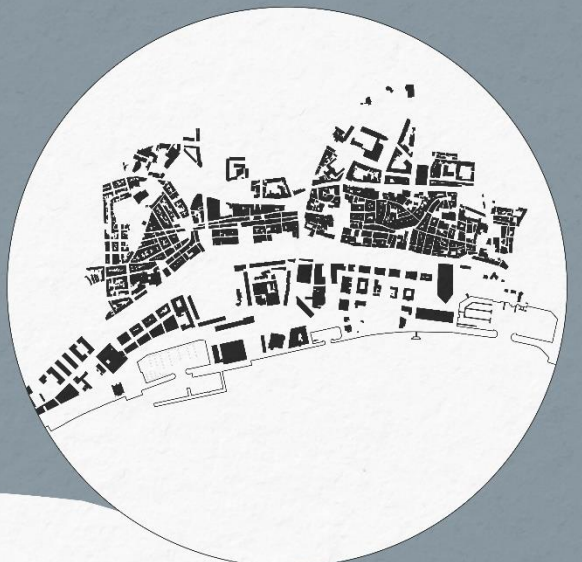
Maquetes de Estudo



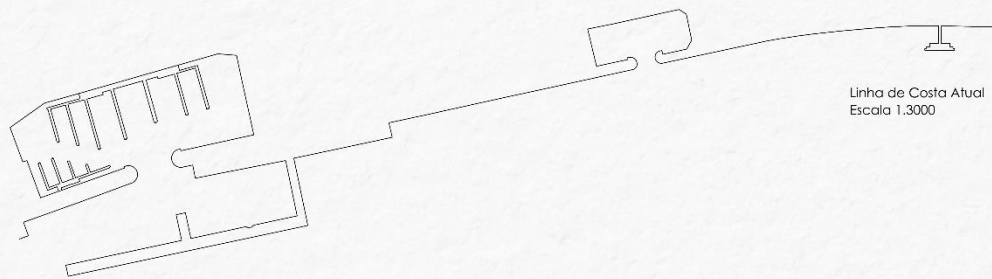
Planta esc. 1:15 000
Identificação do Baluarte



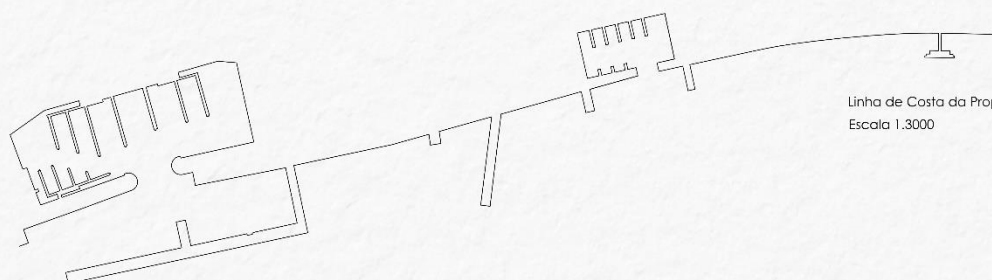
Planta das Muralhas Esc. 1:10 000
Identificação do Bairro do Livramento



Planta Malha Urbana Esc. 1:10 000



Linha de Costa Atual
Escala 1.3000



Linha de Costa da Proposta
Escala 1.3000



Habitação Coletiva Colaborativa

Fortalecer Relações Sociais Positivas

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do
Grão de Mestre em Arquitetura com especialização
em Arquitetura



0m 5 15 30

100

200

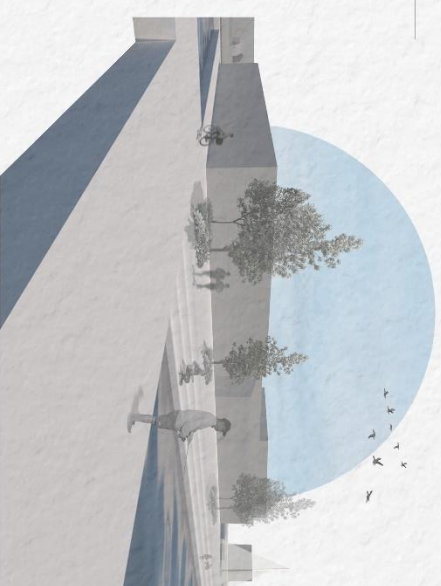
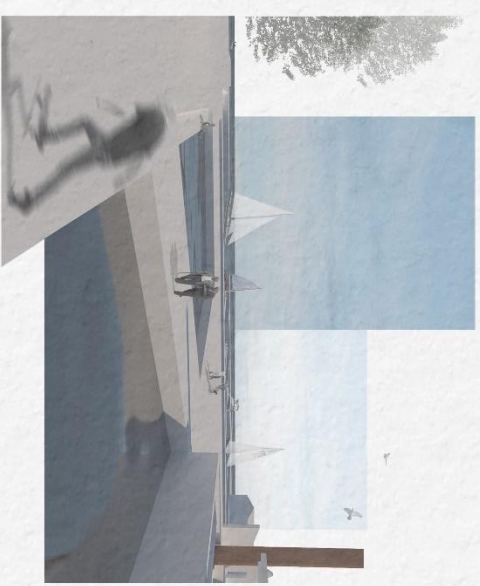
Escola 1:1000

300

500

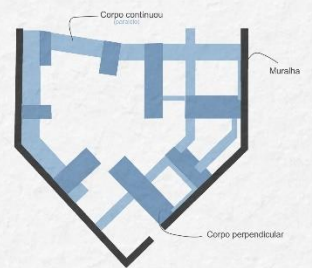
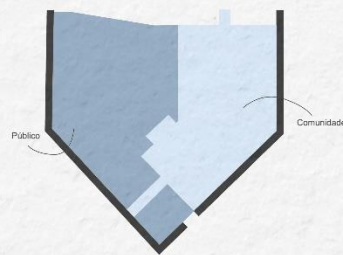
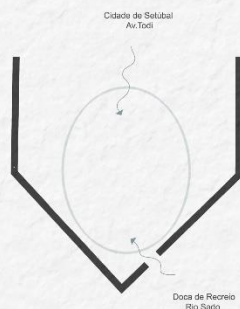
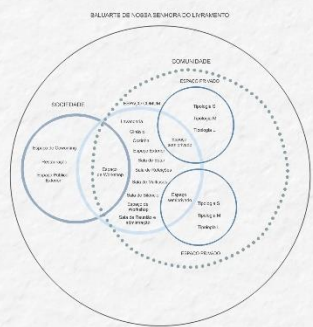
502

Dani Chaves Garcia | 2017/1861 | Orientação Científica: Professor Douglas Uffino Cavic | Faculdade de Arquitetura de Universidade de Lisboa



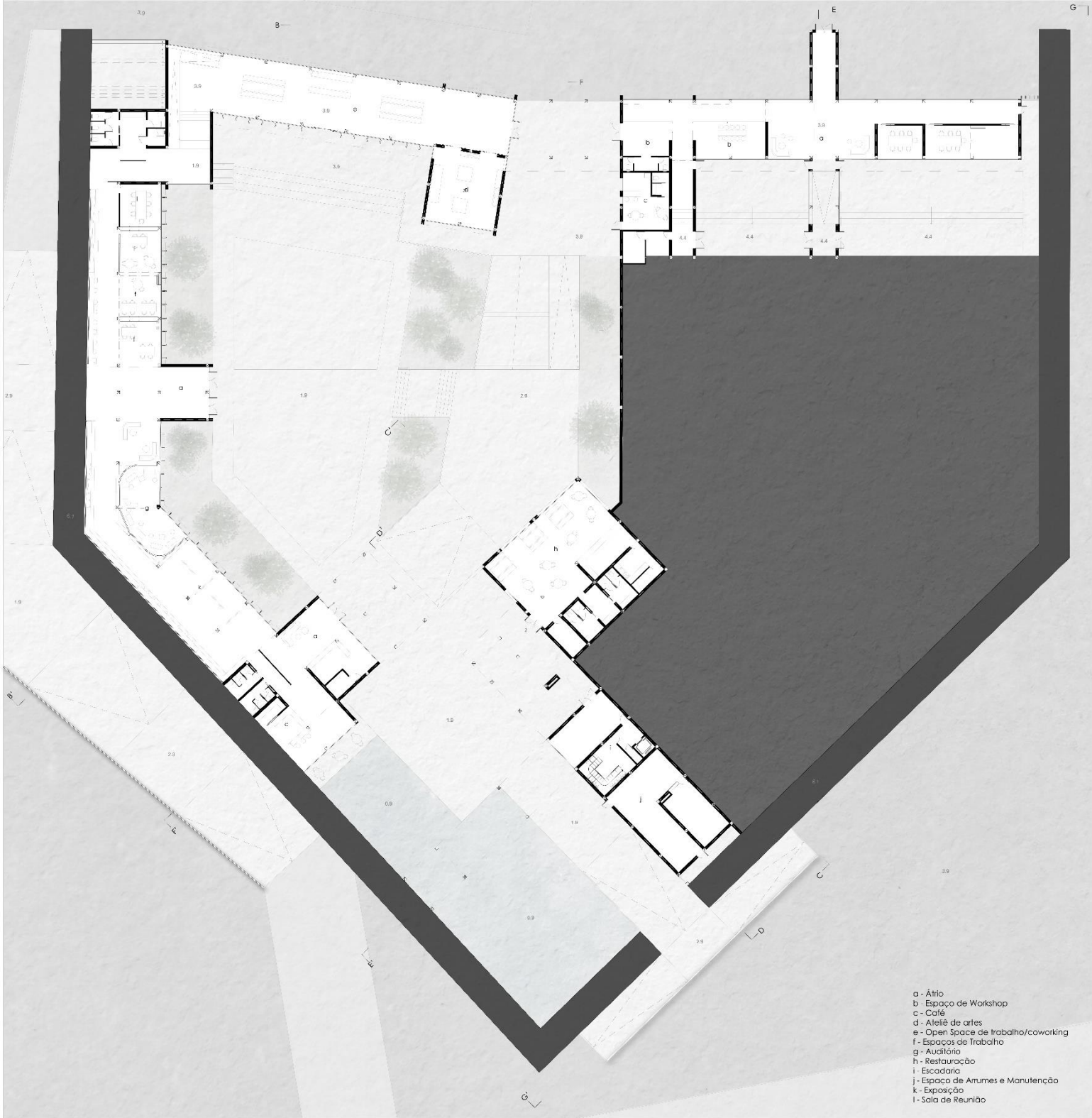


Planta de Cobertura Esc.1500



Programa e Diagramas





- a - Átrio
- b - Espaço de Workshop
- c - Café
- d - Ateliê de artes
- e - Open Space de trabalho/coworking
- f - Espaços de Trabalho
- g - Auditório
- h - Restauração
- i - Escadaria
- j - Espaço de Armes e Manutenção
- k - Exposição
- l - Sala de Reunião

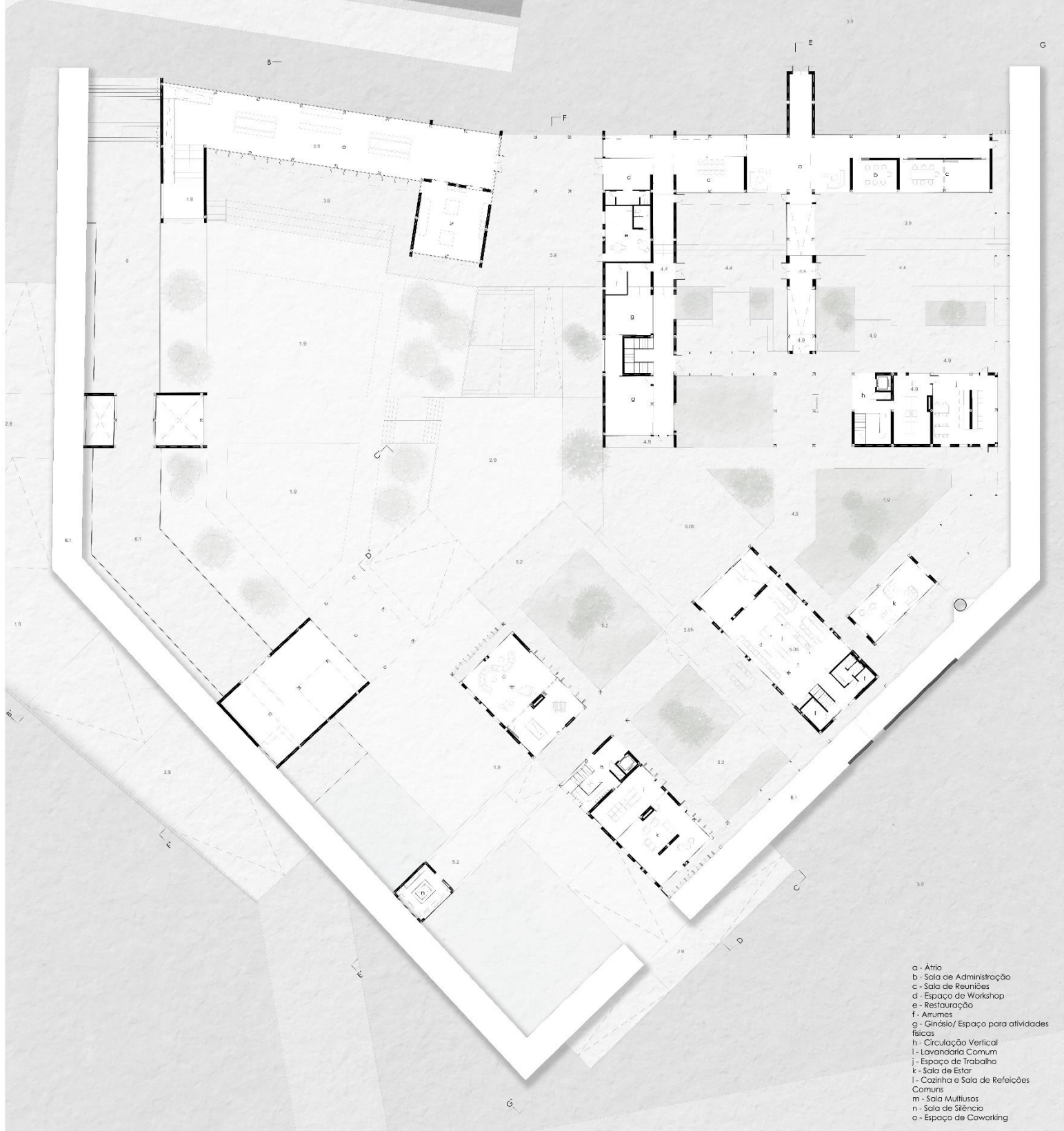
Planta Cota 4.2



Corte / Alçado BB¹

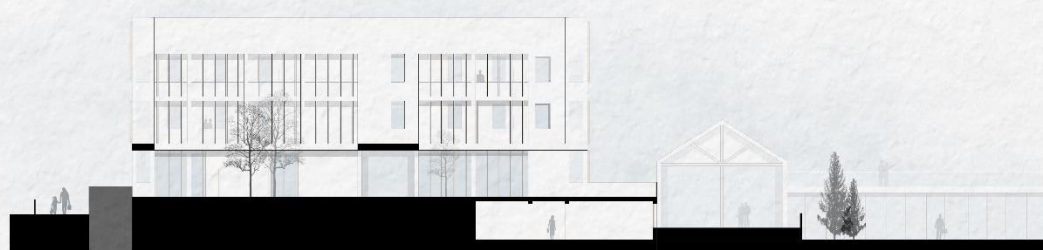
Escala 1:200





- a - Átrio
- b - Sala de Administração
- c - Sala de Reuniões
- d - Espaço de Workshop
- e - Restauração
- f - Arquivos
- g - Ginásio/ Espaço para atividades físicas
- h - Circulação Vertical
- i - Lavandaria Comum
- j - Espaço de Trabalho
- k - Sala de Ester
- l - Cozinha e Sala de Refeições Comuns
- m - Sala Multiusos
- n - Sala de Silêncio
- o - Espaço de Coworking

Planta Cota 6.2



Corte / Alçado CC

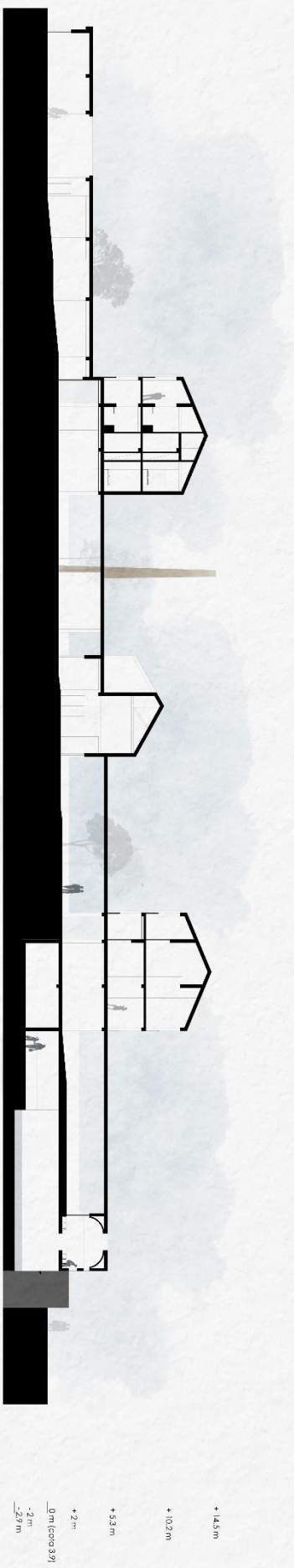
Escala 1:200



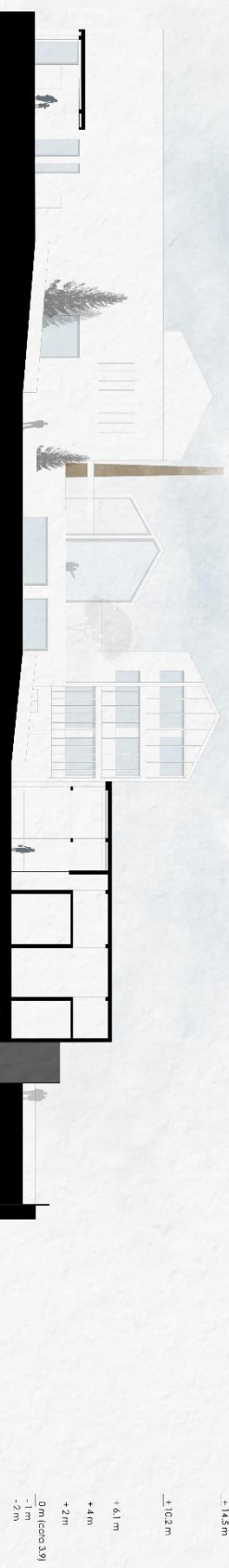
Habitação Coletiva Colaborativa

Fortalecer Relações Sociais Positivas

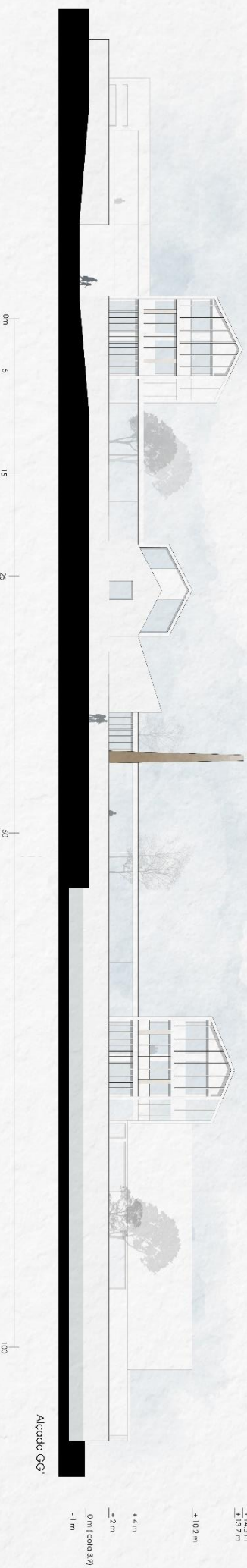
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com especialização em Arquitetura



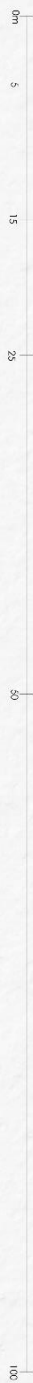
Corte EE'



Corte / Alçado FF'



Alçado GG'





Render/Colagem 3 - V3
Vista para o espaço público e o edifício de Coworking



Render/Colagem 4 - V4
Vista para o espaço comum e o bloco sul de habitação



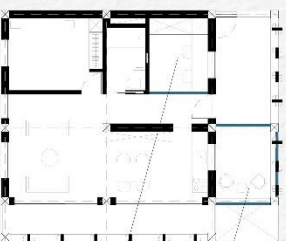
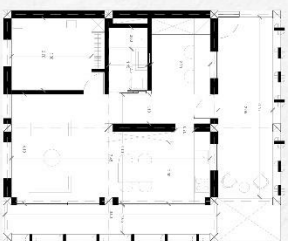
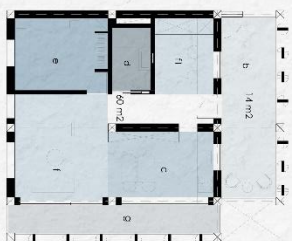
Tipologia S



0m 2.27 3.65 4.55

- g - Cozinha Comum
- h - Cozinha Semi-Privada
- i - Cozinha
- d - WC
- e - Quarto
- a, e) - Quarto/Sala de estar
- f - Sala de Estar
- h - Espaço de Trabalho
- g - Varanda Privada

Tipologia M



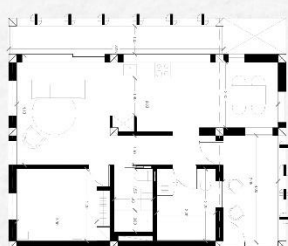
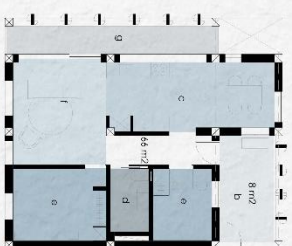
0m 3.15 4.25 7.30 8.65

Adaptabilidade e Flexibilidade

Possibilidade de expandir como é visível na tipologia L

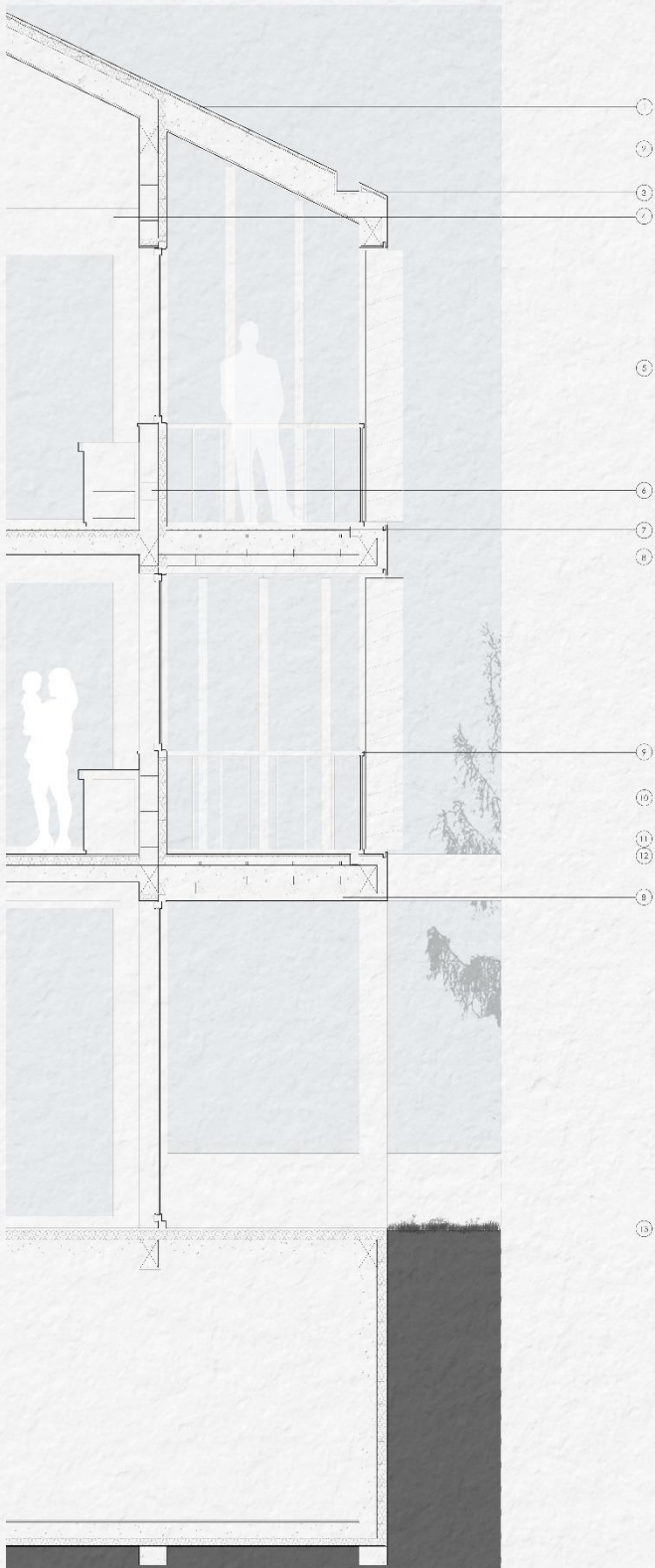
Possibilidade de ser um quarto

Tipologia L



0m 1.35 3.65 4.25 5.5m 8.65

- Tipologia S - Estúdio de 30 m²
- Tipologia M - Apartamento de 60 m² e com 1 quarto
- Tipologia L - Apartamento de 65 m² e com 2 quartos

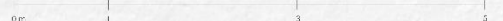
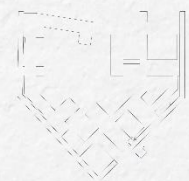


Corte III Esc. 1:20

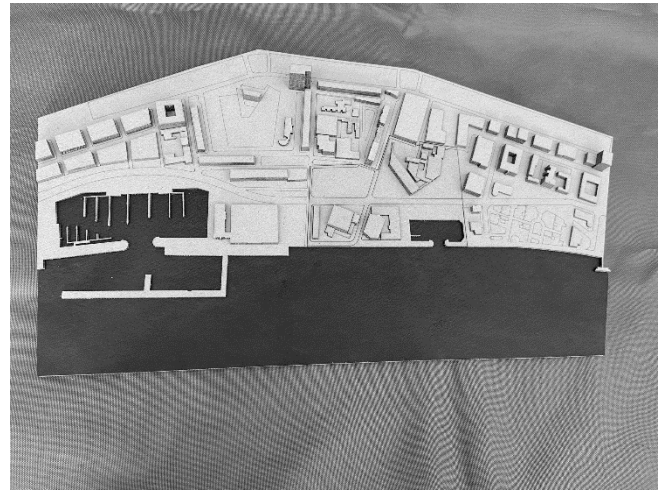
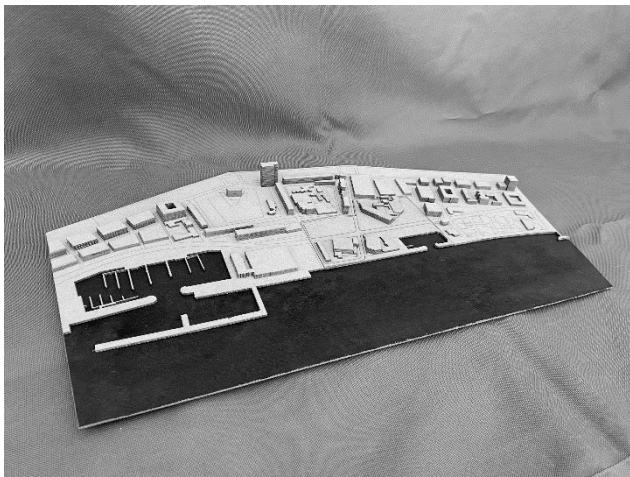
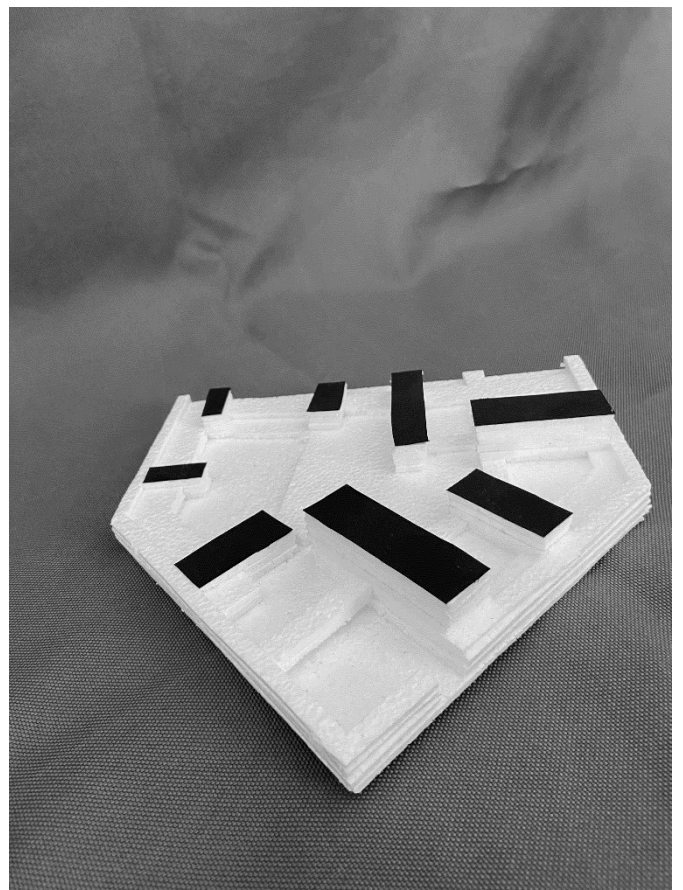
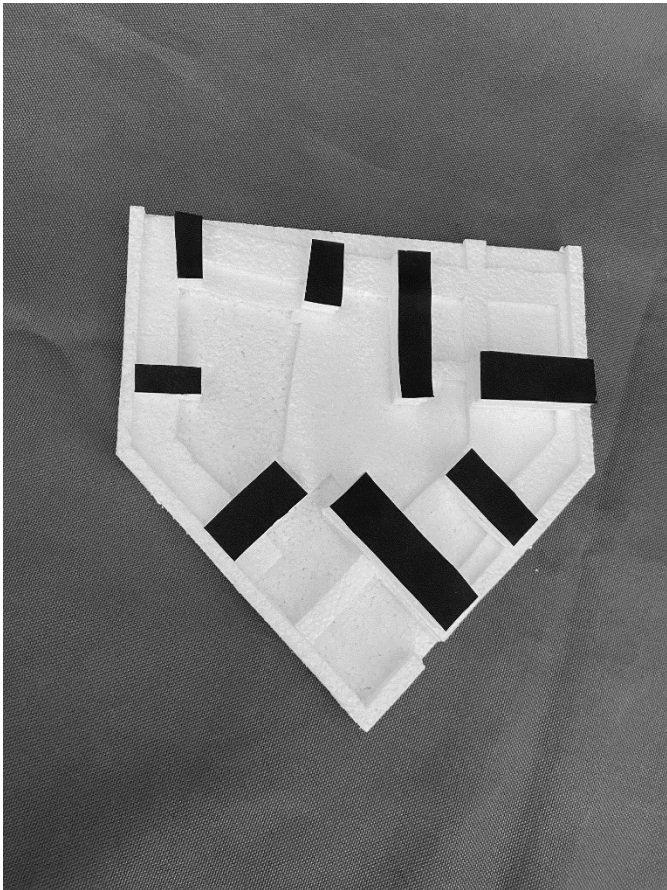
- | | |
|---|------------------------------------|
| 1 - Tinta Epoxi (Branca) | 7 - Membrana Betuminosa |
| 2 - Botão Armado | 8 - Madeira de Pinho |
| 3 - Calceira em Metal Branco | 9 - Guarda Metálica (Branca) |
| 4 - Viga de Madeira de Pinho | 10 - Isolamento Térmico 8mm |
| 5 - Painel Manobrável em Madeira Laminada | 11 - Pivô Metálico |
| 6 - Blocos Térmicos | 12 - Pavimento de Madeira Laminada |
| | 13 - Pavimento Cerâmico |

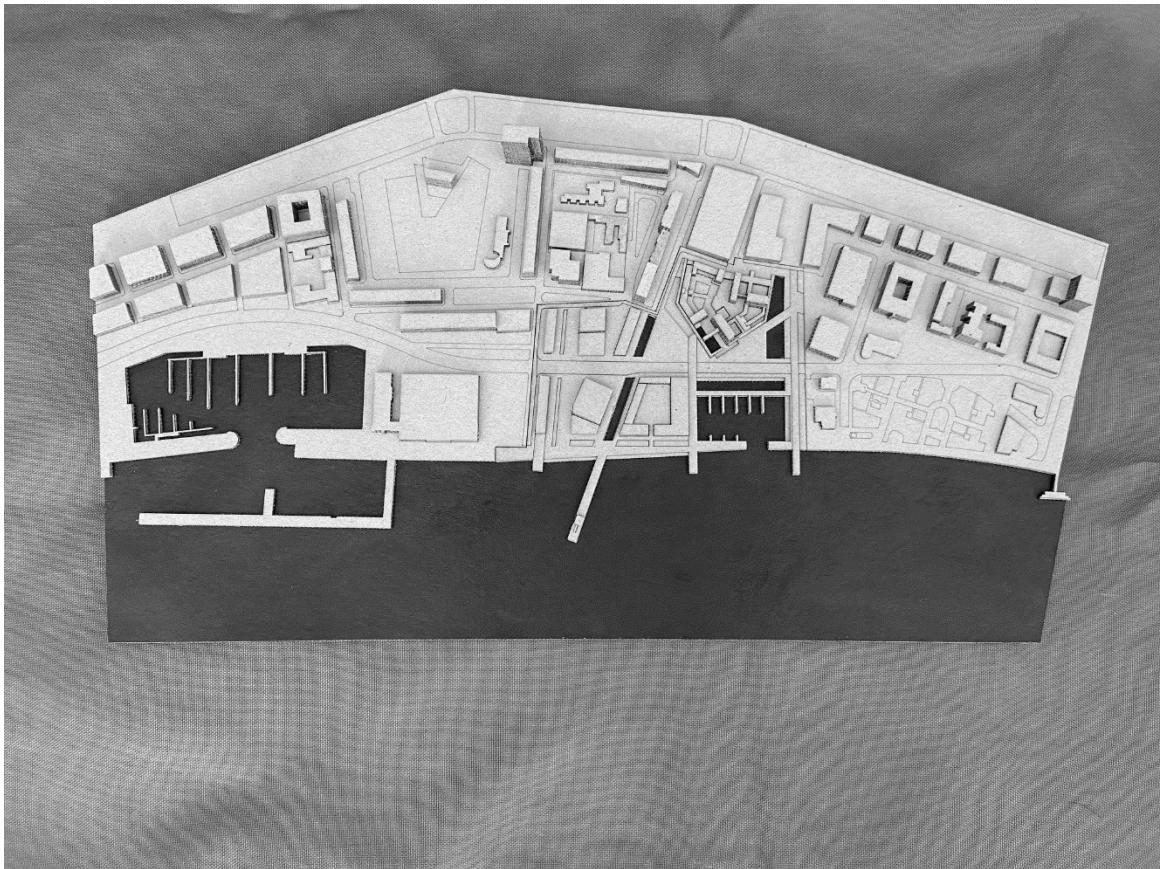
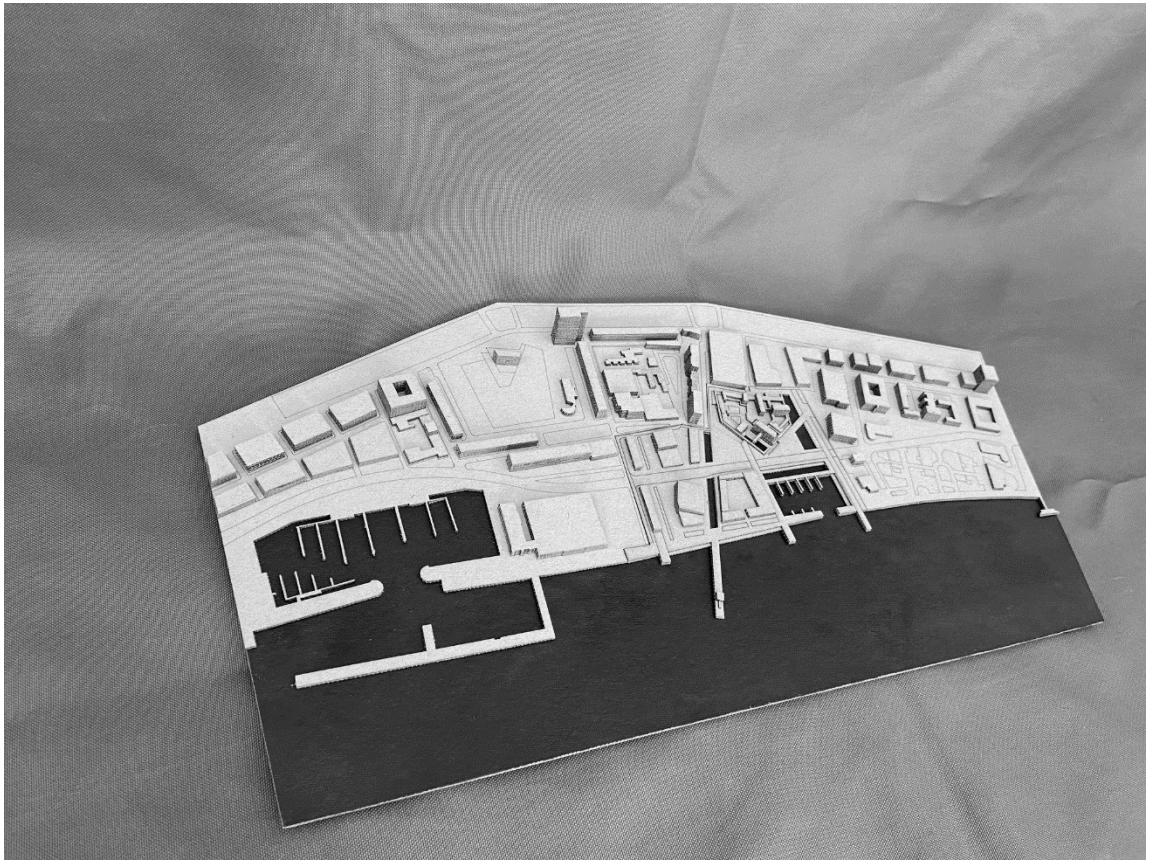


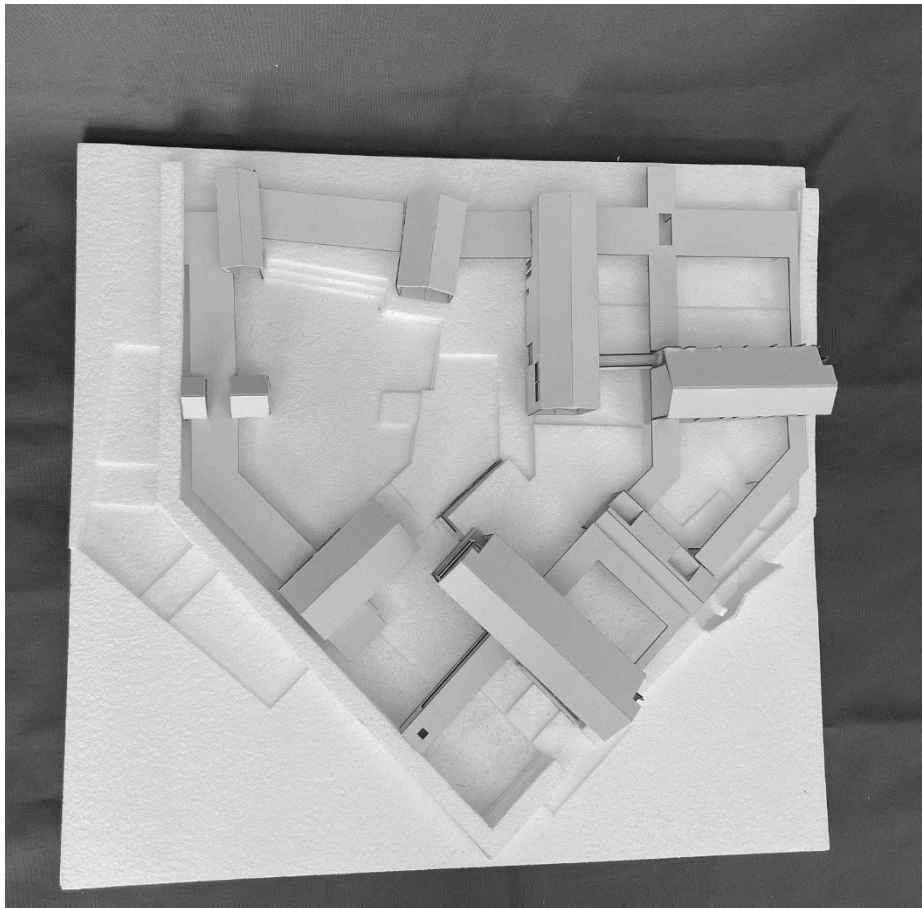
Alçado I Esc. 1:20



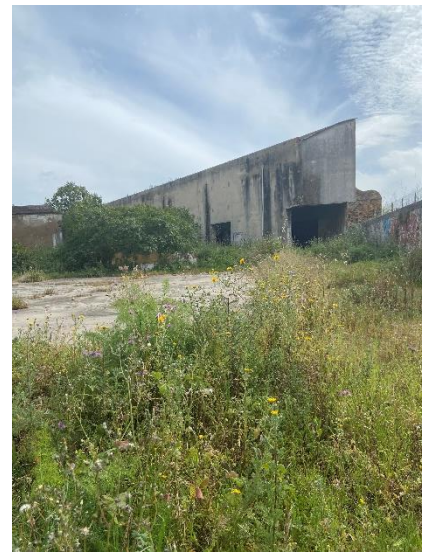
Escala 1:20













I SETÚBAL

NARRATIVA VISUAL DA ADMONESTERA



1a - Sentar no sea livre



2a - Presençar no Ria Sado



3a - Baixo as Dons de Nossa das Loucas



4a - Sentar sentado no Dons de Nossa de Nard



5a - Novo espaço para os Alunos do LPTamaria

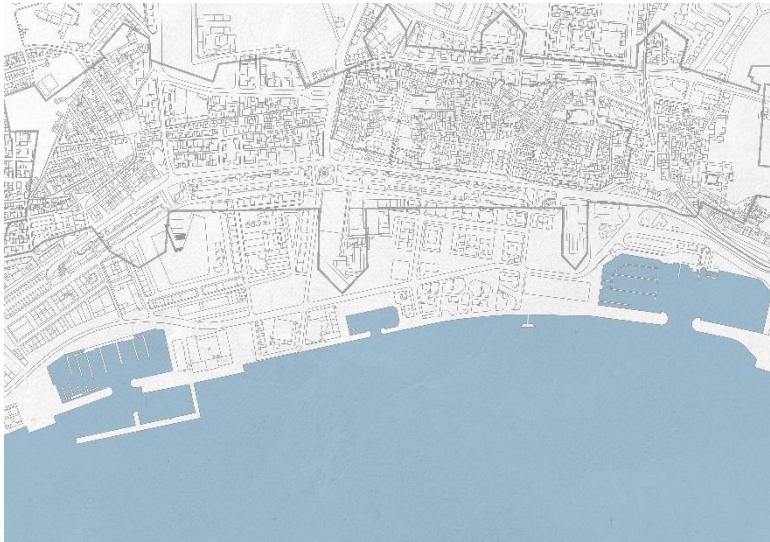
NARRATIVA VISUAL DA MEMORIA E DA HISTORIA DO LUGAR



Distribuição espacial





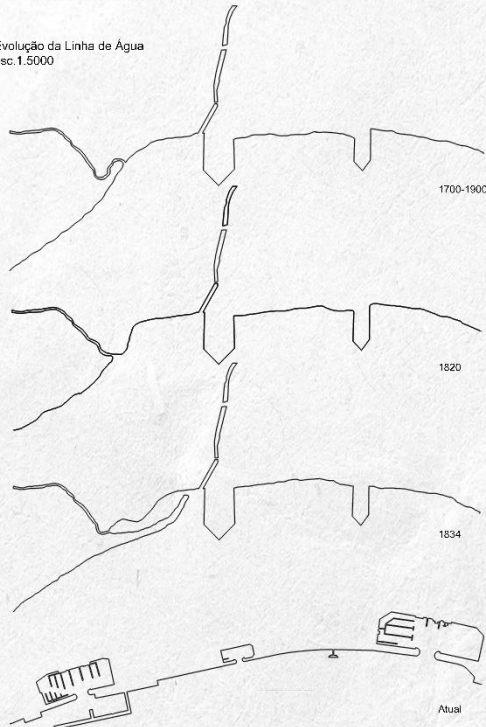


1 Água e Cidade - Conectar o desconectado

Análise de Setúbal Sistema Natural

Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa
MIARQ50 | 2022/2023
UC: Laboratório de Projeto VI

Evolução da Linha de Água
esc.1.5000



Sistema de Vistas - Visões para o Rio e para a Cidade esc. 1.5000



Áreas de Afastamento do Rio esc. 1.5000

- Legenda:
- Visão para o rio
 - Visão para a cidade
 - Rio
 - Sem contacto
 - Contacto limitado

Problemáticas

A desconexão entre cidade (sociedade/residentes/comunidade) e o seu elemento principal a Água;

Zona ribeirinha com uma área muito grande de terrenos vazios e/ou mal aproveitados, com edifícios devolutos e que interrompem a ligação entre o Rio e a Cidade;

Falta de Espaços e Equipamentos apelativos que tenham a capacidade de atrair e reunir as pessoas;

Despriorização do peão em relação ao automóvel em toda a zona ribeirinha, dificultando o acesso da cidade ao Rio.



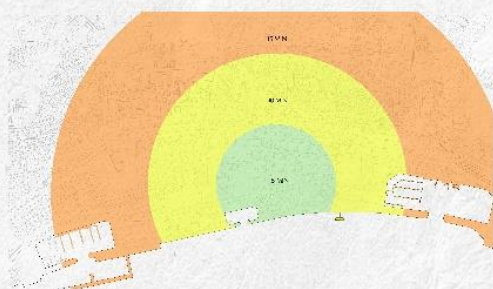
Dani Goede 20171361 | Diogo Teixeira 20171154 | Roberta Cardoso 20171376 | Pedro Robalo 20171171

2 Água e Cidade - Conectar o desconectado

Análise do Setúbal Sistema Infraestrutural e do Espaço Vazio

Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa
MIARQ50 | 2022/2023
UC: Laboratório de Projeto VI

Sistema Infraestrutural
esc.1.5000



Objetivos

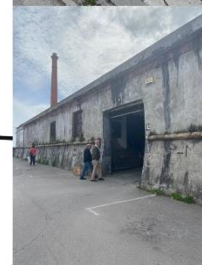
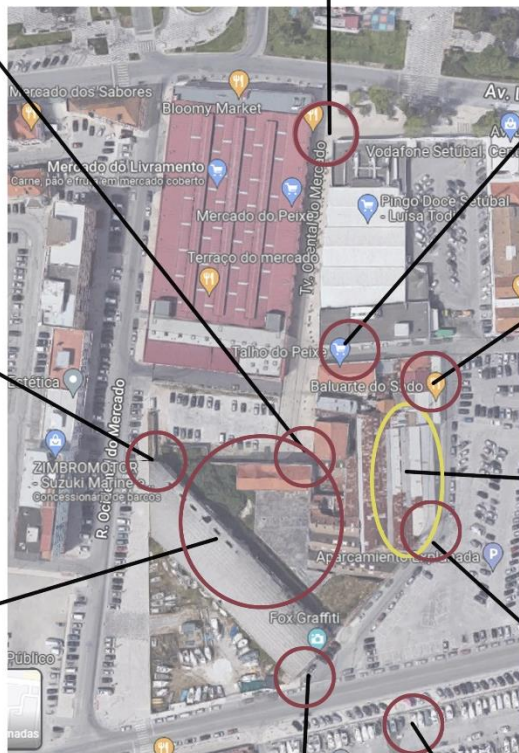
Melhorar a relação da Cidade com a zona ribeirinha e o Rio;

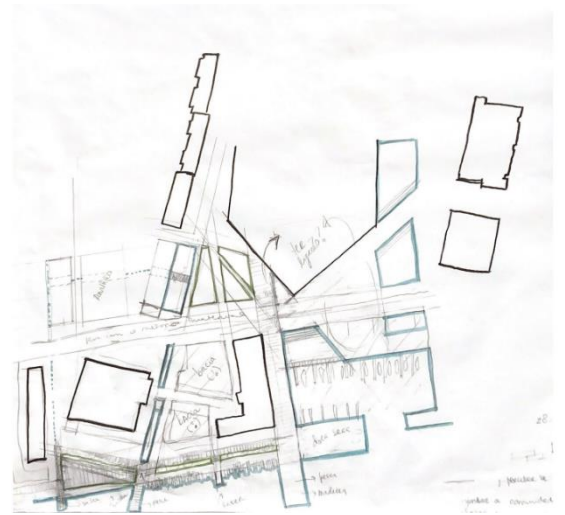
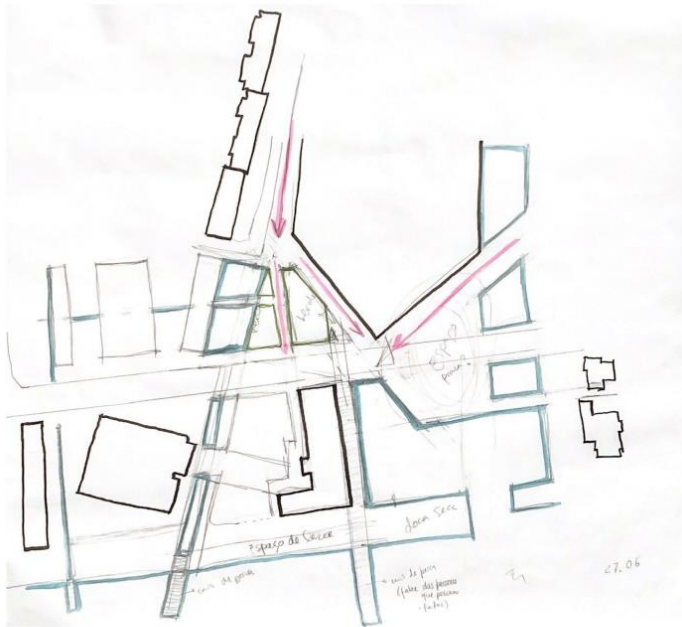
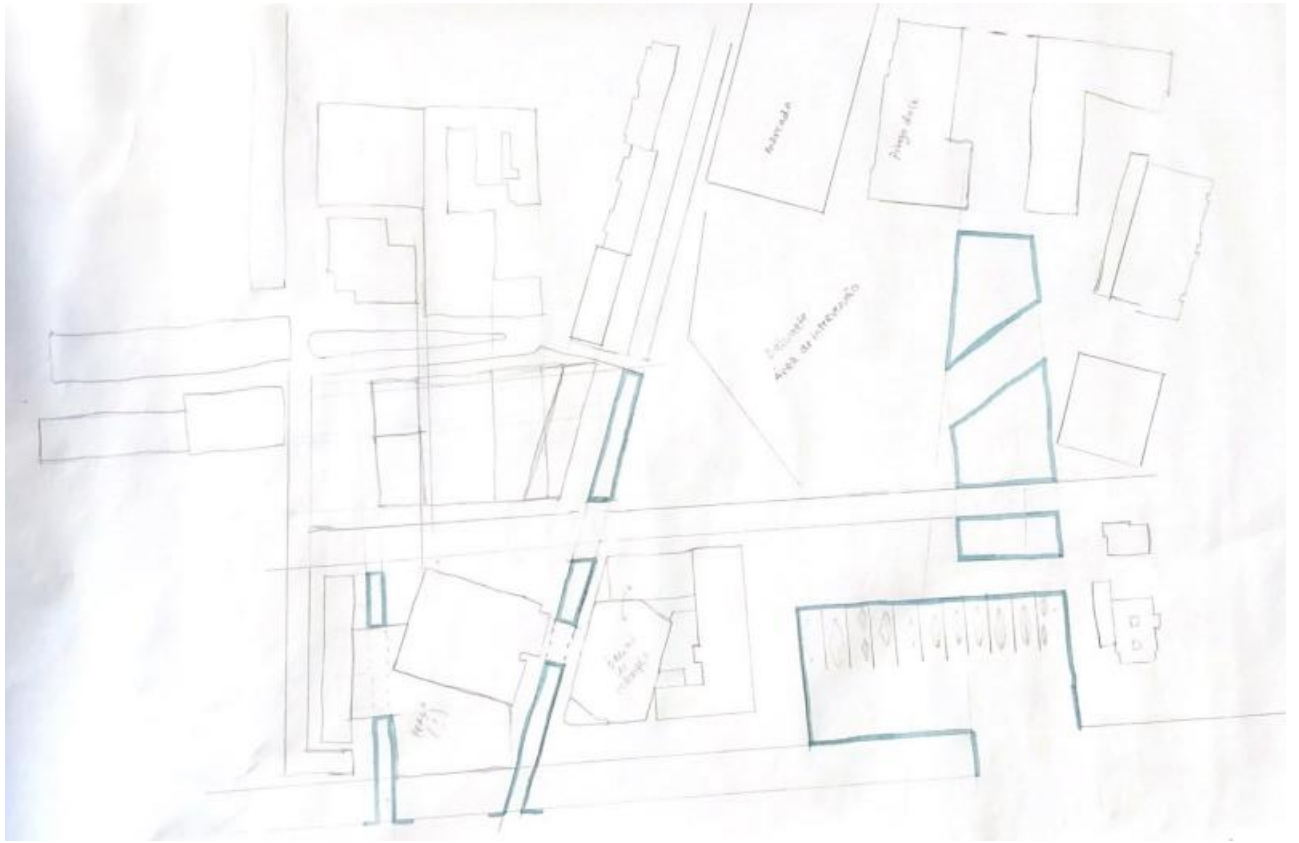
Desenvolver a vivência da cidade junto ao rio e reverter a situação atual onde a vivência da cidade acontece de costas para o Rio;

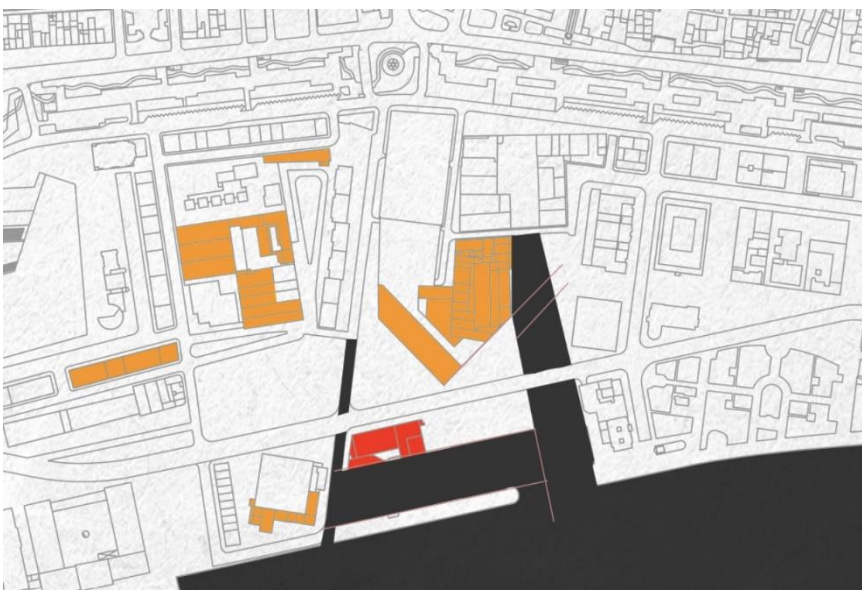
Transformar e dinamizar a conexão da cidade e da zona ribeirinha em função do peão;

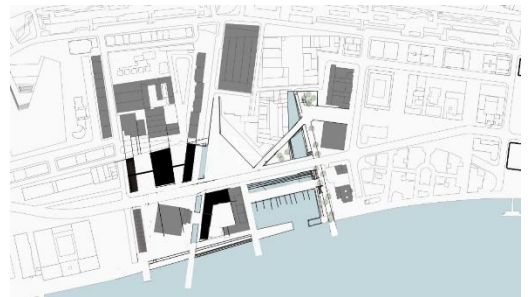
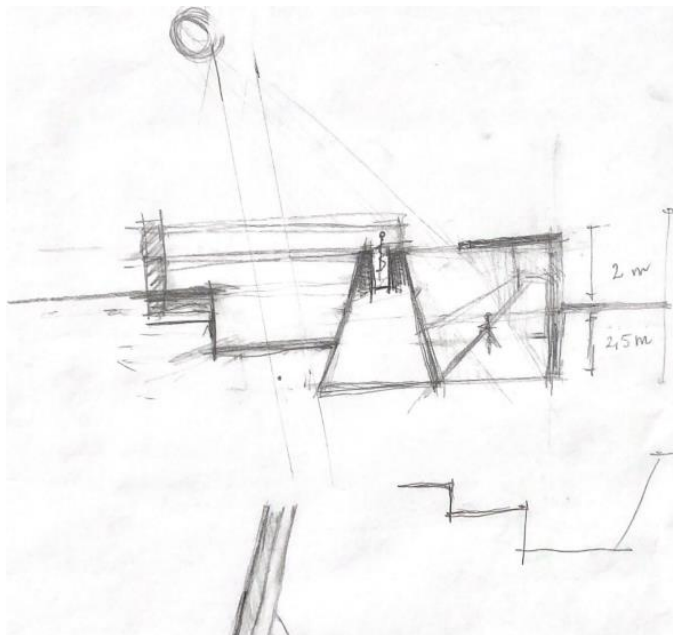
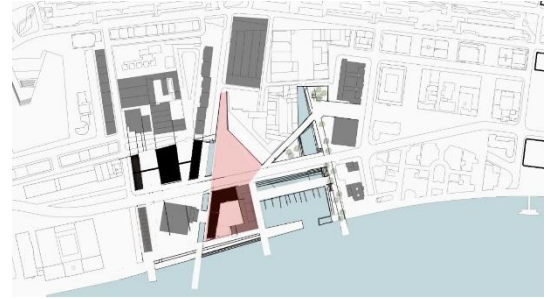
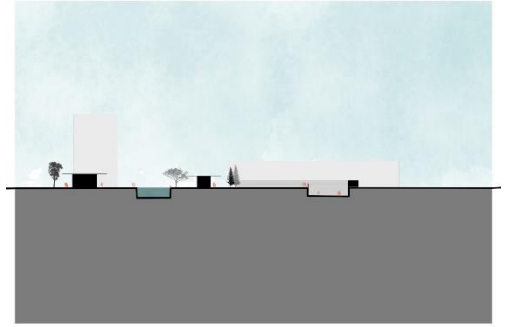
Restabelecer a ligação de água e cidade existente no passado.

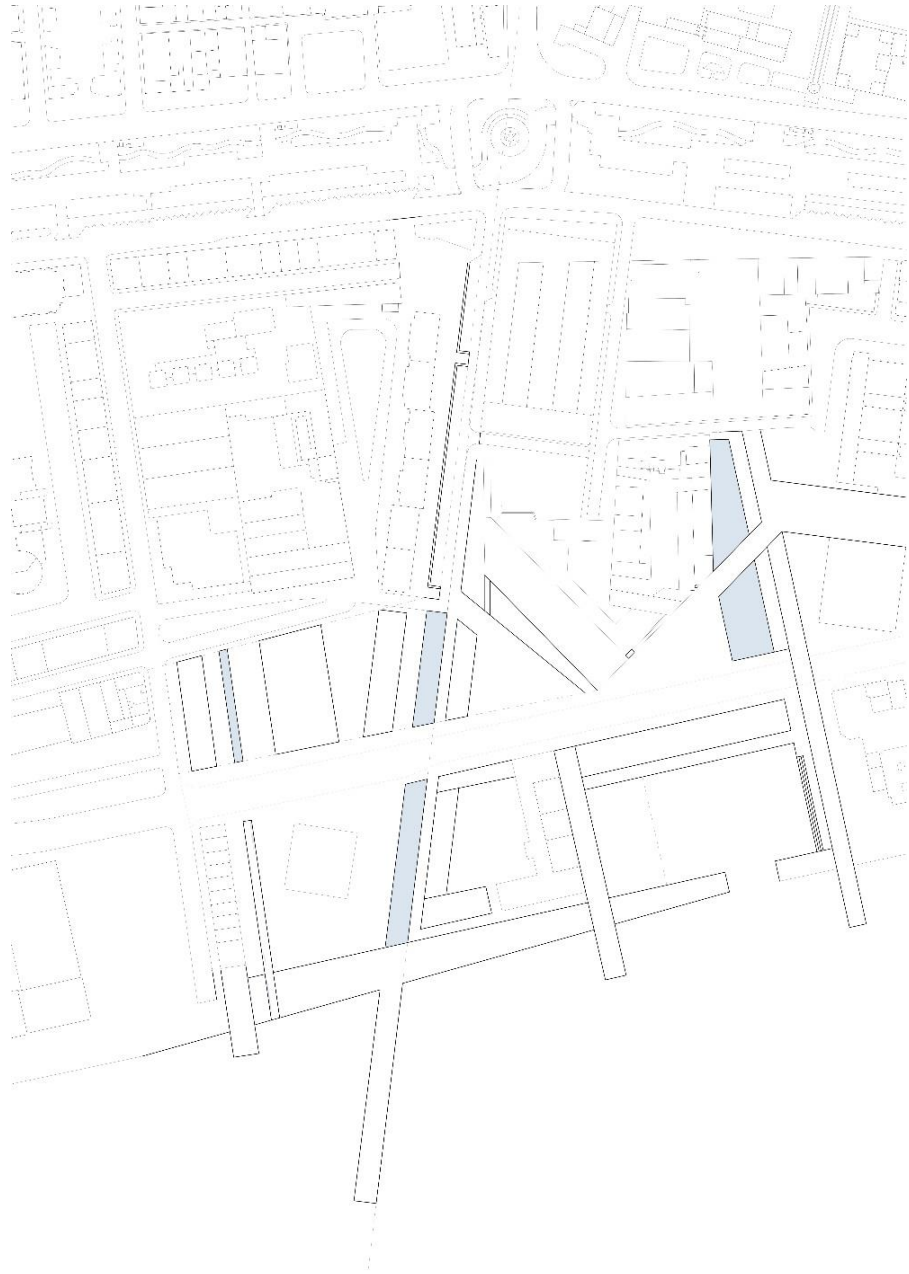
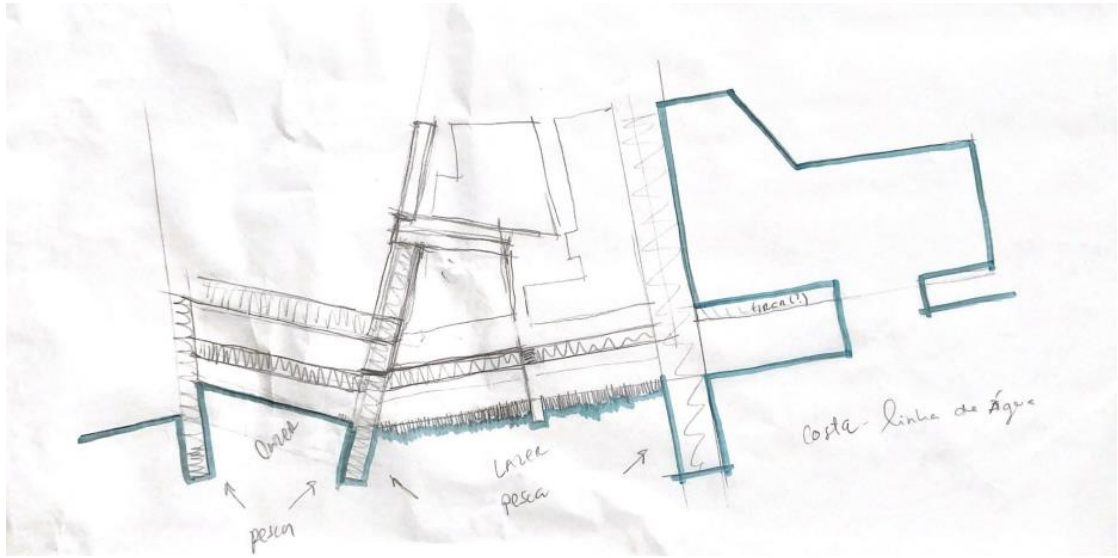
Dani Goede 20171361 | Diogo Teixeira 20171154 | Roberta Cardoso 20171376 | Pedro Robalo 20171171

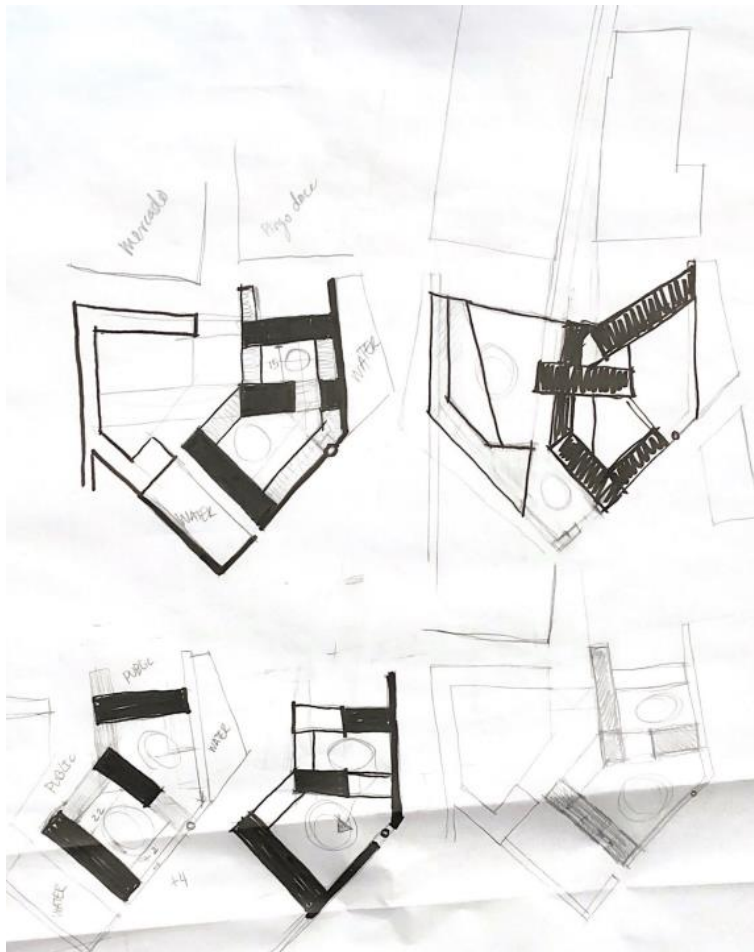
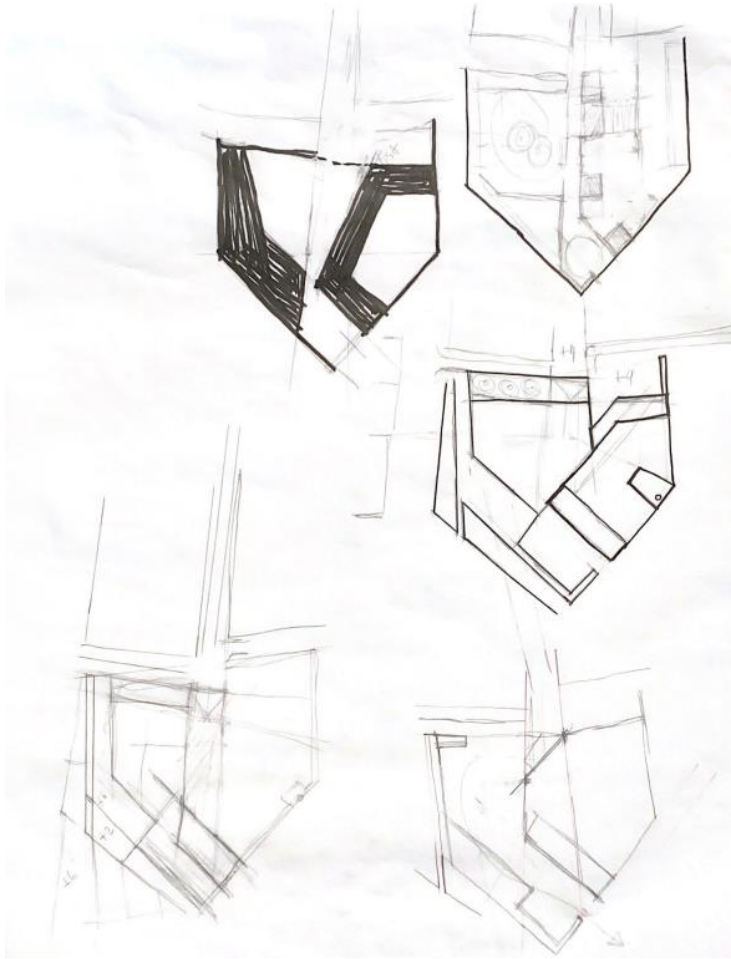


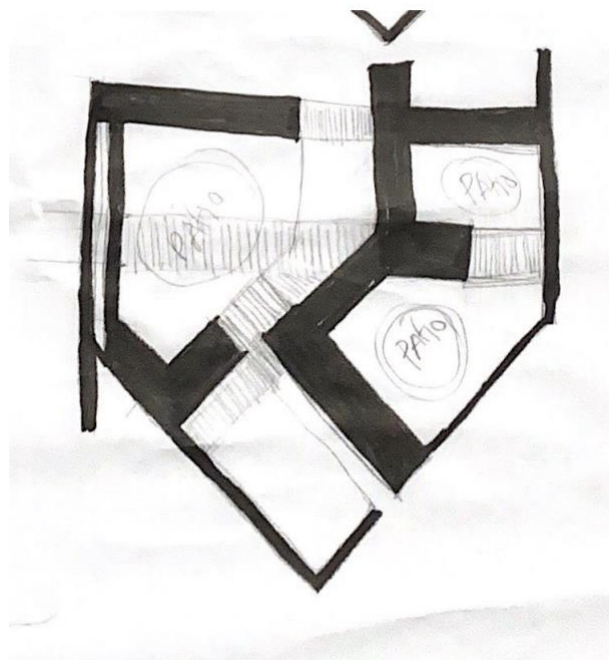
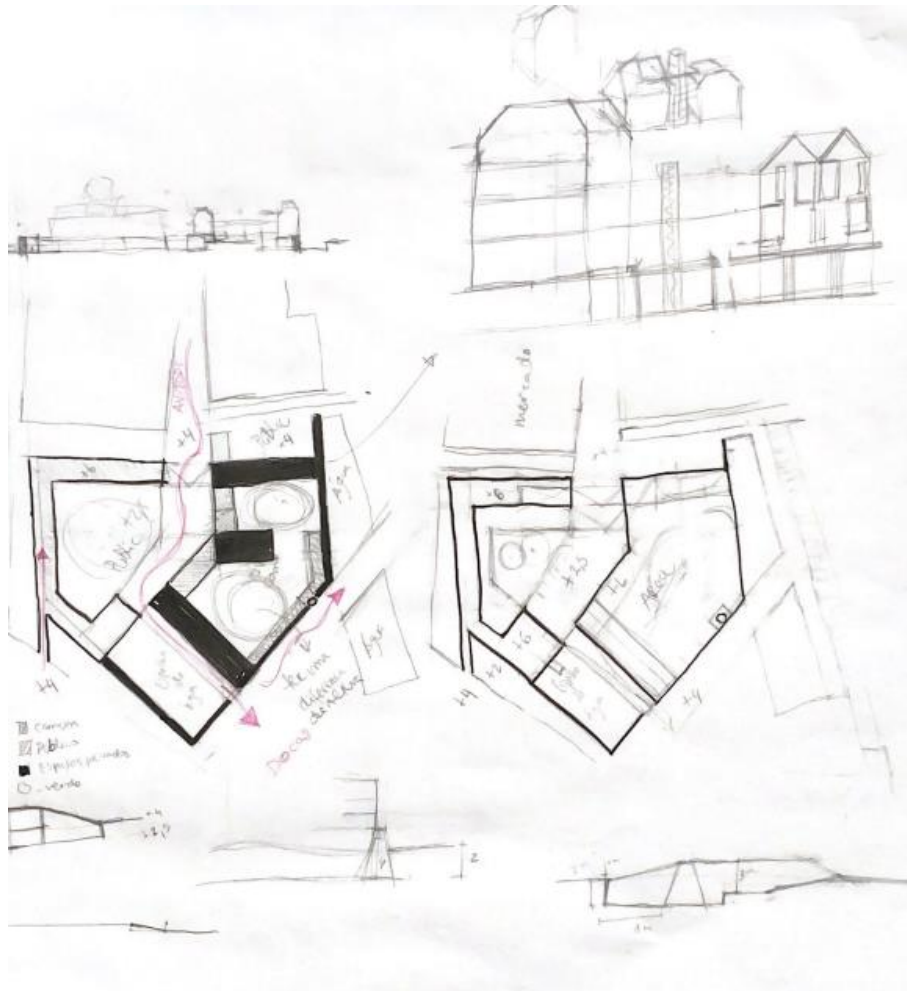


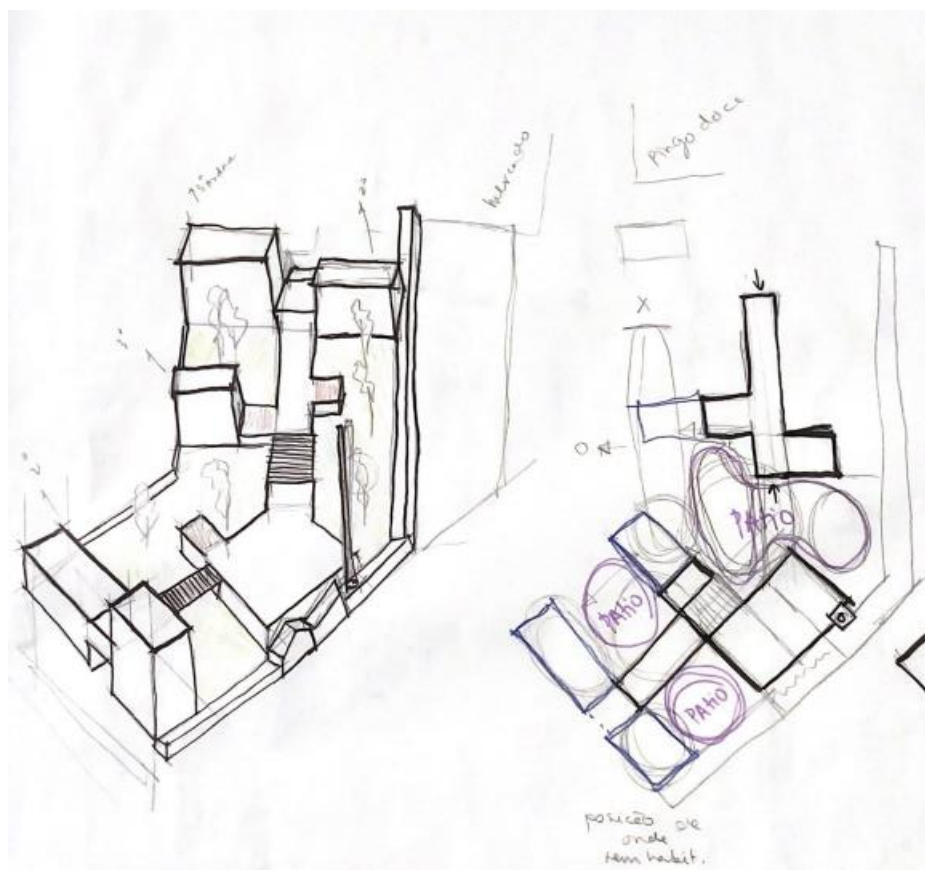
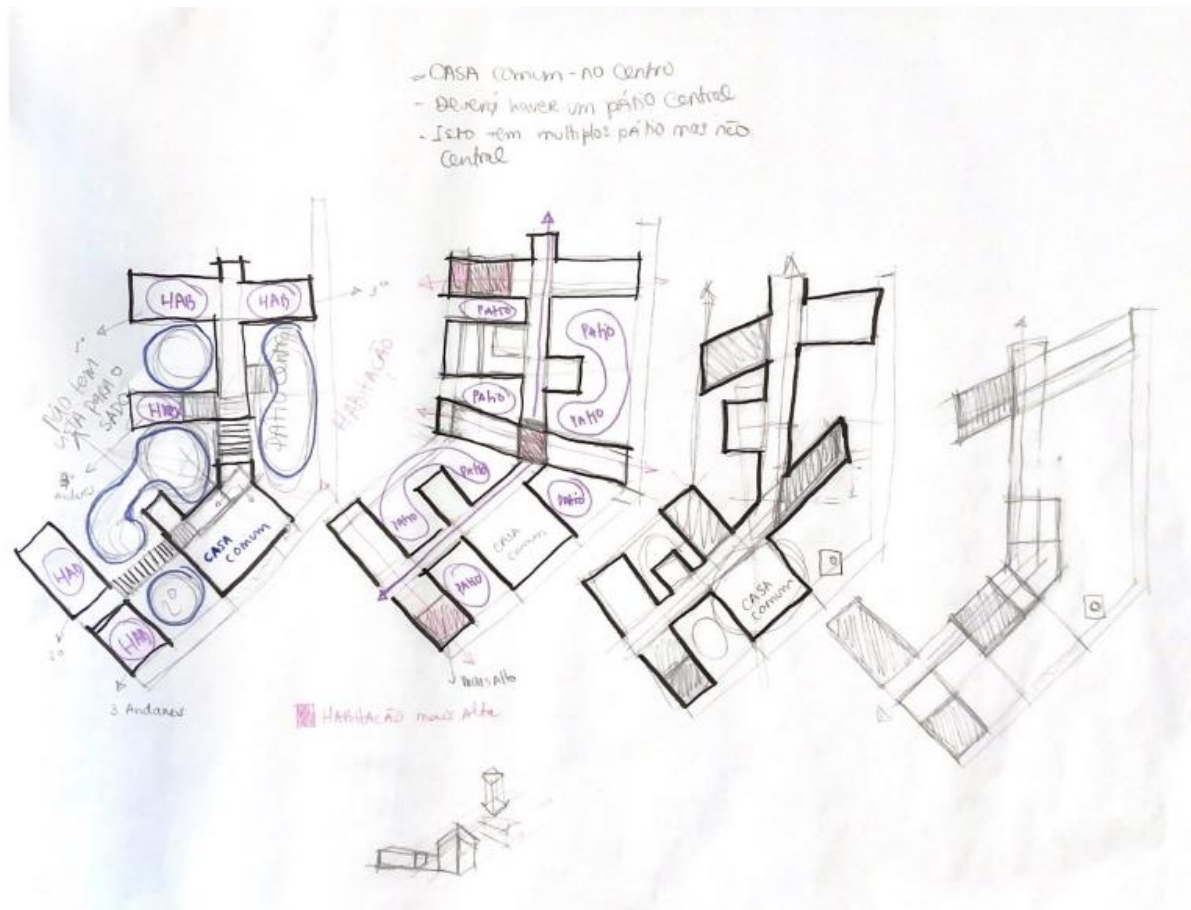


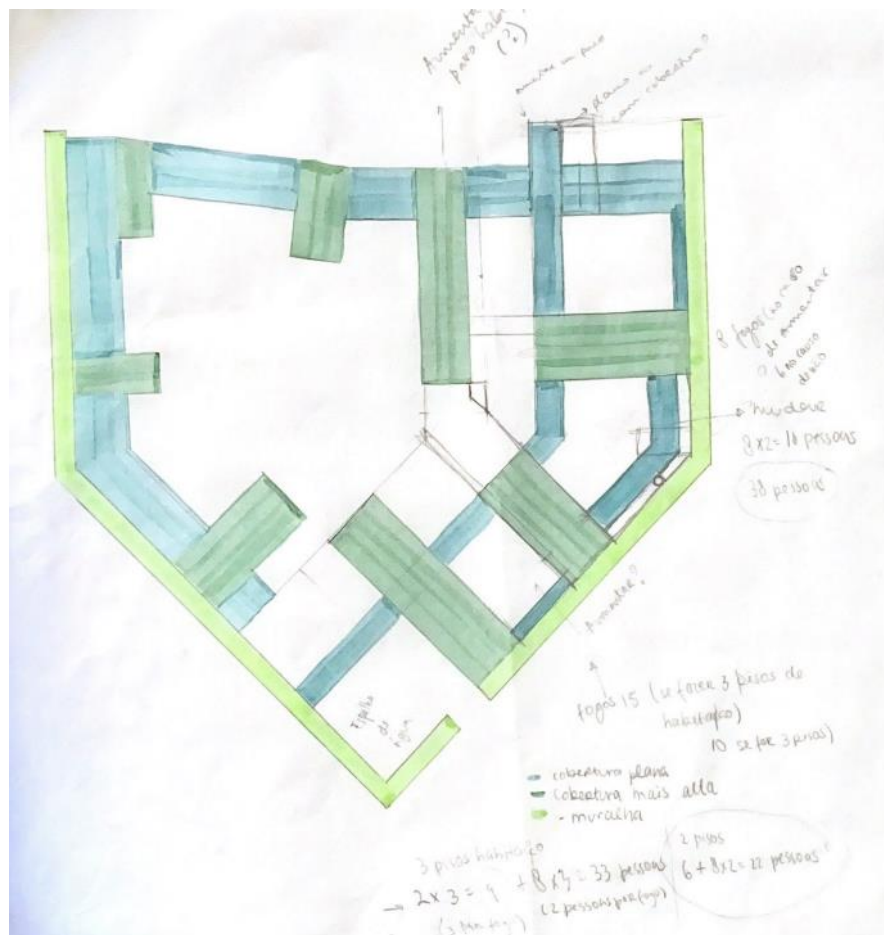


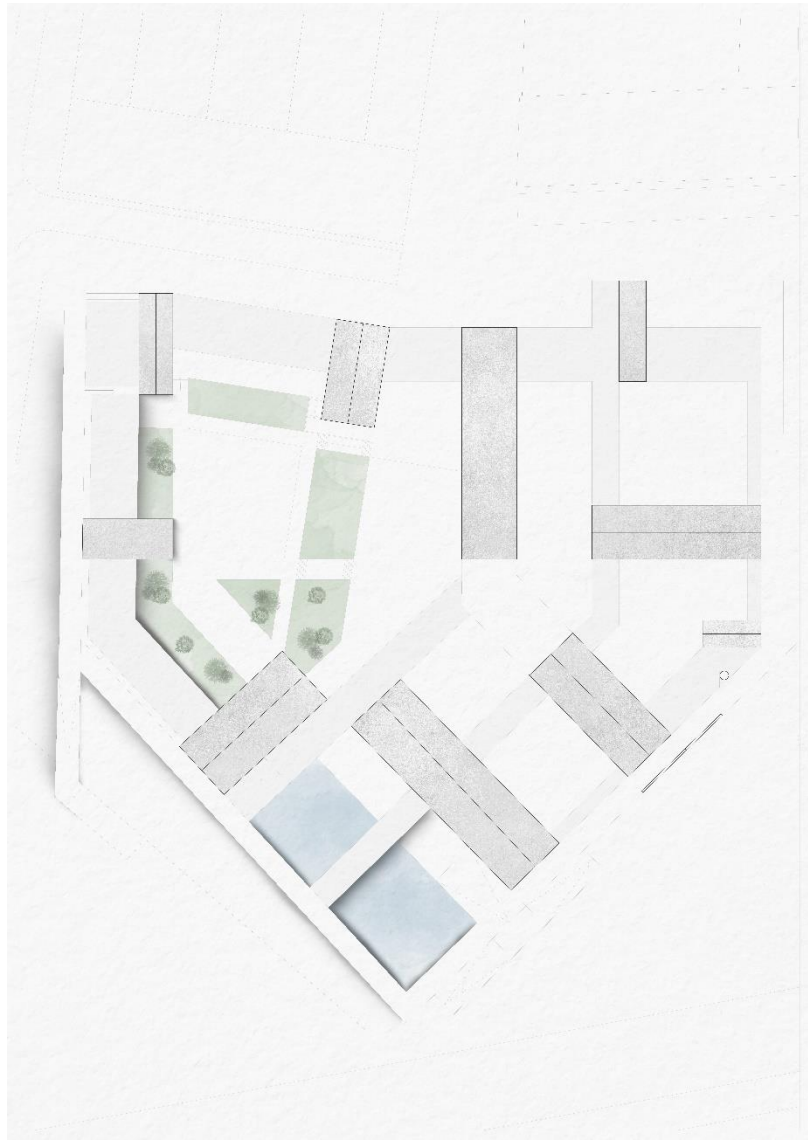


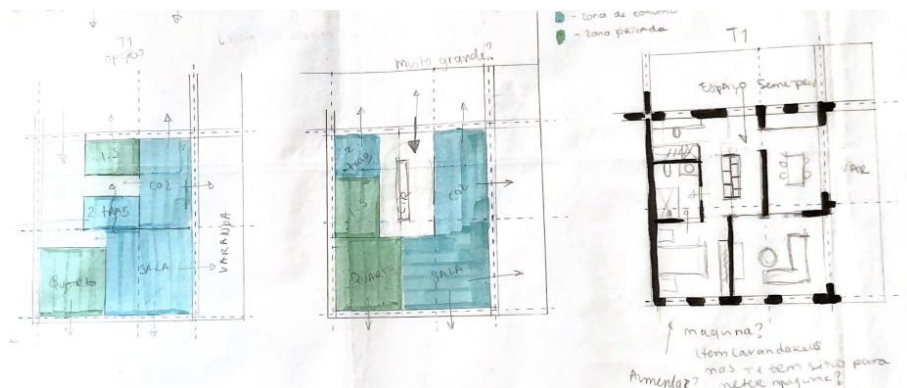
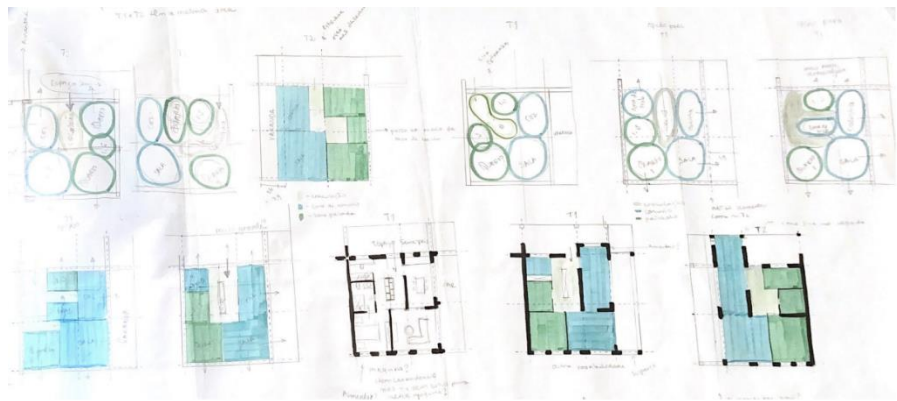
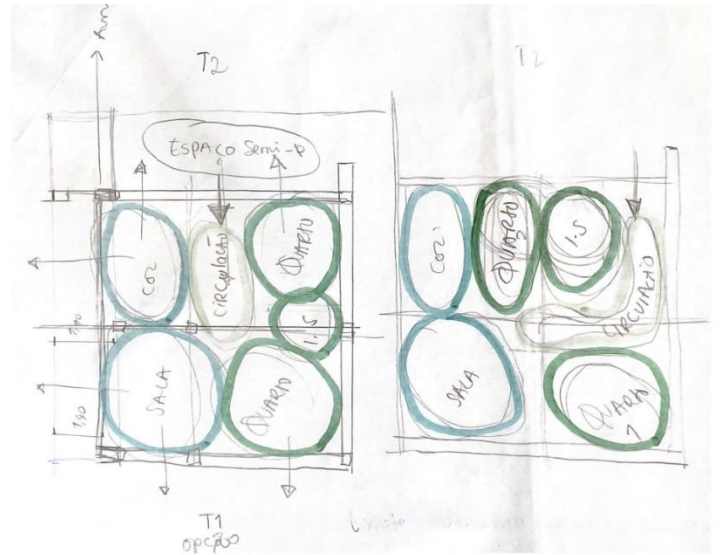
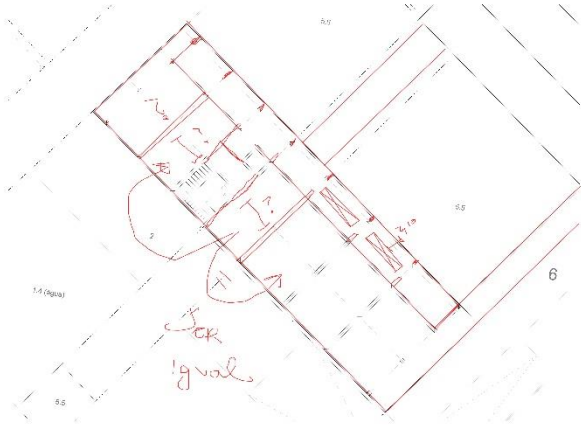
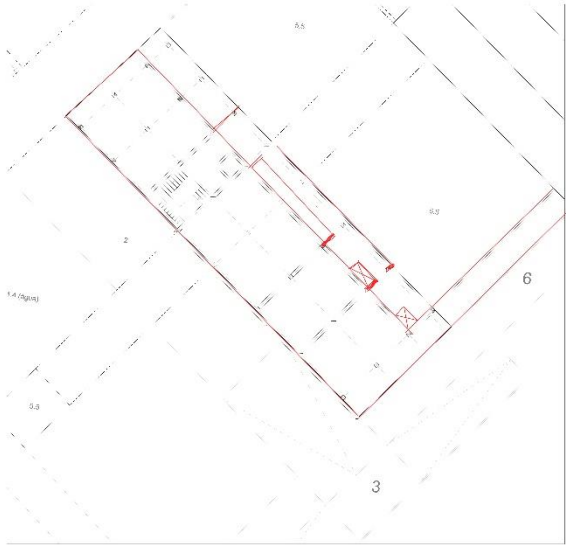


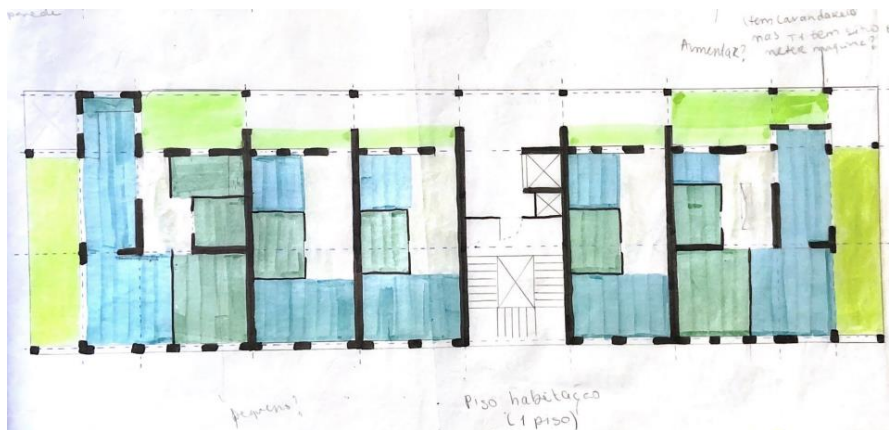
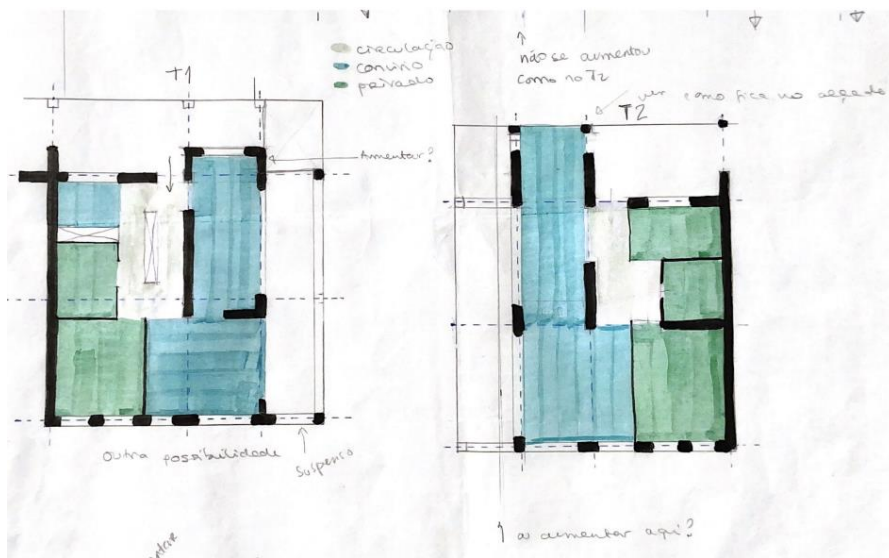
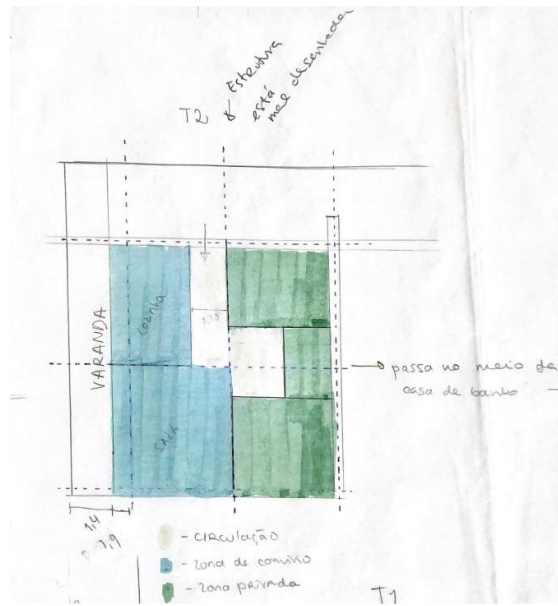


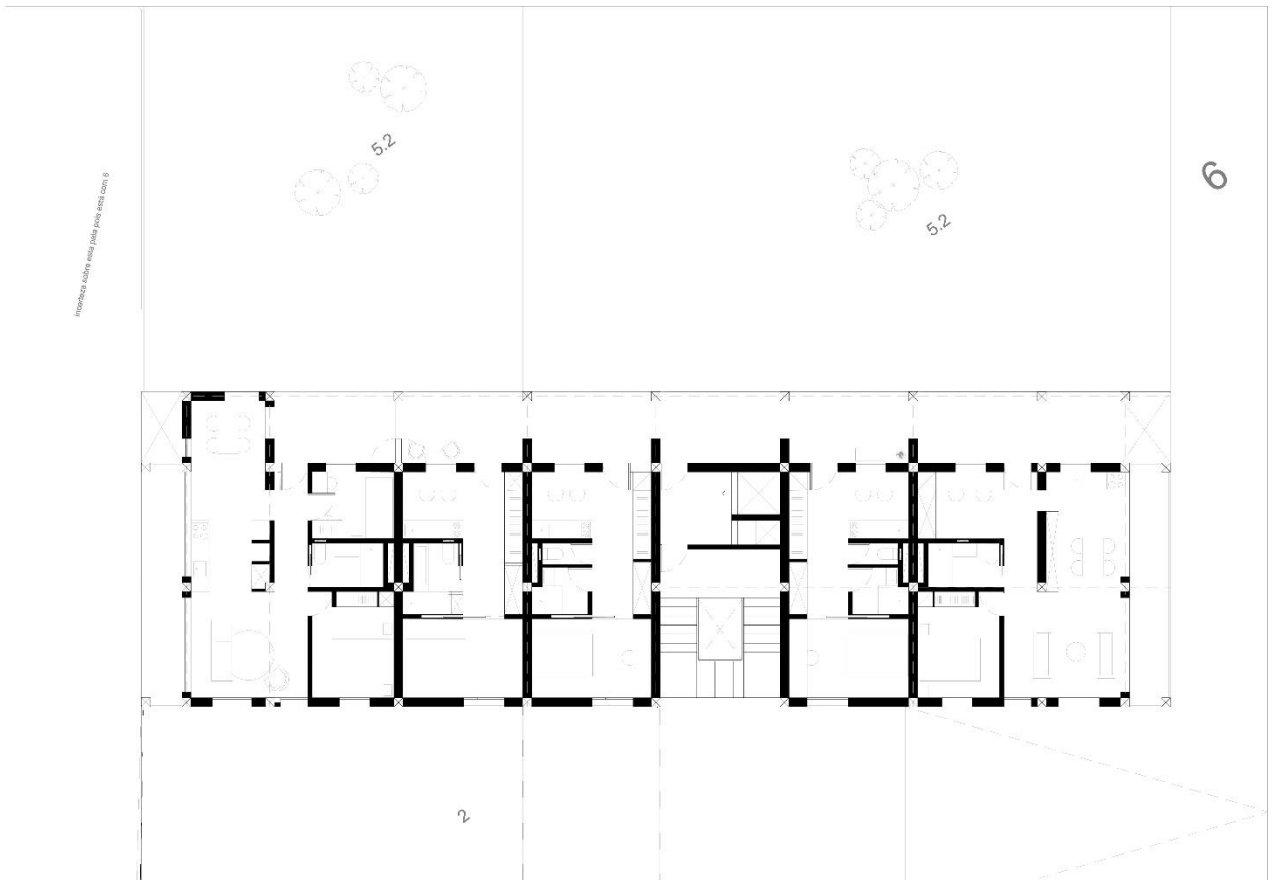
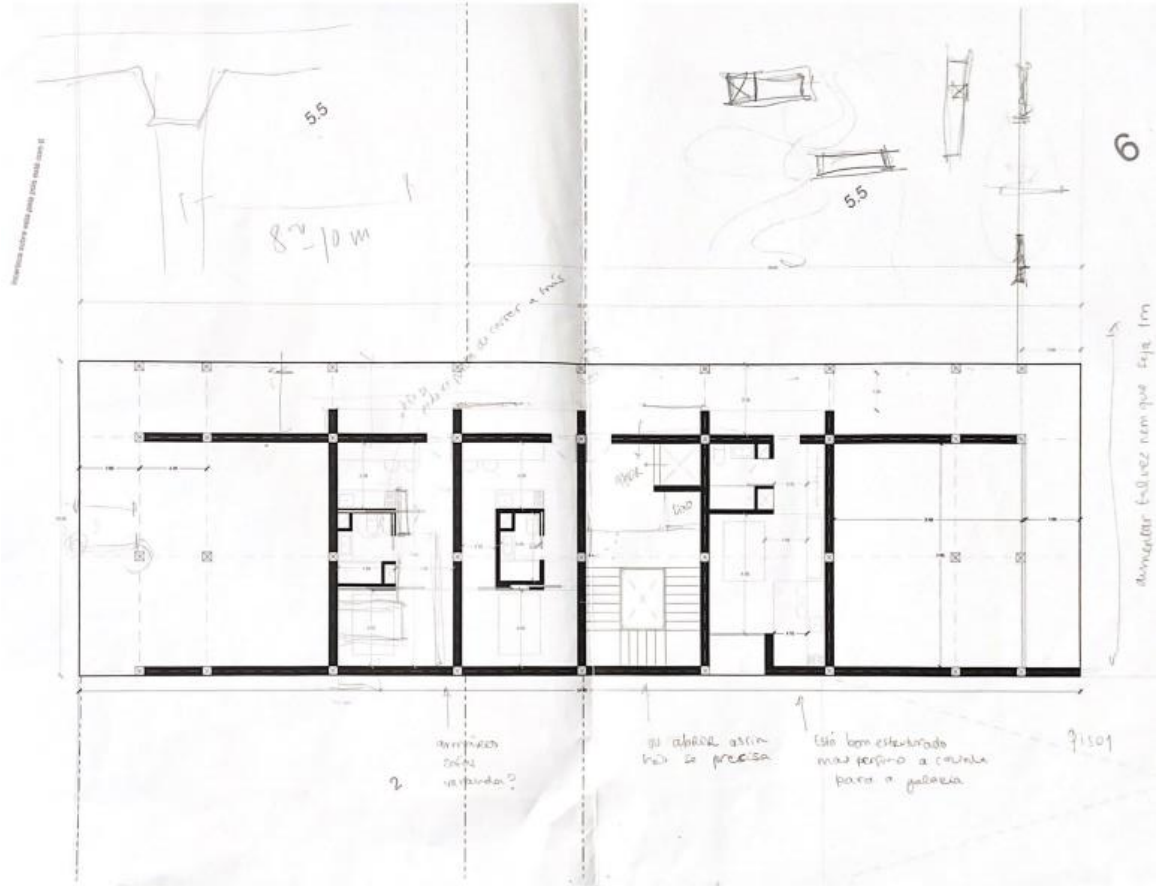


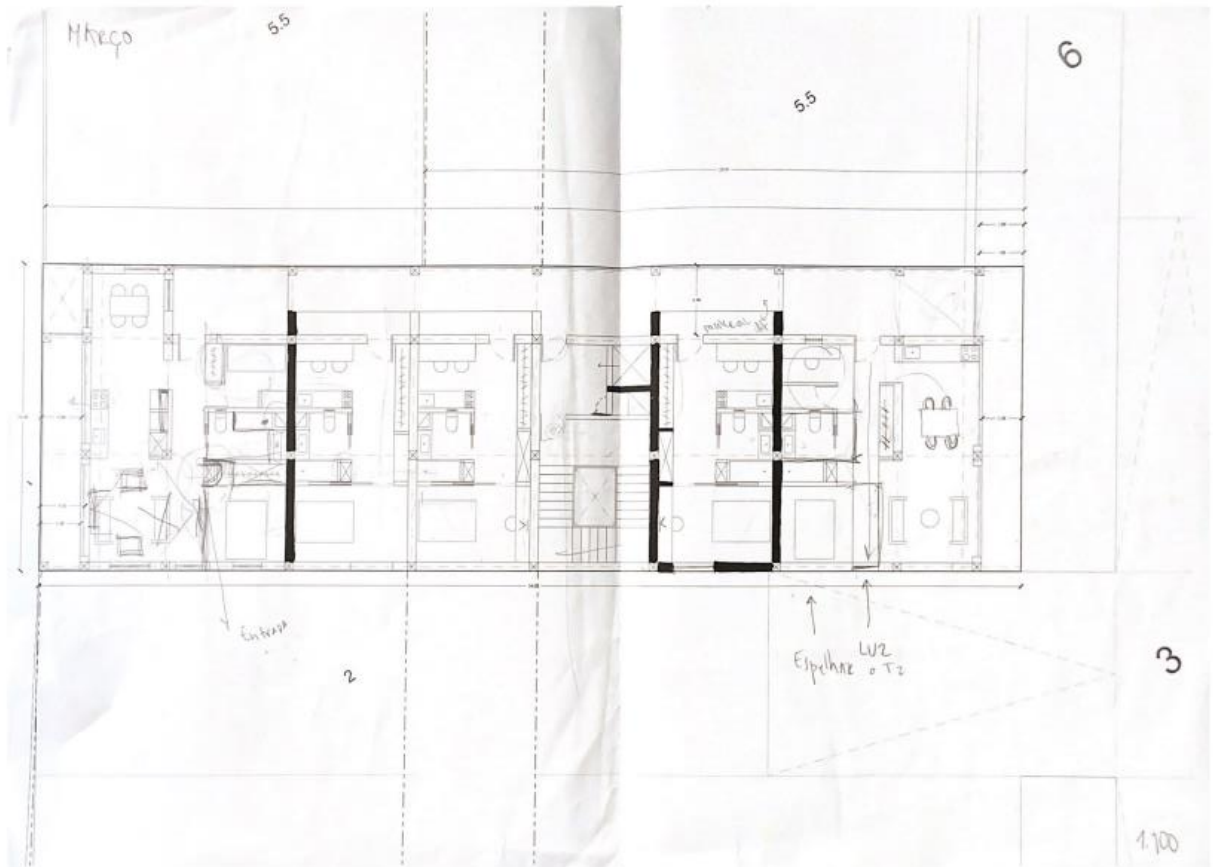
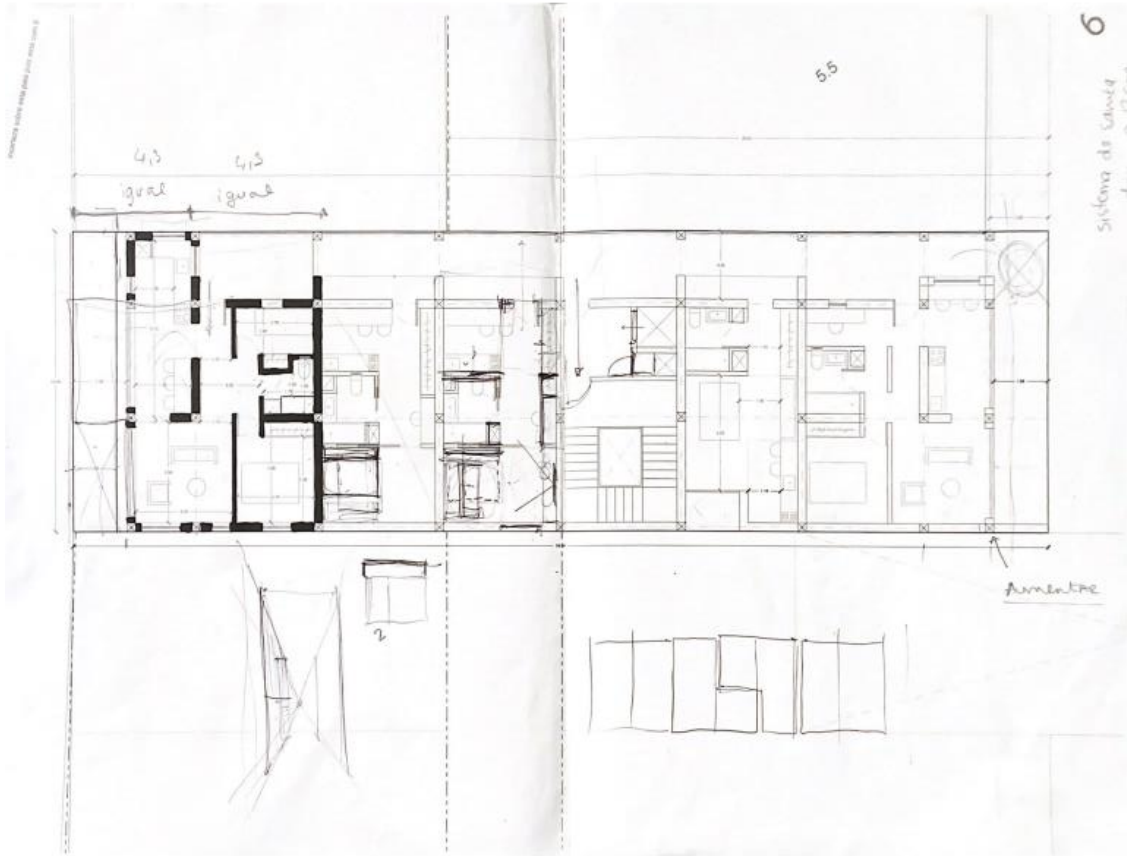


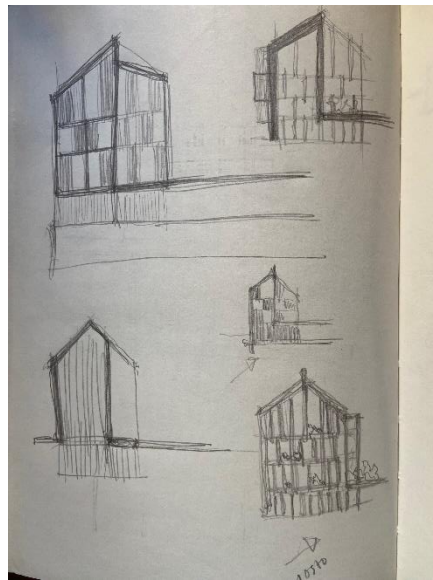
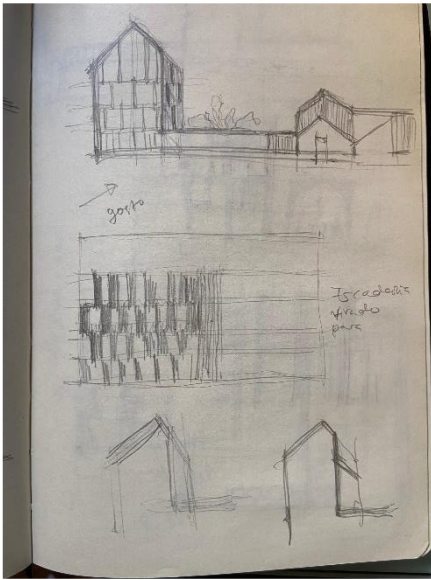
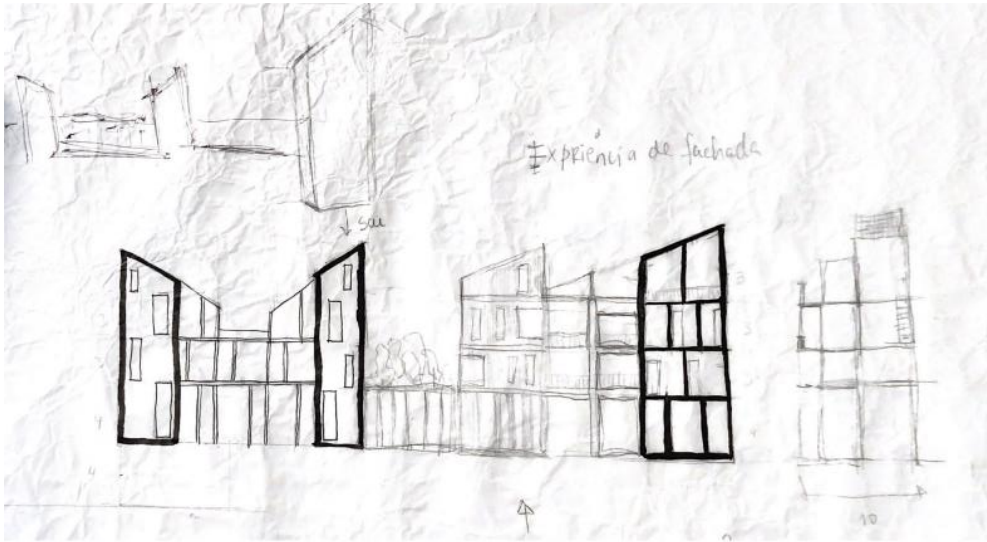


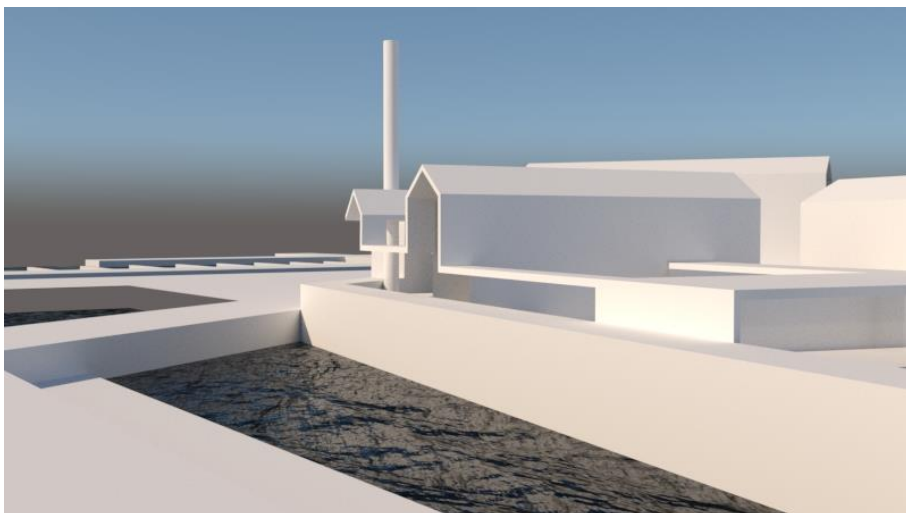
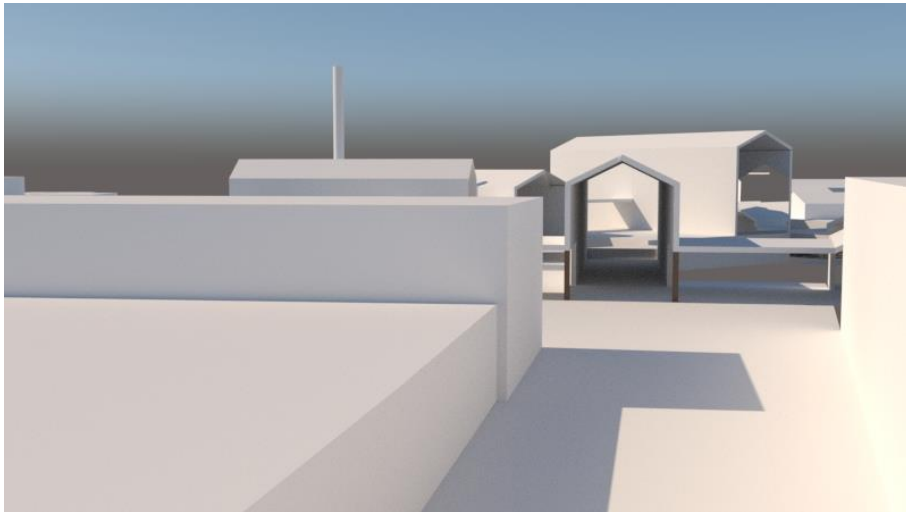
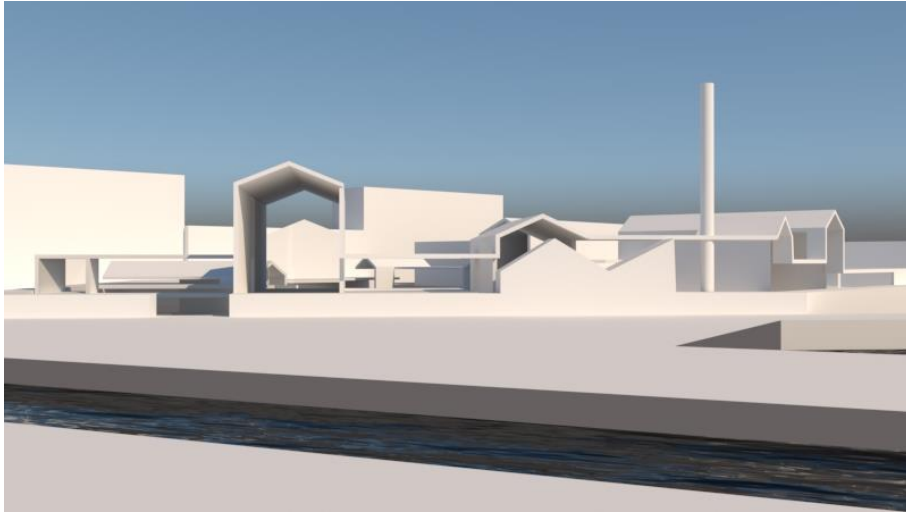


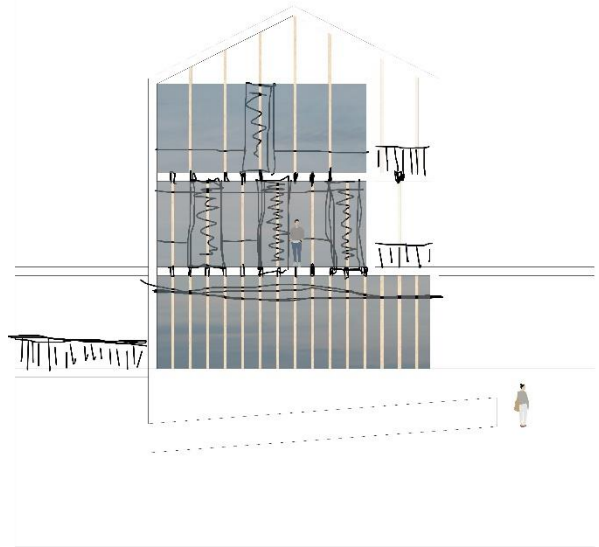




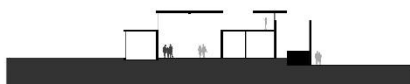
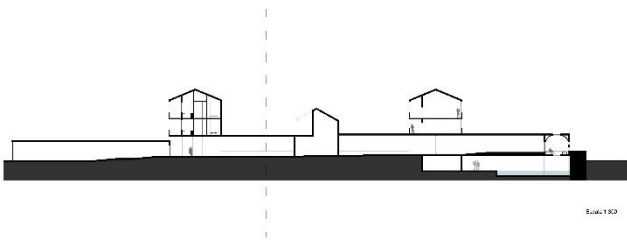
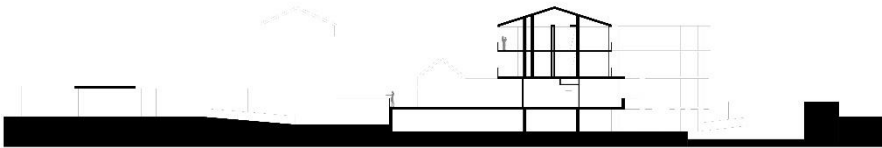








processo piso terreo - Abril



Esquema 1903

